

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS
DA RELIGIÃO

**Romaria: um espaço de intersecção do urbano com o rural
(o caso de Trindade)**

Maria Aparecida de Castro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

GOIÂNIA

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS
DA RELIGIÃO

**Romaria: um espaço de intersecção do urbano com o rural
(o caso de Trindade)**

Maria Aparecida de Castro

GOIÂNIA
2011

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA
EM 02 DE AGOSTO DE 2011 E APROVADA COM A NOTA 8,5 PELA BANCA
EXAMINADORA

1) Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Presidente)  _____

2) Dra. Irene Dias de Oliveira / PUC Goiás (Membro)  _____

3) Dr. Jadir de Moraes Pessoa / UFG (Membro)  _____

Agradeço à Profa. Dra. Carolina Teles Lemos pela confiança. E pela forma firme e carinhosa com que soube conduzir, orientar e acompanhar meus passos nessa pesquisa.

Agradeço aos romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas que generosamente compartilharam suas vidas e mais profundos sentimentos. Um especial agradecimento à família que me acolheu na pessoa de sua matriarca a Sra. Maria Pereira.

RESUMO

CASTRO, Maria Aparecida de. *Romaria: um espaço de intersecção do urbano com o rural (o caso de Trindade)*. Goiânia: PUC Goiás, 2011.

Esta dissertação é fruto de um projeto de pesquisa sobre a romaria de carro de bois para a festa do Divino Pai Eterno em Trindade – Goiás, pensada e realizada no espaço urbano, na cidade de Inhumas, enquanto palco de partida e chegada da romaria. O objetivo desse trabalho de pesquisa foi analisar a capacidade da romaria de carro de bois para a festa de Trindade de se adequar as mudanças sócio-culturais advindas do processo de urbanização. Trabalhamos principalmente com os conceitos de ruralidade, catolicismo popular/romaria e urbanização. Foi realizada uma pesquisa de campo que incluiu entrevistas a vinte romeiros e observação participante realizada durante a romaria de carro de bois para a festa de Trindade no percurso Inhumas – Trindade, do dia 23 de junho a 06 de julho de 2010. Por ser uma prática típica da ruralidade, mas praticada no espaço urbano, a romaria de carro de bois se torna um espaço de diálogo, de intersecção do urbano com o rural. É no contexto urbano marcado pelo individualismo e por uma constante avalanche de mudanças científico-tecnológicas e sociais que um grupo de romeiros de carro de bois, moradores da cidade de Inhumas, busca assumir seu *ethos* rural, vivenciando na prática da romaria de carro de bois para a festa de Trindade ideários intrínsecos a ruralidade que são: comunidade e família.

Palavras-chave: sociologia da religião, ruralidade, urbanização, romaria, catolicismo popular.

ABSTRACT

CASTRO, Maria Aparecida de. *Pilgrimage: a space of intersection between urban and countryside lifestyles (Trindade`s case)*. Goiânia: PUC Goiás, 2011.

This dissertation is the result of a research project on the pilgrimage of the ox-carts for the Divino Pai Eterno Party in Trindade – Goiás, designed and carried out in urban space in the city of Inhumas, while starting and finishing point of the pilgrimage. The objective of this research work was to analyze the capacity of the pilgrimage of ox-carts for Trindade Party suit the socio-cultural changes resulting from the urbanization process. We worked mainly with the concepts of rurality, popular Catholicism/pilgrimage and urbanization. It was carried out a field research which included interviews with twenty pilgrims and the participating observation carried out during the pilgrimage of ox-cart to the Trindade Party on the way Inhumas – Trindade, from June 23 to July 6, 2010. Being a typical practice of rurality, but practiced in urban space, the pilgrimage of the ox-carts become a dialogue and intersection space of urban with countryside. It is in the urban context marked by individualism and by a constant barrage of scientific-technological and social changes that a group of ox-carts pilgrims, residents of the city of Inhumas, seeks to take its rural ethos, living in the practice of the pilgrimage of ox-carts for the Trindade Party ideals intrinsic to rural life, they are: community and family.

Key-words: Sociology of religion, rurality, urbanization, pilgrimage, popular Catholicism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Romaria de carro de bois sendo ultrapassada por um veículo.....	36
Figura 2: Parada da romaria. Momento para descanso e conversas.....	39
Figura 3: Romaria de carro de bois indo em direção ao Bugre.....	69
Figura 4: Romaria de carro de bois passando pela cidade de Inhumas.....	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 CATOLICISMO POPULAR EM CONTEXTO DE MUDANÇA.....	13
1.1 Cultura.....	13
1.2 Religião.....	15
1.3 Mudanças em curso na religião.....	21
1.4 Religião popular.....	26
1.5 Catolicismo popular: uma expressão religiosa em mudança.....	28
1.6 Festa religiosa.....	32
1.7 Romaria.....	34
1.8 Romarias em Goiás.....	40
1.9 A devoção à Trindade e ação redentorista.....	40
1.10 As romarias de carros de boi de Damolândia e Mossâmedes.....	45
2 A ROMARIA: UM CONTEXTO DE INTERSECÇÃO DA CULTURA URBANA E RURAL.....	49
2.1 A ruralidade.....	49
2.2 Inhumas.....	55
2.3 Romaria: Inhumas – Trindade.....	62
2.4 Romaria: a saudade da terra e dos animais.....	80
3 ROMARIA: A SAUDADE DA COMUNIDADE E DE LAÇOS FAMILIARES PROFUNDOS.....	85
3.1 O urbano e seus desafios.....	85
3.2 Comunidade.....	91
3.3 Família: um espaço de concretização de laços comunitários por excelência.....	109
CONCLUSÃO.....	118
REFERÊNCIAS.....	121

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta um estudo sociológico da prática da romaria de carro de bois para a festa de Trindade praticada no ambiente urbano. As devoções e as tradições do catolicismo popular em Goiás estão marcadas pela ruralidade expressa no apego à tradição, à família, à comunidade, à terra, aos animais.

Os valores da ruralidade enraizados em mais de um século de história goiana é que impulsionam os romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas a fazerem a mesma romaria todos os anos. Aspectos típicos do urbano como: a centralidade do indivíduo, a secularização, a racionalização burocrática, o afrouxamento dos laços familiares, a fragilidade da comunidade interagem de forma complexa com aspectos típicos das ruralidades presentes no mundo urbano.

Ao analisarmos a romaria de carro de bois, prática do catolicismo popular, enquanto espaço de intersecção do urbano com o rural no complexo contexto religioso urbano, buscamos também entender o porquê de num universo “ou mercado” com tamanha gama de ofertas de práticas religiosas e liberdade para escolher entre todas elas, a romaria de carro de bois é uma oferta atraente para um grupo de romeiros que vivem no município de Inhumas?

Inhumas é um pequeno município goiano situado a 38 km da capital do Estado, Goiânia. Quem é o romeiro que sai de Inhumas com seu carro de bois rumo a Trindade todos os anos? O romeiro de Inhumas, praticante da romaria de carro de bois, é um cidadão com *ethos* camponês. Brandão (1992, p. 102) afirma que o camponês em Goiás é uma fusão de mineiros e goianos. É livre de certas etiquetas e modismos de época, têm uma maneira própria de vestir, de falar, e agir, incorpora elementos novos, sem perder a tradição, e as crenças.

Embora o romeiro de carro de bois do grupo de Inhumas, muitas vezes tenha ocupações ligadas ao cultivo da terra e a lida com os animais, como agricultor, vendedor de leite, grande parte destes tem ocupações ligadas ao urbano como: vendedor, advogado, comerciário etc. Ainda assim, estão conectados ao rural, e tem como referência de vida os valores rurais.

O romeiro praticante da romaria de carro de bois possui uma religiosidade popular muito forte, enraizada em crenças de tempos imemoráveis, que trazem em seu bojo um conjunto de valores e informações cujas referências estão na cultura rural. Há uma grande familiaridade com os santos e seus dias festivos.

Para analisarmos a intersecção, o intercâmbio, dos valores urbanos com os rurais, num grupo de romeiros da cidade de Inhumas, praticantes da romaria de carro de bois, fizemos uma pesquisa na área das Ciências Sociais. Vários autores apontam para uma mudança de paradigmas na área das ciências, entre eles, Minayo (2007, p.13) ao afirmar que a introdução de novas tecnologias, matérias primas e formas de organização da produção não só estão remodelando as bases materiais da sociedade, como vão redefinindo as relações entre a economia, o estado e a sociedade. A principal repercussão de tais processos no campo da ciência é que seus avanços já não ocorrem mais por meio de incrementos graduais numa disciplina científica dada, mas quase sempre, e cada vez mais, por meio da solução de problemas complexos que atravessam várias disciplinas.

As perguntas que buscamos responder são: De que forma a romaria de carro de bois para a festa de Trindade se torna um espaço de intersecção das mudanças sócio-culturais advindas do processo de urbanização com os valores da ruralidade? Porque uma prática religiosa característica da ruralidade com mais de um século de tradição, interatua de forma dinâmica com os valores urbanos na cidade de Inhumas? Porque uma expressão religiosa da ruralidade, que está na contramão da modernidade, pois não tem o indivíduo e sim a comunidade como centro, tem forte presença e desempenha função importante na vida de um grupo de indivíduos urbanos?

Para respondermos a tais questões realizamos uma pesquisa qualitativa. Escolhemos essa metodologia por considerá-la mais adequada para a compreensão dos acontecimentos diários, bem como os significados que as pessoas dão aos fenômenos (GIL, 2006, p. 12). E por nos permitir o acesso a um nível de realidade social que não pode ser quantificado, pois trabalha com o universo de crenças, valores significados e outros construtos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2007, p. 27).

Nosso processo de pesquisa envolveu levantamento bibliográfico, entrevistas e observação participante de um grupo de romeiros que moram na cidade de Inhumas e vivenciam o fenômeno pesquisado. Durante a romaria de carro de bois

de 2010, no percurso de Inhumas até Trindade, entrevistamos um total de 20romeiros adultos (maiores de 18 anos) que praticam a romaria de carro de bois a mais de cinco anos.

Para realizar a pesquisa participante acompanhamos o grupo de Inhumas até Trindade, entre os dias 23 de junho e 06 de julho de 2010. Hospedamo-nos com uma família que realizou a romaria.

A leitura do material coletado nas entrevistas e na observação participante nos deu uma visão mais geral visando atingir um nível técnico-científico mais apurado e um entendimento mais profundo do sentido manifesto do material. Os procedimentos adotados nos levaram a relacionar estruturas semânticas (significantes) com as estruturas sociológicas (significados) dos enunciados, articulando sua superfície com os fatores que determinam suas características como variáveis psicossociais, contexto cultural e processo de produção da mensagem. Toda esta movimentação analítica visa dar consistência interna às operações e conclusões. Minayo (2007, p. 308) ressalta que a consistência interna conseguida através de múltiplas abordagens é quase o único teste que temos para a validade das pesquisas qualitativas. Portanto, em todos os sentidos, os documentos pessoais entram no interior de um conjunto abrangente de estratégias de compreensão da realidade.

Posto isto, passamos a apresentação da estrutura interna do texto resultante de nossa pesquisa, que se configura numa dissertação de mestrado, dividida em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos alguns conceitos, dentre os quais o de catolicismo popular, localizando tal expressão religiosa no conjunto de mudanças em curso no campo religioso da atualidade, que se coloca em sintonia com outras grandes mudanças na cultura como é o exemplo da urbanização.

No segundo capítulo explicitamos a complexa intersecção do urbano com o rural na romaria utilizando carro de bois, no espaço urbano. Buscamos analisar porque essa expressão do catolicismo popular em Goiás se mantém viva a mais de um século, ao invés de se perder frente às demandas da vida urbana, individualista, com abundância de informações e tecnologias cada vez mais avançadas. Encontrar pontos de interlocução do urbano com o rural contribui para a uma melhor apreensão das nuances presentes na sociedade urbana em que vivemos. No intuito de compreender tais nuances, analisamos o conceito de ruralidade; apresentamos o município de Inhumas, onde a romaria de carro de bois é planejada e vivida

enquanto ponto de partida e de chegada e narramos caminhada da romaria de carro de bois para a festa de Trindade, no percurso Inhumas -Trindade.

No terceiro capítulo mostramos algumas das características da cultura urbana que percebemos apresentarem-se aos romeiros de carro de bois de Inhumas como provocações ao seu *ethos* rural, fazendo com que apelem à busca da manutenção de traços da cultura rural; destacamos entre os traços da cultura rural os que, aos nossos olhos, continuam como algo positivo no imaginário dos romeiros do grupo de Inhumas quando se encontram vivenciando a densidade da cultura urbana. Abordamos a influência do ideário de comunidade e de família na identidade do romeiro de carro de bois de Inhumas.

O enfoque dado à pesquisa e a análise do material coletado é sociológico, deixando claro que não se trata de um trabalho de cunho teológico sobre as práticas religiosas do povo goiano, mas sim da análise sociológica da romaria de carro de bois para a festa de Trindade – Goiás, no cenário religioso contemporâneo. De fato a relevância dada ao objeto da pesquisa consiste em demonstrar não só o caráter sagrado desse fenômeno, mas o seu alcance social, enquanto explicitador do contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social.

1 O CATOLICISMO POPULAR EM CONTEXTO DE RELIGIÃO EM MUDANÇA

São desafios do(a) pesquisador(a) da religião entender as continuidades, as rupturas, as conexões, os deslocamentos, as permanências e as resignificações das práticas religiosas seja como experiência subjetiva dos indivíduos, seja como manifestação social. É por esse motivo que nos propomos analisar o catolicismo popular, mais especificamente a romaria de carro de bois para a festa de Trindade – Goiás, no bojo de um processo macro de mudanças socioculturais que é a urbanização. Para desempenhar tal tarefa, tratamos, neste capítulo, de apresentar alguns conceitos, dentre os quais o de catolicismo popular, situando tal expressão religiosa em um contexto de mudanças no campo religioso atual, que se coloca em consonância com outras mudanças na cultura.

1.1 Cultura

As mudanças na cultura ecoam na religião. A religião é um dos aspectos da cultura. Em termos bastante atuais, falamos que a cultura está mais no quê e como nós trocamos mensagens e nos dizemos palavras e ideias entre nós e a nosso respeito (BRANDÃO, 2007, p. 23). A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser inscritos de forma inteligível, isto é descritos com densidade (GEERTZ, 1989, p. 24).

A romaria de carro de bois é uma prática do catolicismo popular inserida na cultura popular. Por conseguinte o conceito de cultura que nos interessa mais de perto é o de cultura popular. Parker (1996, p. 53) afirma que cultura popular não é sinônimo de cultura da pobreza. A cultura popular é resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, num processo em que os setores subalternos realizam uma elaboração específica de suas condições de vida por meio de uma interação conflitiva com os setores hegemônicos da sociedade.

Para entendermos a cultura popular é preciso ter um conceito claro do que é cultura. Geertz (1989, p. 24) define cultura como “um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado e expresso em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”. E a religião é “um sistema de símbolos que atua

para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos seres humanos”.

Brandão afirma que entre tantos elementos que compõem a cultura popular a religião talvez seja o melhor caminho para compreendê-la:

Ali ela aparece viva e multiforme e, mais que em outros setores de produção de modos sociais da vida e de seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos (BRANDÃO, 2007, p. 19).

Brandão (2007, p. 20) destaca que para o sujeito popular a religião é o explicador mais usual e mais acreditado. Nas formas populares de cultura não há esferas que não estejam abrangidas e significadas pelos valores do sagrado. “É na religião que os proletários e, sobretudo os camponeses criam suas crenças mais duradouras, derivando-as da docência erudita, das igrejas ou recriando-as segundo suas próprias experiências em todos os setores de trocas sociais” (BRANDÃO, 2007, p. 20).

Não é de se estranhar o número tão grande de pesquisas sobre as religiões dos subalternos: o catolicismo popular, o pentecostalismo, os cultos de possessão da umbanda. Também não é estranho que de alguns anos pra cá os estudos etnográficos cedam espaço para o teor político das relações efetivas entre formação social, suas classes e suas religiões (BRANDÃO, 2007, p. 21).

Segundo Brandão, Marx tem razão ao afirmar que: “é muito mais fácil descobrir o cerne terreno das nebulosas representações religiosas, analisando-as, do que seguindo o caminho oposto, descobrir a partir da vida real, as formas celestiais correspondentes a essas relações” (MARX, 1968, p. 45). Ao explicar a ordem social do sagrado, desvenda-se o lugar onde o político é mais extraordinário. E o que o faz ser assim é o poder da religião de ocultar, sob seus símbolos os interesses terrenos de seus produtores sociais (BRANDÃO, 2007, p. 23).

A religião tem o poder de consagrar ou legitimar diferentes situações. A função de legitimação da religião se realiza na medida em que se tem claro, quais são os interesses religiosos a que estão ligados os agentes sociais. Interesses e necessidades sempre estão camuflados em todas as práticas religiosas (OLIVEIRA, 1985, p. 109).

Voltamos à ideia inicial, um dos melhores caminhos para compreender a cultura popular é estudar a religião.

1.2 A religião

A religião é o aspecto mais visível do nosso objeto de estudo. Entretanto não queremos entender a religião em si. Buscamos a religião como um caminho para entender a sociedade. A religião é parte integrante do sistema social, é um dos fios que compõe a tecitura social. Nas palavras de Durkheim (1989, p. 30) a religião é a própria sociedade. Ela reforça, legitima aquilo que o grupo social quer que seja legitimado e serve para o ser humano entender sua condição de vida em determinada posição social. Se a religião legitima o que o grupo social quer que seja legitimado e dá ao ser humano condições de entender sua condição de vida, cabe a nós questionarmos o que um grupo de romeiros praticantes da romaria de carro de bois, busca legitimar com sua prática. Em que medida a prática da romaria de carro de bois possibilita ao romeiro entender-se no mundo.

A religião é maior que todas as instituições sociais, pois confere significado à vida do ser humano. E tem uma capacidade incontestável de se adequar tanto a mudanças internas quanto a processos amplos de mudanças socioculturais, caso contrário perderia sua viabilidade de portadora de sentido para a vida dos seres humanos.

Durkheim afirma que “os ritos mais bárbaros ou mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida quer individual, quer social” (DURKHEIM, 1989, p. 30). A religião sempre revela alguma necessidade do ser humano. Então a questão a responder é sempre que necessidade humana, tal prática religiosa satisfaz. A questão a ser por nós respondida é: que necessidade o romeiro de Inhumas busca satisfazer com a prática da romaria de carro de bois.

Dentre os aspectos que chamam atenção na romaria de carro de bois está toda sua simbologia rural: o carro de bois, os bois, a vestimenta dos romeiros, enfim a romaria de carro de bois tem toda uma simbologia ligada a ruralidade.

A vida humana está visceralmente atada aos símbolos e se a capacidade de utilizar símbolos falha perdemos nossa viabilidade como seres humanos e mergulhamos no caos. “A religião ancora o poder de nossos recursos simbólicos [...]

de expressar emoções, disposições, sentimentos, paixões, afeições, sensações” (GEERTZ, 1989, p. 119). A perspectiva religiosa para Geertz (1989, p. 128) é o “verdadeiramente real e as atividades simbólicas da religião como sistema cultural se devotam a produzi-lo, intensificá-lo tanto quanto possível”.

Os seres humanos são seres simbólicos. A vida humana é um contínuo desfiar de ritos e símbolos que viabilizam a existência, sem os quais a vida perderia o sentido. Entre os símbolos que povoam a vida humana, os mais poderosos e mobilizadores são os símbolos religiosos. Geertz (1989, p. 103) afirma que “os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo [...] e sua visão de mundo”.

Como já afirmamos a religião é um dos caminhos para entender a sociedade, e para entender a sociedade é preciso chegar ao *ethos* dessa mesma sociedade, através da vida prática, cotidiana das pessoas fora do campo religioso, mas que se expressa através da prática religiosa. Descobrimo o conteúdo da religião da comunidade chegaremos também ao seu *ethos* que segundo Geertz são:

Os aspectos morais de uma determinada cultura; os elementos valorativos da cultura: o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete (GEERTZ, 1989, p. 143).

O poder do símbolo é tamanho que este influencia todos os aspectos da vida humana. O símbolo é para Geertz fonte de informação, código de padrões culturais e psicológicos que modelam o comportamento humano. “Todo comportamento humano se origina nos símbolos. Sem o símbolo não haveria cultura e o homem seria apenas animal e não um ser humano” (LARAIA, 1999, p. 56).

Toda simbologia presente na prática da romaria de carro de bois expressa a identidade rural doromeiro que pratica a romaria. Para Geertz (1989, p.113) ao recorrer aos símbolos religiosos o homem busca uma garantia cósmica de compreender o mundo. O significado no simbolismo religioso é um dos mais importantes, tal simbolismo relaciona a existência do homem com suas dores, sua perplexidade moral a uma esfera mais ampla de poder, que nas religiões tribais reside no poder das imagens, nas religiões místicas na força inegável da experiência supersensível e nas religiões carismáticas no poder persuasivo de uma figura extraordinária (GEERTZ, 1989, p. 119).

A religião é maior que as instituições. É uma forma de perceber o mundo. E “é uma legitimadora eficaz porque relaciona a realidade suprema as frágeis construções sociais da realidade, erguidas pelo homem” (BERGER, 1985, p. 49).

A realidade do romeiro praticante da romaria de carro de bois que vive no espaço urbano caracteriza-se por uma grande complexidade. O individualismo e as vertiginosas mudanças tecnológico-científicas afetam a vida de todos os cidadãos. E é aí que entra a religião na vida do romeiro. A prática da romaria de carro de bois mantém o romeiro em harmonia com a tradição e com sua identidade rural mesmo na cidade.

A religião tem uma grande capacidade de adequação a mudanças de toda ordem, porque é atemporal e dá as últimas e definitivas respostas ou teodicéias às necessidades, aos sofrimentos humanos. Sociólogos clássicos como Comte, Marx, e Weber, disseram que a religião atingiu seu ápice na era pré-moderna. Com o processo de globalização a influência religiosa inegavelmente diminuiu no macronível, mas permanece com suas funções no nível microsocial, no qual provê as pessoas com complexos significados e símbolos suficientes para que orientem suas vidas num mundo confundido pela complexidade e pela mudança (MOREIRA, 2007, p. 14).

Na atualidade nem todas as estratégias de estar no mundo são fundamentalmente religiosas. A moderna fórmula da vida humana atual seria: os seres humanos estão sozinhos para tratar das coisas humanas. Nesse mundo feito conforme a medida humana e guiado inteiramente pelas necessidades humanas o homem é livre para fazer suas escolhas. A ideia da autossuficiência humana minou o domínio da religião institucionalizada. A grande angústia da experiência humana atual é a experiência da liberdade, da miséria da vida composta de escolhas arriscadas, que sempre significa aproveitar algumas oportunidades e perder outras e o imprevisto torturante das consequências das próprias escolhas (BAUMAN, 1998, p. 227).

Para Bauman (1998, p. 228) é desse contexto de liberdade que surge o fascínio do fundamentalismo com sua promessa de emancipar os convertidos das agonias das escolhas. A racionalidade do mercado promove a liberdade de escolha, já a racionalidade fundamentalista coloca a certeza e a segurança em primeiro lugar e condena tudo que mina essa certeza se refugiando no totalitarismo. O conteúdo democrático da prática religiosa comunitária é um antídoto contra o vírus do

totalitarismo, perigo que ronda todas as confissões religiosas. A romaria de carro de bois é uma prática comunitária, o que não a livra dos genes do poder que é a “probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade.” (WEBER, 1991, p. 33).

Quando o ser humano moderno parecia ter se emancipado, através do processo de secularização e estaria criando uma sociedade que ofereceria condições para ser feliz sem religião, quando se pensava que o domínio público havia definitivamente conquistado uma autonomia definitiva em relação à religião, e o processo de secularização havia se concretizado e a religião restringia agora seu domínio à esfera privada e familiar, surgem os movimentos fundamentalistas (KEPEL, 1995, p. 13). Nenhuma prática social ou política quando feita em nome de uma crença religiosa está totalmente livre do fundamentalismo.

Os motivos da vitalidade e atualização da religião são vários. A religião que hoje se redescobre e se ressignifica, para Vattimo (2004, p.114) não é dogmática e rigidamente antimoderna. Vattimo (2004, p. 127) ressalta que a religião, que se reapresenta em nossa cultura, deve abandonar a ideia de poder fundar a ética religiosa e se abrir a razões menos absolutas e mais historicamente definidas por meio da mobilização da cultura compartilhada e da crítica desta. “É possível dizermos que ao contrário de toda expectativa leiga, a renovação de nossa vida civil no Ocidente, em uma época pluricultural, é, sobretudo, uma questão de renovação religiosa”. (VATTIMO, 2004, p. 128).

As instituições tradicionais segundo Sanchis (2006, p. 03.) apresentam cada vez mais brechas por onde podem inserir-se experiências, subjetividades, relativizações. Quando parecia enfraquecer-se a força ordenadora das religiões, dessas mesmas religiões nascem espaços onde esses traços encontram abrigo e legitimação. Lembremos das aparições mariais e do movimento carismático na igreja católica, do sufismo no Islã brasileiro, do fascínio exercido pelo budismo ou pela meditação transcendental, etc.

Na ótica de Sanchis (2006, p. 3) parece que está sendo procurado um novo tipo de acerto entre a autonomia (criativa) do indivíduo e a adesão confirmadora a uma “Igreja” (no sentido de Durkheim). Não sem a presença de franjas de sincretismo e também não sem ambivalência, em constante processo dialético, entre tradição e novidade, permanência e transformação.

O pesquisador da religião quer entender a sociedade. E como já destacado a religião é um dos possíveis caminhos para isso. A questão que o pesquisador busca responder é: o que eu consigo ver da sociedade através dessa prática religiosa. A religião é buscada pelo ser humano para resolver algum problema, alguma necessidade na concretude da vida. “O homem não é um ser abstrato, acovardado fora do mundo” (MARX, 2004, p. 45). Para entender o ser humano é preciso olhá-lo na materialidade da vida, entender como e onde ele vive e se relaciona. O problema não está na oferta religiosa, o problema é a necessidade concreta, real do ser humano. Sendo assim, perguntamos o que o romeiro, praticante da romaria de carro de bois, que vive no espaço urbano, está buscando na religião, na prática da romaria de carro de bois, que problema ele busca resolver? O conteúdo da religião é o conteúdo da vida. Quais demandas cotidianas o romeiro do grupo de Inhumas busca resolver quando se dispõe todos os anos a fazer uma longa e penosa caminhada tanto para ele, quanto para sua família e para os animais, com certeza mais para os animais.

Pensando nos efeitos práticos da religião na vida do indivíduo Weber (1991, p. 279) afirma que não se pode separar a dimensão religiosa do indivíduo de suas ações cotidianas ligadas a um fim, geralmente econômicas. “As ações religiosas ou magicamente exigidas devem ser realizadas para que vás muito bem e vivas muitos anos sobre a face da terra”. (WEBER, 1991, p. 279).

O individualismo característico da modernidade, a liberdade e suas consequências, e a racionalização que caracteriza a vida do ser humano moderno, não dão conta de responder a grande demanda humana que é viver muito bem e se possível não morrer nunca. Segundo Weber (1991, p. 279) as pessoas praticam religião para responder questões com as quais elas não conseguem lidar satisfatoriamente. E como qualquer outro aspecto da sociedade, a religião também passou por um processo de racionalização, passando da magia, a crença nos espíritos e nas almas, e nos deuses e demônios até chegar à religião ética que é altamente racionalizada.

A ação religiosa é racional e está voltada para este mundo e é orientada por meios e fins. A relação concreta e historicamente construída do ser humano com as forças “suprassensíveis”, na perspectiva de Weber (1991, p. 282) influi sobre a vida e a economia da sociedade. O reino das almas, demônios e deuses que levam uma

existência extraterrestre, não palpável, que só é acessível através de símbolos e significados, se esconde por trás de processos reais e de ações simbólicas.

Na lógica da sociedade capitalista e consumista, em que vivemos a prática da romaria de carro de bois, beira a irracionalidade, mas Weber (1991, p. 280) afirma que a ação religiosa é racional e está voltada para este mundo e é orientada por meios e fins. Adotando a perspectiva weberiana, podemos afirmar a romaria de carro de bois é uma prática religiosa racional voltada para determinados fins, que fins seriam esses?

A religião dá aos seres humanos a consciência da insuficiência humana, há coisas que não podemos fazer e coisas que não podemos compreender. Bauman (1998, p. 227) afirma que a grande angústia da experiência humana atual é a experiência da liberdade, composta de escolhas arriscadas, que sempre significa aproveitar algumas oportunidades e perder outras. O imprevisto torturante das consequências das próprias escolhas atormenta o indivíduo moderno.

Como já foi dito, nós somos seres simbólicos. A vida humana está visceralmente atada aos símbolos e se a capacidade de utilizar símbolos falha perdemos nossa viabilidade como seres humanos e mergulhamos no caos, na anomia. Durkheim (1989, p. 283) afirma que a religião é o sentimento que a sociedade inspira aos seus membros, projetado fora das consciências individuais através das representações coletivas dos símbolos e dos ritos, que são os mecanismos que possibilitam essa relação. É através dos símbolos, que se descobre, o que realmente conta para um grupo. Toda simbologia da romaria de carro de bois, dá ao romeiro a oportunidade de viver intensamente sua identidade rural.

É através da religião que o romeiro praticante da romaria de carro de bois busca se viabiliza enquanto ser humano e se resguarda do individualismo, vivendo no grupo de romeiros de carro de bois uma experiência de comunidade, de socialização. O grupo de romeiros se torna também um espaço de proteção contra o risco de perda dos laços familiares o que para o romeiro de carro de bois seria o caos, a anomia.

Embora tenha perdido seu posto hegemônico em termos socioculturais a religião e mais especificamente o catolicismo está constantemente se readaptando. Entre essas readaptações do catolicismo está a prática da romaria de carro de bois no espaço urbano. A romaria de carro de bois é uma prática do catolicismo popular

incrustada na cultura popular com raízes profundas na ruralidade que se mantém com fôlego mesmo ante ao pluralismo de ofertas no campo religioso. A grande profusão de mudanças tecnológicas, científicas e culturais em curso atualmente, traz também em seu bojo profundas e irreversíveis mudanças na religião.

1.3 Mudanças em curso na religião

O filósofo grego Heráclito (540 a.C.) afirma que tudo flui e que encontramos o nosso propósito na mudança. Possivelmente essa premissa seja válida para a religião. Mudar é intrínseco à condição humana se o ser humano muda, se a sociedade muda, também muda a religião. Para localizarmos a religião popular, o catolicismo popular no complexo e amplo processo de mudanças porque passa a religião, vamos aprofundar a análise da conjuntura religiosa da atualidade.

O contexto religioso da modernidade vive uma situação pluralista que implica numa rede de estruturas burocráticas engajadas em negociações racionais com o conjunto da sociedade e umas com as outras. O pluralismo afeta também o conteúdo religioso. Enquanto as instituições religiosas detinham o monopólio na significação e moralização da sociedade, seus conteúdos eram determinados pelo saber teológico plausível e/ou conveniente para a liderança religiosa, agora a dinâmica se centra na preferência do consumidor. Nesse contexto fica cada vez mais difícil manter as tradições religiosas como verdades imutáveis (BERGER, 1985, p. 156).

Lemos (2004, p. 74), afirma que o campo religioso brasileiro é bastante variado e complexo. No Brasil multiplicam-se as igrejas pentecostais e neopentecostais; e os movimentos de tipo carismático ao interno das igrejas tradicionais como a católica, estes apresentam um crescimento extraordinário. É comum encontramos movimentos como os Moons, Hari Krishna, Cientologia, Missão da Luz Divina, Meditação Transcendental. E ao lado deles, encontramos a procura por duendes, cristais, pirâmides, incensos, montanhas, grutas e outros locais e objetos que colocam as pessoas em contato com o mundo do sagrado.

Steil e Herrera (2010, p. 355) destacam que a paisagem religiosa brasileira deixa transparecer uma grande complexidade tanto no meio rural, onde as capelinhas de beira de estrada vão dando lugar aos pequenos templos de diversas denominações pentecostais, quanto nos centros urbanos, onde as catedrais

católicas e as igrejas paroquiais disputam em ostentação com novos e modernos templos neopentecostais. Esta impressão se reforça quotidianamente por notícias da mídia que destacam o crescimento dos evangélicos e a perda de hegemonia do catolicismo no interior do campo religioso brasileiro. A favor desta imagem concorrem os dados estatísticos dos últimos censos que constata a evasão constante de fiéis católicos para as religiões pentecostais e para os “sem religião”.

Mas se esta observação da paisagem religiosa e os dados estatísticos apontam para um descompasso entre o catolicismo e as tendências dominantes no atual campo religioso brasileiro, pesquisas nesse campo chamam a atenção para processos internos ao próprio catolicismo que estariam conferindo-lhe um novo vigor, disputando com os evangélicos a mobilização de multidões em performances rituais, assim como a ocupação de espaços na mídia.

Seguindo a pista aberta por Hervieu-Léger (2008), Teixeira (2005, p. 19) afirma que a situação de mobilidade, típica da uma modernidade religiosa tecida pelas experiências pessoais, favorece o surgimento de outra figura na paisagem das religiões, que é a do convertido. Trata-se de uma figura que se encaixa bem para exemplificar a afirmação identitária presente em algumas experiências religiosas do catolicismo, em curso no Brasil, como a Renovação Carismática Católica (RCC) e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). A conversão vem aqui entendida não como mudança de religião ou inserção religiosa de pessoas que jamais pertenceram a qualquer outra tradição, mas de “refiliação” religiosa. É uma experiência que envolve pessoas que descobrem ou redescobrem uma identidade religiosa até então vivenciada superficialmente.

Desde uma perspectiva geral pode-se observar que o catolicismo perde sua hegemonia, enquanto um sistema religioso e moral dentro da sociedade brasileira, mas no âmbito das práticas ele se renova, configurando-se como uma oferta, entre outras, de produção de sentidos e crenças para indivíduos e grupos que encontram aí um contexto adequado para sua experiência religiosa e moral. Mesmo perdendo a hegemonia no campo religioso brasileiro, o catolicismo demonstra uma enorme capacidade de mudança e adequação (STEIL, HERRERA, 2010, p. 355).

Vivemos um novo pluralismo que na ótica de Wood (2003, p. 219), supera o reconhecimento de interesses divergentes e a tolerância de opiniões diversas e se ajusta na concepção de que “a diversidade penetra as externalidades dos interesses

e vai até a profundidade psíquica da subjetividade ou identidade e avança para além da opinião e do comportamento político até a totalidade dos estilos de vida”.

Nesse contexto marcado por esse novo pluralismo necessita-se reconhecer que a atualidade e a importância da experiência religiosa na sociedade contemporânea não significam uma volta ao passado. Para Sanchis (2008, p. 12) trata-se do reconhecimento de que dimensões constitutivas da religião são elementos vitais nos processos de interpretação dos fatos sociais e de fazer e refazer identidades pessoais e coletivas. O pluralismo, a liberdade, a busca pela igualdade na diferença que caracteriza a modernidade tem uma interface no campo religioso “ou mercado religioso” atual, cuja primazia, o foco não está mais na “oferta religiosa” e sim na escolha do indivíduo livre, secularizado, urbano. O indivíduo moderno pode escolher ou não, uma das várias opções que lhes são oferecidas. Cabe a cada “oferta religiosa” se reinventar, se adequar as mudanças para se tornar atraente.

O pluralismo religioso segundo Steil (2001, p. 2) é um fenômeno moderno, que tem sua origem na ruptura do monopólio de uma religião como a Igreja oficial quebrado também pelo avanço da "razão secular", através das ciências. A diversificação do campo religioso resulta do rompimento da relação orgânica entre Estado e religião. Assim, a perda de um aparato estatal, introduziu uma transformação estrutural que redefiniu o papel da religião na modernidade. “Na medida em que a religião deixa de ser fundante do social, enquanto sua base ou forma de organização, ela permite a emergência de diferentes grupos religiosos” (STEIL, 2001, p. 2).

Para Steil (2001, p. 3) o campo religioso da modernidade, abriga todas as religiões, sejam elas institucionais, como o catolicismo, o protestantismo, o budismo, o islamismo, sejam sistemas de crenças sem uma referência institucional definida ou visível, como é o caso dos cultos de possessão. O campo religioso hoje é o espaço da liberdade. A secularização multiplica os universos religiosos, de forma que a sua diversidade pode ser vista como interna e estrutural ao processo da modernidade.

Secularização refere-se diretamente a um mesmo processo histórico que possibilitou enormes mudanças em sociedades fundadas sobre um único princípio religioso organizador. A modernidade realizou efetivamente profundas transformações no campo religioso, reordenando diferentes formas de expressão religiosa, institucionais e não-institucionais. A ampliação e o alargamento do campo

religioso no contexto moderno fazem das práticas religiosas populares campo fértil para possibilidades de arranjos entre: moderno/tradicional, urbano/rural. O popular e o emocional, que resistiram ao monopólio e hegemonia do sistema oficial institucionalizado, podem hoje se expressar legitimamente, caracterizando uma revitalização que era abafada pelo sistema dominante (STEIL, 2001, p. 5).

Analisando outros aspectos das mudanças no campo religioso Moreira (2007, p. 18) destaca que os processos de globalização trouxeram transformações duradouras para o campo religioso. Eis algumas delas:

- Religião e ordem global se interpenetram, ainda que faltem dados teóricos suficientes para dimensionar todo o processo, pode-se inferir que a religião continua sendo um fator importante de transformação social, os exemplos mais fortes são a difusão do Islamismo, a exportação do Hinduísmo, do Budismo, e a expansão dos pentecostais.
- Uma combinação de elementos de universos simbólicos diversos, em termos de ressignificação, justaposição ou homogeneização de elementos, gostos e comportamentos, molda o campo religioso.

Moreira (2007, p. 19) destaca que a globalização trouxe a religião da escolha do indivíduo, todas as pesquisas apontam a perda de autoridade das instituições religiosas, o clero passa por uma crise funcional. Há maior autonomia dos indivíduos na montagem de seus próprios sistemas religiosos. Para Moreira:

Outras instituições sociais assumem funções das Igrejas no campo cultural, especialmente o complexo midiático-cultural que envolve televisão, internet, cinema, literatura, esporte, publicidade. Essas instituições produzem símbolos, sentidos, explicações sobre o real e figuras para a imitação, a fidelidade e mesmo a devoção das pessoas. Quer dizer o religioso desdobra extravasa o religioso tradicional (MOREIRA, 2007, p. 19).

Entre as ofertas que povoam o campo religioso atual está a religião que Pierruci (2006, p. 121) designa de religião de tipo soteriológico congregacional. Em seu texto: “A religião como solvente”, o autor alerta que essa religião é destrutiva, predatória. É uma religião de salvação individual que destaca partes, despedaça relações sociais herdadas, recruta desterritorializa indivíduos de suas rotas convencionais, desqualificando outros sistemas de crença, criticando e condenando

outras condutas de vida que não se enquadrem nos padrões dessa religião. A conversão religiosa individual arruína os laços outrora consolidados, pois desliga a pessoa de sua cultura-mãe, das pessoas de sua rede de relações, de sua comunidade de pertencimento e de toda riqueza, sofrimento e beleza de sua história de vida de antes da conversão (PIERRUCI, 2006, p. 122).

Do ponto de vista das instituições religiosas o pluralismo se constitui numa ameaça da perda de controle sobre os sentidos e os bens simbólicos produzidos em seu interior, segundo Steil (2001, p. 60) isso deu origem a duas atitudes recorrentes: a funcionalidade, em que as religiões procurariam afirmar sua identidade a partir de um núcleo de valores exclusivos (culturais, étnicos, morais) e a performance, onde as religiões buscam atuar ecumenicamente pela afirmação de valores universais, ligados especialmente ao campo dos direitos individuais e sociais.

O catolicismo oficial, como outras instituições religiosas tradicionais, destaca Teixeira (2005, p. 18) encontra-se num momento de crise e declínio. Tal crise coloca em questão a forma usual de preservação da tradição e exige processos criativos de sua reinvenção e inserção no tempo. As instituições tradicionais passam por uma “desregulação” identitária e uma grande dificuldade de transmissão dos valores religiosos de uma geração para outra. Há uma crise na “construção individual da continuidade crente”. Uma crise que se traduz pelo progressivo enfraquecimento da figura do praticante regular, em geral associada a comunidades de sentido fortemente constituídas, em favor da irrupção da figura do peregrino, que traz consigo as marcas da mobilidade construída a partir de experiências pessoais.

Segundo Parker (1996, p. 181) o catolicismo não é mais uma referência em termos culturais e nem simbólico-religioso. Em meados do século XX o continente latino americano viu-se trasbordado por migrações cidade-campo, pela emergência das classes médias e da classe operária e pela concorrência ameaçadora de ideologias secularistas (anticlericalismo, positivismo, maçonaria, socialismo). “A tutela eclesiástica católica sobre as elites decisivas na sociedade que se urbanizava e se industrializava chegava ao seu ocaso. O indiferentismo e não o ateísmo secularista começa a permear o *ethos* urbano” (PARKER, 1996, p. 182).

Discutir e buscar compreender as práticas do catolicismo popular no ambiente urbano, catolicismo esse, personificado na romaria de carro de bois, prática religiosa secular que continua viva no ambiente urbano, marcado por um vertiginoso avanço científico e tecnológico e dominado pelo individualismo, pela globalização e por

grande pluralidade de escolhas no campo religioso, leva-nos a compreender com mais clareza os meandros de funcionamento da sociedade atual.

Como demonstrado na análise acima, há um processo amplo e complexo de mudanças em curso na religião. E a religião popular, como se insere nessas mudanças no campo religioso da atualidade?

1.4 Religião popular

A definição de religião popular é um ponto-chave no entendimento do nosso objeto de estudo, a romaria de carro de bois, pois esta é uma das manifestações da religiosidade popular.

Sanchis (2008, p. 10) afirma que expressões como: "se Deus quiser", "vá com Deus!", permeiam o cotidiano dos brasileiros(as). "Deus e fé" marcariam assim a "religiosidade mínima do brasileiro". Essa religiosidade popular originou-se com o processo colonizador e perdura até hoje. Está clara a existência de uma diferença, que distingue o Brasil no campo religioso mundial. Há em torno do universo social brasileiro, a existência de um anel, dotado de vida própria: uma população de espíritos, de orixás, de santos, de mortos, de demônios, às vezes nitidamente distintos, e submetidos muitas vezes a processos de troca de identidade, de valor e sentido (SANCHIS, 2008, p. 10).

De onde vem esse universo? As origens são múltiplas, distribuídas ao longo da história do Brasil. Sanchis (2008, p. 11) afirma que além da influência do universo indígena, temos a influencia africana de Angola, por meio de Portugal. Também de Portugal vem o fundo longínquo do universo do imaginário medieval, todos diferencialmente povoados pela convivência com fantasmas do outro mundo, pela experiência quotidiana de sonhos significativos, pela mediação das coisas e dos seres da natureza, pelo curandeirismo e a magia, pelo embate ambíguo entre santos e demônios. É toda essa riquíssima mistura que caracteriza o universo religioso brasileiro.

Sanchis (2008, p. 11) destaca que mais recentemente, chega outro importante componente da religiosidade popular no Brasil. De origem europeia o espiritismo irá se articular com tradições anteriores: indígenas, medievais portuguesas, mais globalmente católicas, africanas e esotéricas, para constituir uma camada de sentido densamente presente, cada vez mais frequentemente

reconhecida pelos estudiosos, que tendem a fazer dela hoje um vetor fundamental da religiosidade brasileira.

Numa análise dos impactos da modernidade e da globalização sobre a religiosidade popular, Lemos afirma:

Nos meios populares multiplicam-se as caminhadas, novenas, procissões, pagadores(as) de promessas, romarias, benzeduras, etc. Práticas religiosas como as afro-brasileiras, as espíritas e outras que existiam na clandestinidade, estão agora a plena luz do dia, até mesmo com páginas na *Internet*. O dinamismo religioso presente na sociedade atual nos leva a crer que o processo de secularização está seguindo as próprias características da modernidade e da globalização, com todas as ambiguidades que esses fenômenos apresentam (LEMOS, 2004, p. 74).

Ao analisar a religiosidade do povo, Parker (1996, p. 42-49) utiliza o termo “religião popular” para tratar cientificamente o fenômeno religioso popular na América Latina e afirma que a religião popular é a: “manifestação da mentalidade coletiva sujeita às influências de um processo de modernização capitalista e de suas manifestações na urbanização”.

Parker (1996, p. 46) ressalta que muitas vezes tende-se a definir a religião popular implícita ou explicitamente como “religiosidade tradicional”, “ignorante”, “supersticiosa”, “pagã” em relação à religião oficial, institucional, julgada como autêntica e verdadeira.

Lemos (2005, p. 33) a partir do pensamento de Gramsci (1981) afirma que a religião não é um conjunto ideológico homogêneo, mas subdividido concretamente em sub-religiões. Por exemplo, no catolicismo sob a aparência de homogeneidade ideológica, de fato existe uma subdivisão dos vários grupos sociais que o compõem. Toda religião é na realidade uma multidão de religiões distintas frequentemente contraditórias.

No contexto vasto e dinâmico que é o campo da religião, detemos nosso olhar na religião popular, no catolicismo popular. Parker (1996, p. 40) afirma que o interesse pela cultura e pela religião do povo, o fato de privilegiar o sujeito popular tem óbvias conotações políticas, inclusive filosóficas, mas também envolve a abordagem desse sujeito coletivo, que é o povo, com toda a sua complexidade. Nosso interesse pela prática religiosa popular se dá de um “lugar”, de um espaço geográfico e cultural específico, o espaço urbano.

No singular e riquíssimo universo religioso brasileiro a romaria de carro de bois praticada no espaço urbano para além da revelação da religiosidade popular é uma demonstração fôlego do catolicismo popular também inserido no amplo processo de mudanças que afetam o campo religioso brasileiro da atualidade.

1.5 Catolicismo popular: uma expressão religiosa em mudança

Ante a todo esse processo de mudanças na religião e conseqüentemente no catolicismo, defendemos a tese de que a romaria de carro de bois, prática do catolicismo popular, é um espaço de convivência complexa, de intersecção do urbano com o rural. Mas o que caracteriza mesmo o catolicismo popular?

Catolicismo popular é o catolicismo, trazido por portugueses pobres. Começou a penetrar no Brasil a partir da colonização. Era um catolicismo rural. Além de portugueses pobres, alguns pequenos proprietários, índios destribalizados, escravos e, sobretudo, mestiços praticavam esse catolicismo. Cujas principais características são:

- O leigo ocupa papel central; o especialista (padre), papel secundário.
- Há uma perda da importância do sacramental frente ao devocional.
- Há uma manipulação do sagrado com finalidades pragmáticas; o catolicismo popular visa a solução prática dos problemas do cotidiano (OLIVEIRA, 1985, p. 140) .

A relação com o santo está presente na vida diária do devoto. A casa e a vida é protegida pelo santo. Os adeptos do catolicismo popular tem em casa e na comunidade um lugar sagrado (oratório) reservado ao culto do santo:

O oratório é um pequeno altar, que ocupa lugar de destaque na casa e anima a devoção dos membros da família. Num povoado maior, a comunidade local tem seu espaço sagrado na capela, onde reina a imagem do padroeiro(a) ou do santo de maior devoção. (OLIVEIRA, 1985 p. 176).

O catolicismo popular hoje é um emaranhado complexo de continuidades, adaptações e permanências, que dá lições de longevidade aos estudiosos da religião. Este se manifesta em festas e tradições oriundas da cultura rural que não perderam a vitalidade no espaço urbano. Esse catolicismo que denominamos popular tem suas raízes históricas no processo de colonização do Brasil. Entre os

elementos que compõem o catolicismo popular brasileiro, Azzi (1978, p. 36) cita a influência medieval, com ênfase em três aspectos: as romarias, as bruxarias e as blasfêmias.

De origem medieval a romaria chegou ao Brasil no século XVII, por meio da cultura lusitana. Tem a finalidade de exprimir a fé, manifestada nos pedidos de graças ou cumprimento de promessas e historicamente vai se constituindo como uma prática do catolicismo popular.

O catolicismo popular brasileiro passa por um momento rico de reinterpretção e reinvenção. Autores como Sanchis (2006) e Steil (2010) defendem que o pluralismo do campo religioso brasileiro tem sua origem no rompimento da hegemonia institucional da Igreja Católica na sociedade brasileira, desencadeando uma "reinvenção" da tradição e uma revitalização de rituais impregnados de emoção, abrindo a possibilidade para múltiplas escolhas e pertencimentos religiosos no seio do próprio catolicismo.

Sanchis (2006, p. 34) destaca que as opções para expressar o "ser católico" se multiplicaram nestes últimos anos, de modo que as suas possibilidades podem variar das formas emocional-carismáticas ou, centrando sua prática em associações religiosas, ou ainda, assumindo compromissos éticos e políticos de caráter libertário. E, há também aqueles católicos sem qualquer vínculo institucional.

Como já afirmamos a pluralidade é um traço marcante do campo religioso na modernidade. Nesse campo complexo e diversificado, direcionamos nosso olhar para o catolicismo, um mestre em adequar-se a mudanças. As devoções e as tradições do catolicismo popular estão marcadas pelas ruralidades evidenciadas na inclinação pela tradição, pela terra, pelos animais.

O catolicismo encontra-se em uma dinâmica de mudanças talvez não tanto no conteúdo das crenças que professa, mas principalmente em suas diferentes formas de expressão. Nesse sentido Sanchis (1992, p. 33), ao analisar o catolicismo, usa o termo: "há religiões demais nesta religião" para explicar a elasticidade do catolicismo. Impressiona a capacidade de adaptação e ajustamento dessa religião às novas situações: "quando observada de perto, vemos como ela se abre e se permite diversificar-se, de modo a oferecer, em seu interior, quase todos os estilos de crenças e de práticas da fé existentes também fora do catolicismo" (SANCHIS, 1992, p. 36).

Teixeira (2005, p. 16) destaca que os diversos censos realizados no Brasil não conseguem captar essa plasticidade religiosa, e muito menos a realidade cada vez mais presente do trânsito religioso ou da dupla (ou tripla) pertença religiosa. Indaga-se sobre a identidade religiosa do informante, mas deixa-se escapar suas práticas e crenças.

Em relação ao catolicismo, Teixeira (2005, p. 16) corrobora a visão de Sanchis (2001), de que a Igreja Católica “está perdendo o seu caráter de definidora hegemônica da verdade e da identidade institucional no campo religioso brasileiro.” Há hoje no Brasil um processo de diversificação religiosa. A grande massa dos católicos mantém frouxos vínculos nominais com sua tradição religiosa. Ao contrário do fiel protestante, que precisa ser para participar, o fiel católico pode muito bem participar sem ser, ou participar a seu modo num quadro amplo e plural de maneiras de exercer sua vinculação. Existem muitos “catolicismos”, ou seja, estilos culturais de ser católico, como vêm mostrando os estudiosos que se debruçam sobre esse fenômeno (TEIXEIRA, 2005, p. 17).

Há um catolicismo “santorial”, um catolicismo “erudito ou oficial”, e um catolicismo dos “reafiliados”, marcado pela inserção num “regime forte de intensidade religiosa” (CEBs, RCC) e um emergencial catolicismo midiático. Não se trata de realidades estanques e cristalizadas, mas inserem-se num quadro geral marcado por relações de comunicação, de proximidades, tensões e distanciamentos (TEIXEIRA, 2005, p. 17). O catolicismo santorial é uma das formas mais tradicionais e populares de catolicismo, presente no Brasil desde o período da colonização. O catolicismo brasileiro foi durante muito tempo um catolicismo de “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”. Os santos sempre ocuparam um lugar de destaque na vida do povo, manifestando a presença de um “poder” especial e sobre-humano, que penetra nos diversos espaços de vida, numa estreita aproximação e familiaridade com seus devotos, oferecendo-lhes proteção diante das incertezas da vida.

O catolicismo popular se caracteriza por um movimento de trocas simbólicas entre o devoto e o santo para quem se faz a promessa e a romaria. Esse movimento tem como pólos a benção e a proteção, da parte do santo, e o pedido e o agradecimento, da parte do devoto. Bom devoto é quem tanto sabe pedir quanto sabe agradecer. Há que se agradar o santo para poder sempre contar com ele. Esse agrado pode dar-se discretamente por meio de uma oração, uma flor ou uma vela

acesa junto à imagem, mas é de bom tom fazer uma visita ao santo na igreja, ou, melhor ainda, participar de uma romaria, patrocinar o festejo do santo, materializar o agradecimento em forma de ex-votos, capazes de dar publicidade aos prodígios operados pelo santo e assim o engrandecerem (OLIVEIRA, ARAÚJO, 2011, p. 82).

Carlos Brandão refere-se a esse movimento de trocas simbólicas como “uma relação de trocas de serviços preferenciais com um santo”, cujos atributos o obrigam a socorrer os humanos, sob pena de prejudicar sua “biografia” (BRANDÃO, 1986, p. 192-93).

O catolicismo popular brasileiro composto pelas práticas e devoções populares centradas na devoção aos santos é hoje um caldeirão de mudanças, continuidades, adaptações, ressignificações. A constituição identitária do catolicismo popular data das reformulações ocorridas a partir do século XIX com o processo de romanização:

Chamamos de romanização o processo de reformas religiosas levadas a efeito pelo pontificado de Pio IX e que visava implantar em todo orbe o mesmo modelo romano de catolicismo. Seu núcleo reside na administração dos sacramentos para a salvação individual tendo, por conseguinte a marca clerical e espiritualista (OLIVEIRA, 1997, p. 50)

Oliveira (1978, p. 135) afirma que o catolicismo popular brasileiro é um conjunto de representações e práticas religiosas que independem da mediação de agentes institucionais para o estabelecimento de relações entre o homem e a divindade. Muitas de suas práticas independem da intervenção clerical.

Saindo da paisagem brasileira, voltamos nossos olhos para o catolicismo latino americano que também passou e passa por profundas mudanças. O catolicismo latino foi sujeito na história recente de lutas pelo estabelecimento de regimes populares democráticos em vários países do continente. O surgimento da Teologia da Libertação dentro das fileiras católicas e as críticas levantadas por setores eclesiais, inclusive da Cúria romana contra esse pensamento religioso, colocaram a América Latina em primeiro plano internacional. Não é um detalhe que parte significativa dos estudos e do debate atual sobre religião provenha da América Latina (PARKER, 1996, p. 177).

Em todos os seus níveis, do culto privado e doméstico até as festas coletivas e romarias, o catolicismo popular tem por núcleo o culto aos santos. Mas para Oliveira (1985, p. 119) é errôneo reduzir o catolicismo popular ao relacionamento

entre o fiel e o santo; ele compreende também todo um conjunto de representações relativas à divindade suprema. Embora Deus não seja objeto de um culto específico, salvo quando é representado como um santo, como o Divino Pai Eterno, o Divino Espírito Santo, o Senhor Bom Jesus, etc. Sua representação como criador e senhor do universo é essencial ao catolicismo popular, posto que os santos tenham poder porque estão junto de Deus. Tudo que existe e acontece na terra ou no céu deve-se ao poder de Deus. O santo é o intermediário do devoto junto a Deus.

É para o santo, é em busca do Sagrado que se faz romaria. Durante toda a romaria a alegria, a festa, se fazem presentes. Mas oficialmente é o fim da romaria que dá início a festa, esta é a culminância da romaria. Romaria e festa se fundem numa relação dialética. Todas as romarias quase sempre estão ligadas a uma festa religiosa, espaço multicolorido, onde se traduzem várias facetas da vida social.

1.6 Festa religiosa

Adentrar ao universo das festas religiosas em Goiás é importante para a compreensão do nosso objeto. Tradições oriundas da ruralidade têm grande peso no espaço urbano. Pessoa (2005, p. 51) afirma que ainda hoje em Goiás, temos uma intersecção entre campo e cidade em diversas manifestações e formas. “O que chamamos de cultura popular nasce em grande medida de uma vivência prática ou de lembranças ou ainda de imagens recebida, ligadas ao cultivo da terra” (PESSOA, 2005, p. 51). A religiosidade traço marcante da cultura popular pode ser espaço privilegiado de conexão entre o urbano e o rural.

Pessoa afirma que:

Ao que herdamos dos que há pouco mais de um século vieram despertar esse “gigante” regional, somamos a experiência de trabalho individual e comunitário, a permanente relação com animais domésticos e selvagens, e a deferência às vezes até exagerada em relação ao que vem da cidade. É a essa mistura que é possível chamar de “cultura goiana”, muito bem caracterizada nas manifestações populares, especialmente nas festas religiosas, que podem por isso mesmo ser compreendidas como representações sociais. Ou seja, seguindo esse raciocínio se pode contar toda a história de Goiás a partir de nossas festas religiosas. (PESSOA, 2005, p. 34).

Ainda na perspectiva de Pessoa (2005, p. 34) o olhar do pesquisador que contempla a cultura popular em Goiás tem nas festas religiosas um lócus privilegiado para compreender a sociedade, e este deve sempre buscar desvelar os muitos sentidos da festa e revelá-los aos outros, na proporção de sua capacidade para captar esses mesmos sentidos.

Nosso olhar está focado no Estado de Goiás. Segundo Pessoa (2005, p. 33), considerando-se os sucessivos e diferentes fluxos migratórios, Goiás tem na sua população, na sua história, nos seus costumes, na sua crença, o entrecruzamento de vários momentos históricos e, ao mesmo tempo, da influência cultural de antigos habitantes de várias regiões brasileiras e de outros países. Esse entrecruzamento pode ser percebido nas formas de apropriação do espaço, nas formas de produção material, na arquitetura, na culinária e em outras dimensões da vida do povo goiano. Qualquer exercício de compreensão da cultura goiana, não pode negligenciar toda essa diversidade. Isso vale para o estudo das festas, e, em particular das festas religiosas.

No Estado de Goiás destaca Pessoa (2005, p. 33) festas e tradições de raízes milenares incorporam o jeito simples de viver, o apego à terra de moradia, de plantio e de criatório; o falar quase monossilábico do povo que, no sinal do ouro, e depois na criação do gado, foi sem pressa habitando as margens de ribeirões e campos férteis, e incorporando as atitudes dos que chegaram e dos da terra, foram elaborando suas formas de vida nas vilas e povoados constituídos pelo comércio, pelos serviços de um poder público que comumente, era sempre o último a chegar. Esse recorrente desacerto entre o povoamento e o comparecimento do Estado pode ser examinado nas obras de mestres de nossa literatura regional, como por exemplo: Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Elis, Carmo Bernardes e Bariani Ortêncio.

Pessoa (2005, p. 34) afirma que a “cultura goiana” está muito bem caracterizada nas manifestações populares do povo goiano, de maneira especial nas festas religiosas, que podem ao mesmo ser compreendidas como representações religiosas e sociais.. Ao analisarmos a festa religiosa de Trindade em Goiás, o acontecimento religioso que queremos evidenciar é a romaria.

1.7 Romaria

A romaria especifica e reforça a pluralidade do campo religioso católico, colocando no “nível dos rituais um certo universalismo que se revela altamente criativo pela sua capacidade de incorporar símbolos que mobilizam pessoas e grupos de diferentes origens sociais e experiências religiosas” (STEIL, 1996, p. 113).

As romarias são portadoras de uma tradição que é continuamente reinventada por romeiros, moradores e pelo clero, como uma forma de legitimar valores, ações, normas de comportamento. (...) Quando evocam a tradição, esses diversos atores pretendem, na verdade, acionar um estoque de referências religiosas e práticas rituais que foram sendo acumuladas em torno do santuário, com ou sem o selo da ortodoxia, mas que hoje são usadas para socializar seus sistemas de ideias e padrões de comportamento (STEIL, 1996, p. 113)

Visita-se o santo em romaria tanto para pedir favores como para agradecer benefícios recebidos mediante sua proteção. Dentre as modalidades de prática da romaria, está a prática da romaria de carro de bois, que além de mobilizar bastante tempo e esforço físico, no mínimo três dias de caminhada, move também uma soma considerável de recursos na compra do carro e dos bois. Apesar de todos esses desafios que se impõem aos praticantes da romaria de carro de bois, ela é uma das expressões claras do catolicismo popular no espaço urbano.

Ainda que esteja historicamente enraizada na ruralidade, a romaria de carro de bois está presente no ambiente urbano, evidenciando a capacidade do catolicismo popular de se adequar ao processo de urbanização em curso na sociedade brasileira.

Romarias, na ótica de Sanchis (2006, p. 88), são um caso típico de encontro e fricção (criativa) da religiosidade popular com o clero. As multidões de romeiros(as) são leigas e embora tenham “autonomia” frente à autoridade clerical necessitam da mediação dos sacramentos, do sagrado institucional, domínio exclusivo do clero. Para Sanchis (2006, p. 89) santuários, romarias, sacramentos, clero e suas mensagens institucionais, santos e suas imagens. Todas são realidades que compõem o catolicismo popular e se constituem em mediações entre o romeiro(a) e o Sagrado.

As romarias segundo Nascimento (2009, p. 5), são parte integrante do mundo rural. A palavra romaria vem de Roma, sede da hierarquia católica, para

onde muitos peregrinos se dirigem desde os primórdios do Cristianismo. Essa prática do catolicismo popular chega ao Brasil, trazida pelos portugueses. Sanchis (2006, p. 86) afirma que em Portugal as peregrinações se chamavam romarias e estavam inscritas na sensibilidade religiosa local desde a Alta Idade Média.

As romarias em Portugal, afirma Sanchis (2006, p. 87), têm seu nascimento historicamente apreensível no século VII. Eram uma manifestação popular que preenchia o imaginário religioso das populações, principalmente do Norte de Portugal. Romaria era um caminhar muitas vezes penoso, doloroso até, em condições precárias, por isso demorado, mas cheio de encantos, possibilitava a imersão numa natureza selvagem e encontros lúdicos no caminho, até a concretização da apresentação e presença do peregrino a um “santo”, em um santuário, próximo ou longínquo.

Para o romeiro o Sagrado é feito gente, com quem se conversa se troca bens, energia e saúde (promessas), perto de quem se vive uma pequena porção de tempo, tempo esse feito festa: comida, bebida, encontros, dança até a volta para casa, para um cotidiano transfigurado já na espera de outra romaria. Estabelece-se uma relação com o Sagrado, tradicionalmente pouco regulada pela instituição - Igreja (SANCHIS, 2006, p. 88).

A prática da romaria vai historicamente se constituindo como uma prática do catolicismo rural. Mesmo sendo uma prática secular do catolicismo popular a romaria, e evidentemente a romaria de carro de bois, está constantemente sendo ressignificada por seus praticantes.

A Figura 1 mostra a romaria de carro de bois no trajeto Inhumas-Trindade. A romaria de carro de bois utiliza um meio de transporte que em termos histórico-sociais está totalmente em desuso como meio produtivo. Mesmo podendo ter acesso a meios de transporte muito rápidos e confortáveis o romeiro opta pelo carro de bois, que na romaria ultrapassa sua função utilitária e se converte num símbolo de sua devoção e num meio que o conduz em direção ao Sagrado.

Figura 1: Romaria de carro de bois sendo ultrapassada por um veículo



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora jun./jul. 2010.

Durante a romaria tanto o carro de bois, quanto o trajeto percorrido pelos romeiros se convertem em símbolos que remetem ao Sagrado. No entanto, esses símbolos estabelecem uma relação dialética com o profano durante todo percurso da romaria. Para Eliade (1992, p. 25), qualquer tempo, espaço e qualquer objeto, qualquer lugar pode tornar-se sagrado. Tal lugar adquire um valor especial e passa a ser diferente, embora não deixe de ser o que é. A maioria dos lugares sagrados atrai peregrinações. Peregrinar é um impulso vital da humanidade. Na romaria a pessoa tem a sensação de estar caminhando em direção ao Sagrado.

Otto (1985, p. 35) define o sagrado como o “totalmente outro”, aquele que está além da cotidianidade, do compreensível, do familiar. É saturado de valor e ultrapassa toda compreensão humana. O autor cria uma categoria específica da experiência religiosa, o *numinoso*, o irracional, superior a tudo que é humano, diante do qual somos simples criatura, pó e cinza. Para o homem religioso Deus não é um conceito, uma noção abstrata é uma experiência irracional do *mysterium tremendum*

que o faz experimentar sua pequenez diante do *numinoso*. O *numinoso* é de tal natureza que cativa e emudece quem o experimenta.

Num outro enfoque, Eliade (1992, p. 15) apresenta o sagrado não apenas em seus aspectos racional e não-racional, mas em toda sua totalidade. Seu enfoque é a relação sagrado e profano. Para ele o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta se hierofaniza como algo absolutamente diferente do profano. Toda hierofania é um paradoxo manifestando o sagrado em um objeto qualquer, que torna-se “outra coisa” e contudo continua sendo “ele mesmo”. Uma montanha sagrada continua sendo uma montanha, do ponto de vista natural/profano. Mas para quem tem uma experiência religiosa ela revela o sagrado o “ganz andere”. A experiência religiosa possibilita a revelação de toda natureza, todo cosmo como uma grande hierofania, uma manifestação do Sagrado. Para Eliade (1992, p.17) o sagrado e o profano são duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história.

A sacralização de um espaço implica sempre numa irrupção do sagrado (hierofania) acabando com a homogeneidade que envolve esse espaço tornando-o qualitativamente diferente revelando um centro no caos. O homem religioso deseja sempre viver no sagrado, se situar na realidade objetiva, sem se perder na subjetividade sem fim das experiências humanas, quer viver num mundo real e eficiente. Mesmo nas sociedades mais dessacralizadas. Ainda perdura o comportamento religioso no estado de “sobrevivências”. Até a existência mais profana não consegue existir em estado puro e guarda em si traços do homem religioso, que tem uma sede ontológica de ser e sente terror diante do desconhecido, do caos. Assumindo a responsabilidade de “criar” o mundo que habita, o homem religioso santifica seu pequeno Cosmo. O sagrado se manifesta, se “hierofaniza”, de inúmeras formas para o homem religioso. A romaria de carro de bois é um espaço de irrupção do sagrado, com a peculiaridade de o sagrado conviver continuamente com o profano durante toda romaria.

Nascimento (2009, p. 1) ressalta que entre as várias dimensões da romaria de carro de bois para a festa de Trindade podemos destacar duas: a travessia, a viagem propriamente dita, e o lugar de origem dos romeiros. Essa estrutura dúplice da romaria permite compreendê-la como um processo que articula diferentes práticas, padrões e crenças em situações e lugares diversos. Na dinâmica da travessia, da viagem em romaria cria-se uma rede de sociabilidade que

redimensiona as relações familiares. Várias famílias comem, dormem juntas. É uma situação peculiar em relação ao cotidiano, em que a família nuclear possui sua própria casa e sua rotina. Na romaria as relações familiares intensificam-se e a convivência permite uma aproximação espacial entre avós, pais, tios, filhos, primos, netos. Durante os pousos e no caminho, as relações sociais são movimentadas, reforçando laços de parentesco, de amizade, por sua vez em Trindade o romeiro seu carro de bois e sua família se incorporam em outra lógica, ligada a uma cultura tipicamente urbana.

A criação dessa rede de sociabilidades durante a romaria de carro de bois, destacada por Nascimento, se comprovou durante o percurso da romaria que acompanhamos. No nosso universo de pesquisa entendemos a romaria muito mais como uma forma de socialização do que como um evento religioso.

Segundo Nascimento (2009, p. 2) Trindade reproduz o perfil característico dos maiores santuários de devoção brasileiros. A festa religiosa atrai uma multidão para visitar a imagem, participar das missas e das procissões. Além disso, há um imenso comércio de ambulantes e barracas de comidas e outros. “A romaria faz a ligação e põe em movimento elementos que pertencem ou não a cultura caipira tradicional” (NASCIMENTO, 2009, p. 3).

Antes de mais nada a romaria não deve ser considerada uma sobrevivência do passado, do catolicismo tradicional ou rústico. Não se observa, principalmente no Brasil, uma diminuição ou decadência das romarias e festas populares. Pelo contrário o que se observa é uma gigantesca mobilização de fiéis nos santuários e centros de devoção Brasil afora (NASCIMENTO, 2009, p. 1).

Na ótica de Nascimento (2009, p. 2) as romarias de carro de bois englobam a dinâmica do tradicional e do moderno, do religioso e do secular, sem perder a sua especificidade. A romaria é uma manifestação do catolicismo popular que deixa a vista alguns aspectos ligados a um estilo de vida tradicional, o catolicismo popular rústico, persiste ligado a uma cultura das cidades que se aproxima da dinâmica do santuário de Trindade. A romaria mantém elementos tradicionais e ao mesmo tempo, não está fechada, nem invulnerável às transformações que provêm da modernidade de um mundo urbanizado.

A romaria de carro de bois chama atenção por seu aspecto coletivo, o romeiro nunca está sozinho em sua prática religiosa, quando não está acompanhado pela família, tem a companhia dos outros romeiros. Segundo Brandão (1992, p. 102) na

cultura rural o solitário é um triste, estar só não é uma condição habitual para o camponês goiano que sempre está acompanhado ou pela família ou pelos amigos.

Conforme a Figura 2 a romaria de carro de bois é uma prática religiosa coletiva, sempre envolve a presença de muitos sujeitos, além de uma prática religiosa a romaria de carro de bois é um espaço de socialização, de lazer.

Figura 2: Parada da romaria. Momento para descanso, conversas, socialização.



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora jun./jul. 2010.

Além do aspecto devocional, o trajeto da romaria de carro de bois também é um momento de confraternização, de festa para os romeiros, é momento de estar juntos pelo simples prazer de estar e reforçar laços de amizade e de camaradagem.

O romeiro de carro de bois de Goiás é signatário de uma prática religiosa rural e coletiva que remete a colonização do território goiano e mesmo passado tanto tempo e morando no ambiente urbano o romeiro de carro de bois goiano a mantém viva.

1.8 Romarias em Goiás

Numa revisão bibliográfica encontramos alguns trabalhos sobre a romaria de Trindade, a festa religiosa mais popular, de maior tradição e repercussão em Goiás. Especificamente sobre a romaria de carro de bois, encontramos a dissertação de mestrado de João Otávio Martins (2001), cujo tema é: Os peregrinos do Divino - os carreiros e a reprodução social da tradição. O autor defende a ideia de que os valores tradicionais dos fiéis se mantêm devido à fé.

Outro olhar interessante sobre a festa de Trindade analisa a relação religião/festa e política, a autora é Karine Monteiro da Silva (2005), o título do trabalho é: “O catolicismo popular entre o amor e a cobiça”. Segundo a autora a Igreja Católica oficial utiliza métodos para “controlar” as manifestações do catolicismo popular por ocasião da festa de Trindade. E o poder público do município de Trindade traça políticas a partir das necessidades dos organizadores e participantes da festa, visando obter lucro e impulsionar o desenvolvimento do município. A autora conclui afirmando que o catolicismo popular não é um agente passivo e sim bastante ativo no contexto religioso pesquisado.

Também nos chama atenção o livro: História das festas e religiosidades em Goiás de Maria do Socorro de Deus e Mônica Martins da Silva (2003) em que dedicam um capítulo à romaria de Trindade. As autoras fazem um histórico da romaria, abordando aspectos como: as promessas dos fiéis, a sala dos milagres, os andarilhos e as peregrinações em carro de bois.

1.9 A devoção à Trindade e a ação redentorista

Também sobre a romaria para a festa de Trindade pinçamos os trabalhos de Etienne Higué (2009) e Maria do Socorro de Deus (2001) que analisam a romaria de Trindade sob dois enfoques: a devoção do romeiro(a) e a romanização imposta pelos padres redentoristas ao assumirem o santuário de Trindade.

Em seu texto: Devoção e romaria à Santíssima Trindade – um olhar simpático na perspectiva de Paul Tillich, Higué (2009, p.12) destaca que o catolicismo popular em Goiás, era uma religião rural, doméstica e de leigos. Devido à distância das cidades, a assistência pastoral do clero se resumia a batizados e casamentos.

O autor recorre a duas romarias para fazer sua análise: a romaria de Tiradentes (MG) que remonta a 1776 e a romaria de Trindade - Goiás que surgiu por volta de 1840. Após fazer o histórico das duas romarias, o autor traça um painel da devoção popular à Santíssima Trindade.

Para Higuete (2009, p. 2) o centro da peregrinação para os romeiros é beijar as fitas coloridas da imagem. A fé está nos gestos, falas, pedidos de favores: cura, tirar a bebida, casamento, emprego. É uma relação de intimidade de amor/amizade entre o devoto e a divindade. O Divino Pai Eterno é para o romeiro uma “pessoa” muito íntima, com quem se pode conversar, contar os problemas. A noção do Deus eterno entre as nuvens, não preenche os anseios do romeiro, o Divino Pai Eterno sim, invocando-o com essa expressão singular, invoca o Deus eterno, o Criador, que tudo pode, longe da “coisa abstrata” da imagem da Santíssima Trindade que o romeiro não consegue entender nem explicar. Embora a Igreja Católica sempre tente em vão doutrinar o povo sobre o dogma do Deus uno em três.

O catolicismo popular no Brasil e em Goiás era uma religião de leigos, transmitida socialmente dos pais para os filhos, em razão da ausência secular da assistência pastoral do clero, a não ser de maneira esporádica para batizados, casamentos. No fim do século XIX o bispo Dom Eduardo Silva quis “cristianizar”, ou melhor, “romanizar” a festa de Trindade pela força, tentando apagar seus aspectos “pagãos”: jogos, bailes, bebidas e “moralizar” o acesso à igreja e quase provocou uma revolução dos romeiros. A imagem da Santíssima Trindade foi retirada do santuário que chegou a sofrer pena de interdito. A paz voltou com a chegada dos padres redentoristas, recém-chegados, da Europa que passaram a ser responsáveis pelo santuário e pela organização da festa.

Higuete (2009, p. 3) afirma que a religiosidade popular brasileira não é politeísta. Os católicos acreditam num único Deus, mesmo quando são ao mesmo tempo adeptos do espiritismo, do candomblé ou da umbanda. A questão é que esse Deus é um Deus distante. Então como entrar em contato com ele? No catolicismo popular a devoção aos santos permite transpor essa distância. Na mentalidade dos devotos as divinas pessoas da Santíssima Trindade, podem ser assimiladas a santos poderosos aos quais se recorre em momentos de extrema necessidade. O Divino Pai Eterno é visto como um santo qualquer, só que mais poderoso que os outros. Há festas e romarias em honra as outras pessoas da Trindade isoladamente: ao Bom Jesus, ao Divino Espírito Santo, a Nossa Senhora. Na piedade popular os

santos em alguns momentos podem ser “sincretizados” com um ou outro “orixá” ou entidade divinizada de origem africana.

Para os romeiros a fé e a devoção se expressam com o corpo inteiro. O relacionamento com o sagrado inclui a necessidade de ver, ouvir, contemplar, tocar, beijar, apalpar com as mãos. O Divino se manifesta em figuras, imagens, representações que na visão de muitos são expressões idolátricas ou supersticiosas, mas para o devoto do catolicismo popular se tornam mediações para chegar ao Deus supremo.

Na visão de Higuete (2009, p. 3) a presença de Maria como quarto elemento da imagem da Trindade simboliza a dimensão feminina da divindade. O autor afirma que é sintomático que o Divino Pai Eterno seja muitas vezes também chamado de Santíssima Mãe Trindade. É como se a imagem de Deus-Pai já conseguisse superar sua significação cultural patriarcal, apontando para a fonte originária transsexista da vida.

Higuete (2009, p. 5) a partir do pensamento de Paul Tillich afirma que os seres humanos aspiram a um Deus concreto, com quem possam relacionar-se, preferem um Deus pessoal individual numa relação Eu-Tu, um Deus vivo. Só podemos falar desse Deus por meio de conceitos e símbolos. Para Higuete (2009, p. 6) precisamos de um novo critério para avaliar o valor das imagens de Deus, pois todas as coisas têm o poder de se tornarem sagradas. De se hierofanizar e remeter a algo além delas mesmas. O critério definitivo para avaliar as imagens de Deus pertence ao campo da ética. Justiça e ortopraxis são mais importantes que a ortodoxia, que muitas vezes se coloca a serviço dos interesses de grupos dominantes.

Deus (2001, p. 261) em seu texto: “A ação redentorista e as mudanças no comportamento religioso em Goiás pela romaria de Trindade (1894 – 1930)” defende que a realidade histórico-geográfica de Goiás conferia-lhe características culturais sertanejas, com a maioria da população vivendo no meio rural. Afirma ainda a autora que na ausência da orientação clerical, o benzedor, o curandeiro substituía o médico e o padre em situações de emergência da intervenção divina como: acidentes e doenças.

Segundo Deus (2001, p. 259) são três as vertentes da ação cristianizadora, “romanizadora” da ação redentorista: a pastoral paroquial, a pastoral missionária (as Santas Missões) e a pastoral da romaria. As visitas dos padres redentoristas as comunidades rurais distantes do santuário eram uma preparação do romeiro para

“participar melhor” da romaria, o objetivo era converter a mentalidade do romeiro através da vivência de seu cotidiano.

A pastoral redentorista implantada em Goiás em 1890 dava ênfase a pregação, a catequese, visita a escolas e doentes, fundação e direção de associações religiosas e o aumento da freqüência dos fiéis aos sacramentos. Os redentoristas não perdiam oportunidade de tecer observações sobre a conduta moral dos fiéis em relação à educação familiar: concubinato, casamentos não legitimados pela Igreja, virgindade, prostituição, e trajes femininos. Além da legitimação do casamento religioso, o maior alvo da moralização das famílias era o comportamento das mulheres. As filhas não deveriam obter consentimento para sair à noite e tampouco conversar ou passear com rapazes. Roupas femininas consideradas indecentes por mostrarem o tornozelo e os braços eram condenadas e os cabelos jamais poderiam ser curtos (DEUS, 2001, p. 260). Logo que assumiram o controle do Santuário de Trindade, os padres passaram a combater as “superstições” e o “fanatismo” numa tentativa de moralização da religiosidade das massas rurais (DEUS, 2001, p. 261).

Deus (2001, p. 262) ressalta que a romaria do Pai Eterno para a maioria dos romeiros é a última etapa do acordo entre si e o santo que é o cumprimento da promessa no agradecimento pelo milagre. O folheto: “O Santuário de Trindade” em seu exemplar nº 113 de 1925 classifica as promessas como atitudes ignorantes, sem valor nenhum perante Deus. Há um conflito entre a devoção popular e a imposição doutrinal do catolicismo oficial. Mas esse discurso clerical soava surdo no ambiente popular. Na tentativa de conquistar a atenção dos romeiros, os padres passaram a ser tolerantes, admitindo e reconhecendo a devoção dos romeiros, por exemplo, agradecendo por milagres concedidos pelas promessas, publicados na imprensa do Santuário.

Na ótica de Deus (2001, p. 263) o cotidiano da vida rural é atestado nos motivos das promessas, que geralmente são pedidos de recuperação da saúde, que acusam a distância e carência da assistência médica, a água benta, a vela acesa e a oração (a promessa) são as únicas opções possíveis de acesso à reabilitação. Os imprevistos e acidentes causados pela natureza: ataques de animais, incêndios, estavam em segundo lugar na lista de pedidos e promessas.

O “Manual do Devoto do Divino Pai Eterno” na ótica de Deus (2001, p. 266) foi uma importante ferramenta na campanha romanizadora em Goiás. Sua aquisição

era recomendada pelos padres durante as missas. Nele constava todo plano “cristianizador”, romanizador dos redentoristas. Nas primeiras páginas apresentava uma origem racional para a romaria do Pai Eterno. Publicava lista de orações diurnas e noturnas, cartas e bilhetes dos devotos agradecendo pelos milagres. Ensinava o modo correto de ouvir a missa e longuíssimos exercícios para uma boa confissão, falava do significado da comunhão, apresentava a galeria dos santos para veneração no lugar, enfatizando o culto a Nossa Senhora. Incentivava orações como o terço e a via-sacra.

Deus (2001, p. 267) ressalta que apesar dos sermões e das advertências dos padres do Santuário, que se preocupavam em inserir o romeiro num ambiente formal, os elementos da liturgia iam num caminho inverso e criavam uma atmosfera informal. Ainda que se insistisse numa formalidade conservadora, as formas do culto eram teatralizadas. As teatralizações estão no universo dos gestos, símbolos, ritos, cores e outras encenações pitorescas como cortejos e procissões.

Na perspectiva de Deus (2001, p. 268) a explosiva variação das formas de se comunicar com o sagrado descortina a realidade de uma sociedade mesclada por diferentes significações. E ao forçar o estabelecimento de uma nova mentalidade modernizadora, (romanizadora), a Igreja esbarra em contradições internas, pois nem seus membros estavam preparados para a compreensão dos novos ditames europeizantes. Tentou-se implantar a modernidade, mas as orações recitadas não foram prontamente substituídas pelos textos bíblicos e a busca dos sacramentos não superou a volumosa massa das procissões e das romarias.

Sob diferentes óticas: Higuete (2009) e Deus (2001) são unânimes em afirmar que a romaria de Trindade é uma prática do catolicismo popular e rural em que a relação do romeiro(a) com o Sagrado e suas demandas de fé, e de vida, estão ligadas à cultura rural.

1.10 As romarias de carro de bois de Damolândia e Mossâmedes

A romaria de carro de bois é destaque nos textos: “Das origens e da compreensão da romaria” de Benedito Moreira (2001). E “Em busca da Trindade um estudo antropológico sobre uma romaria goiana” de Silvana Nascimento (2009).

Segundo Moreira (2001, p. 300) na cidade de Damolândia as romarias de carro de bois podem ser consideradas tradições do catolicismo popular que ultrapassam as barreiras do tempo, ao trazer do passado o arcaísmo do carro de bois, meio de transporte rústico que surgiu com a descoberta da roda, e que era usado nos trabalhos agrícolas, com disseminação em todo o mundo. “Antes de ser um meio de transporte, o carro de bois era para o carreiro um instrumento musical, o camponês carreava para ouvir o seu cantar (MOREIRA, 2001, p. 301).

Moreira (2001, p. 294) faz um histórico do surgimento do município de Damolândia, inicialmente um povoado de caçadores e mineiros. O carro de bois era o único meio de transporte possível e disponível na época. O centro de poder do povoado foi aos poucos passando para a agricultura e pecuária. Nesse período o carro de bois adquire importância significativa na vida das pessoas da região, era um instrumento de trabalho, e lazer durante a fase de formação urbana, não só de Damolândia, mas de muitas outras cidades goianas. Isso ocorreu principalmente na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Além de fazer viagens longas para escoar a produção agrícola para as margens da via férrea, em Anápolis. O carro de bois era utilizado no trabalho interno das fazendas e no transporte de passageiros tanto para o atendimento de doentes, como para o lazer e o acesso às celebrações religiosas.

Na ótica de Moreira (2001, p. 297) para o catolicismo rural, o importante é acreditar em Deus e tudo que acontece é aceito como uma tradição dos ancestrais ou tem a clareza do milagre. Mesmo crendo na Santíssima Trindade, é difícil para o romeiro compreender esse “Deus obscuro”, que não é um, são três. A romaria de carreiros de Damolândia cumpre a lógica das circunstâncias históricas da época, em que toda devoção estava centrada em Barro Preto (Trindade).

Brandão (1992, p. 102) ressalta que em Goiás o camponês é conhecido como “o homem da roça” e é uma composição de mineiros e goianos. O homem da roça possui uma religiosidade popular muito intensa, arraigada numa fé de eras de um passado longínquo, que trazem a capacidade de abarcar um conjunto de valores e

informações. Há uma grande intimidade com os santos e seus dias festivos. Dentre os santos mais festejados estão: os Santos Reis e São João Batista. Dentre os festejos destaca-se a romaria de carro de bois. A participação do carro de bois na história de Goiás não se restringe ao transporte de cargas, ele é também um símbolo da crença dos romeiros em sua peregrinação rumo à Trindade.

Segundo Moreira (2001, p. 301) já em 1924 há registro de uma intensa movimentação nas estradas goianas que levam a Trindade, com a presença de mais de 100 carros de bois trazendo romeiros de até 450 km de distância, demonstrando a importância desse transporte na primeira metade do século XX. “Depoimentos de romeiros mais idosos atestam que a movimentação de carros de bois teve suas perseguições na década de 1950, sendo considerado um atraso na romaria.” (MOREIRA, 2001, p. 302). Chegou a se falar no fim do transporte de romeiros em carro de bois. Nos anos de 1960 começaram as grandes dificuldades. Os romeiros tinham que pagar uma taxa ao dono da fazenda para pernoitar. Tinha que pagar o pasto dos bois e uma taxa nas prefeituras das cidades que estavam no trajeto dos carros de bois. Nesse período foi bem menor o número de romeiros de carro de bois em Trindade.

A volta do carro de bois foi um triunfo para o romeiro de carro de bois. O carro de bois com sua pujança rural e melodia afinada chegou à modernidade. No período da festa de Trindade o carro de bois é conduzido pelas estradas de Goiás com devoção e orgulho pelo romeiro. Para o romeiro de carro de bois, o preparativo, a saída, a caminhada, a chegada e a volta, são motivos de festa. (MOREIRA, 2001, p. 301).

Na perspectiva de Moreira (2001, p. 305) a mídia descaracteriza a romaria de carro de bois, mudando seu sentido, inverte os valores colocando o carro de bois como sujeito e o romeiro como objeto. O carro de bois passa a ter um caráter folclórico, passa a ser uma atração turística. Para o autor o uso do carro de bois na romaria possibilita um estreitamento dos laços familiares que a mídia desconsidera.

A festa em Trindade é diferente da festa de romaria que acontece nas estradas. Em Trindade se reúnem romeiros de todo Goiás e do Brasil. O romeiro é absorvido pela multidão. Além de participar das atividades religiosas (missas, procissões) os romeiros fazem compras e se divertem nas ruas que no período da festa se transformam num imenso *shopping* popular. Os romeiros acampam em barracas, as mulheres fazem comida, lavam roupas e recebem as visitas; os homens

vão uma vez por dia olhar a boiada no pasto e assessoram as mulheres nos serviços mais pesados e fazem as compras de comida na cidade.

Para Brandão (1989, p. 9) o deslocamento para a festa é fundamental, é nele que reza, festa e folia se combinam trazendo aquilo que justamente é a festa. “A romaria permite uma viagem real e simbólica, que modifica, suspende a vida cotidiana para criação momentânea de um outro mundo, especial, mágico e divino.” (BRANDÃO, 1989, p. 40)

Os romeiros de carro de bois de Damolândia, os moradores da cidade de Trindade e o clero estão constantemente recriando e ampliando a romaria de carro de bois, numa relação paradoxal do moderno-tecnológico com a legitimação de valores, ações e normas de comportamento religioso, social e cultural, extremamente tradicionais (MOREIRA, 2001, p. 306).

O estudo de Nascimento (2009, p. 1) está voltado para a romaria de carro de bois que sai da cidade de Mossâmedes, município localizado no sudoeste goiano, localizado a vinte quilômetros de Goiânia. Todos os anos os romeiros viajam em seus carros de bois para chegar à Trindade.

Nascimento (2009, p. 3) afirma que em Mossâmedes há uma festa religiosa popular que dialoga profundamente com a romaria de Trindade: É “A Festa do Divino Espírito Santo”. Esta festa não se caracteriza por uma Festa do Divino nos moldes tradicionais. Não há festeiros, nem imperador do Divino. O que restou foi somente a “Folia”. Há dois grupos de foliões que circulam somente na cidade. Antigamente os foliões “giravam” nas fazendas a cavalo e viajavam dias convidando os moradores da zona rural para a festa na cidade.

Há dez anos foi inventada uma romaria que reproduz em miniatura a romaria de Trindade. Os romeiros de carro de bois saem de suas casas na zona rural e unem-se aos romeiros de carro de bois que moram em cidades próximas e seguem em romaria para Mossâmedes. Lá fazem um pequeno desfile de carros de bois. Uma das praças da cidade fica cheia de barraquinhas, cujos produtos vendidos são semelhantes aos da festa de Trindade. A reprodução do modelo de romaria em outras festas tradicionais de pequenos municípios goianos evidencia que essa manifestação do catolicismo popular está sendo “redefinida”. A romaria de carro de bois está incorporando novas modalidades de festividades modernas, mas sem deixar de ter como parâmetro a tradição. Quando é conveniente essas festas

“urbanizam-se” e trazem da cidade elementos para reelaborar suas tradições, provenientes do rural, e vice-versa (NASCIMENTO, 2009, p. 3).

Micheloto (2008, p. 105) ao analisar a capacidade de solidez e permanência no tempo que possui a prática da romaria de carro de bois no catolicismo popular afirma que a romaria reproduz no plano simbólico antigas instituições do Brasil rural e de Goiás como, por exemplo: a instituição do compadrio que na tradição popular era uma forma de pessoas pobres escolherem um padrinho rico, capaz de lhes dar proteção nas dificuldades da vida em troca de lealdade. Essa prática passou por transformações, mas continua presente no âmbito do catolicismo popular.

A romaria de carro de bois para a festa do Divino Pai Eterno em Trindade é um dos principais rituais da festa e manifesta claramente seu caráter rural e comunitário (LEMOS, 2004, p. 74). Goiás, se apresenta com um espaço privilegiado de análise do cruzamento entre as culturas rurais e urbanas, devido à presença das fortes tradições religiosas mais próprias do meio rural, como as cavalhadas, festas do divino, folias de reis e centros de peregrinação onde se observa outra concepção de tempo, espaço e relações sociais que objetivam o fortalecimento dos laços comunitários (LEMOS, 2004, p. 83).

O romeiro de carro de bois comprova que é possível ser rural no espaço urbano e conviver cotidianamente com novas e modernas expressões religiosas como as religiões afro-brasileiras, pentecostais e neopentecostais e não perder os traços próprios da religiosidade e da cultura rural.

A sociedade goiana estatisticamente é predominantemente urbana, mas tem grande influência da cultura rural não só nas festas e tradições religiosas. Essa influência pode ser percebida também na economia. Não podemos esquecer que as atividades econômicas em Goiás se baseiam no comércio e na indústria, mas, sobretudo nas atividades agropastoris. O sucesso das feiras agropecuárias em quase todas as cidades goianas é outra amostra da influência do rural no espaço urbano em Goiás.

A romaria de carro de bois no espaço urbano põe à mostra a densa interação do urbano com o rural. Através de sua prática religiosa o romeiro de carro de bois busca um centro de equilíbrio entre seu *ethos* rural e a realidade urbana em que vive.

2. A ROMARIA: UM CONTEXTO DE INTERSECÇÃO DA CULTURA URBANA E RURAL

Este capítulo visa explicar a complexa influência mútua do urbano no rural e vice-versa na prática da romaria utilizando carro de bois no espaço urbano. E analisar porque essa expressão do catolicismo popular em Goiás se mantém viva há mais de um século, ao invés de se perder frente às demandas da vida urbana, individualista, com abundância de informações e tecnologias cada vez mais avançadas. Discutir a relação: urbano - rural contribui para lançar luzes de entendimento sobre a sociedade urbana em que vivemos. Para realizar esta tarefa, apresentamos o conceito de ruralidade; e apresentamos Inhumas, cidade-palco onde a romaria de carro de bois é pensada e vivenciada enquanto ponto de partida e de chegada; descreveremos a travessia, o trajeto, a festa da estrada como um espaço vivência dos valores da ruralidade.

2.1 A ruralidade

Aprofundar na análise do termo ruralidade é fundamental no processo de compreensão da densa intersecção do urbano com o rural. Posto que a romaria de carro de bois praticada no espaço urbano está em todos os sentidos imersa na ruralidade. Os valores rurais não desapareceram no espaço urbano, resistem e sobrevivem de diferentes formas às transformações sócio-culturais e econômicas, em síntese à modernidade. A modernidade traz o selo da racionalidade científica, da liberdade individual. O palco da modernidade é o espaço urbano. Na lógica da modernidade capitalista tudo levava a crer que o rural iria sucumbir ao urbano, homogeneizando a vida social transformando em urbano qualquer resquício de ruralidade. Mas essa lógica não se concretizou historicamente. Pessoa afirma que:

Na lógica da revolução industrial o campo iria até desaparecer. Mas a pequena produção agrícola continua no mundo todo, apesar de isso acontecer por um caminho muito difícil, que é o da superexploração do trabalho. Mesmo assim a contribuição do rural na produção de sentidos e significados é muito expressiva. Grande parte das cidades brasileiras (talvez todas) tem alguma festa baseada nas coisas do mundo rural, embora não seja mais possível falar de rural como especificidade, como modos de vida e de trabalho que só existem em determinado lugar. Por isso falamos de

ruralidades. Temos uma intersecção entre campo e cidade, em diversas manifestações e formas. O que marca as ruralidades é a relação com a terra, com o plantar. A terra como cultivo e criatório ainda são muito a referência formadora das nossas mentalidades. Isso faz parte está presente em nossos processos de construção de identidades, mesmo se moramos nas médias e grandes cidades. Ou seja, mesmo no contexto urbano, há muitas pessoas que elaboram sua compreensão de mundo, com as referências do mundo rural (PESSOA, 2005, p. 51).

Características da cultura rural coexistem de forma intrincada com os valores urbanos. “Mesmo no contexto urbano, há muitas pessoas que elaboram sua compreensão de mundo, com as referências do mundo rural” (PESSOA, 2005, p. 52). Essa característica cultural destacada por Pessoa (2005, p. 52) pode ser percebida em nosso espaço de investigação. Os romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas elaboram sua compreensão de mundo com as referências do mundo rural. Sendo que até a linguagem coloquial serve como identificador da influência da ruralidade no modo de vida do romeiro de carro de bois. Esse aspecto fica claro na transcrição literal das entrevistas colhidas durante a romaria de carro de bois de 2010.

A religiosidade do romeiro de carro de bois que vive na cidade está inundada de valores rurais. O campo religioso urbano aponta para uma redescoberta do rural, (novo rural) nesse novo contexto indivíduos e grupos conservam ou constroem formas de vivenciarem uma nova configuração das relações entre mundo urbano e mundo rural. O reavivamento das romarias de carros de bois para a festa de Trindade nos últimos anos na cidade de Inhumas pode ser considerado um exemplo dessa nova configuração das relações urbano - rural. A cultura rural como definidora de mentalidades e comportamentos mesmo de quem habita em espaços urbanos, é um componente dinâmico da religiosidade popular nos pequenos municípios brasileiros. Mesmo morando na cidade, a relação com a terra é importantíssima na vida do romeiro de carro de bois, como atesta o depoimento¹ a seguir:

Terra é uma coisa muito boa demais, eu fui nascido e criado na roça, da moda do outro, criado na fazenda do meu avô lá. Já desejei comprá um pedacinho (de terra) pra mim, já desejei meus boi lá. **(4)**

¹Os depoimentos foram colhidos através de entrevistas realizadas durante a romaria de carro de bois de 2010, entre os dias 23 de junho e 06 de julho. As falas dos romeiros foram transcritas *ipsis literis*, pois a linguagem também é uma expressão da identidade rural do romeiro de carro de bois. Visando preservar a identidade dos romeiros entrevistados não foram citados nomes. Ao final de cada fala aparece uma numeração que acompanha a sequência das entrevistas.

O romeiro de carro de bois que vive na cidade, tem saudade da terra, da roça, seu desejo mais profundo é voltar a viver na/da terra e perto dos animais. A terra e os animais são duas paixões do romeiro de carro de bois. Quando perguntados sobre o que pensavam quando ouviam as palavras animais, carro de bois, os romeiros do grupo de Inhumas deram depoimentos que evidenciam a força da ruralidade em suas vidas:

Ah! hora que agente ouve agente fica satisfeito, porque gosta demais, cuidar das coisa, do boi, do carro, arrumá pra viagem **(8)**

Isso ai é o melhor que tem no caso né, se agente pudesse no caso vivé só disso no caso era bão né, mais, hoje em dia num tem jeito mais disso, mais é muito importante pra gente, é bão demais né **(12)**

Ah! tá doido, muita coisa boa porque eu gosto, eu amo as criação, as veiz tem hora que agente até judêia duma criação pra amansá, agente qué o trem arrumadinho do gosto da gente **(19)**

“Eu amo as criação”. Eis a síntese da relação do romeiro de carro de bois com os animais. Essa relação visceral com os animais, com a terra faz do romeiro de carro de bois, um indivíduo que sente uma espécie de sensação de estar “sem lugar”, na cidade, este não se sente completamente à vontade no espaço urbano.

Mesmo ante ao êxodo rural e as muitas crises econômicas que afetaram o campo ainda persistem o pequeno proprietário, o sitiante que mantém arraigadas as tradições e crenças típicas da ruralidade como o uso do carro de bois na romaria para a festa de Trindade. Segundo Pessoa (2005, p. 51) o termo ruralidades marca a relação com a terra, com o plantar. A religiosidade do “homem da roça”, que agora vive na cidade está imbricada nesses valores da ruralidade. Pessoa (2005, p. 51) afirma que a terra como cultivo e criatório é em grande parte a referência formadora da mentalidade dos habitantes de grandes e pequenas cidades. Em que medida as ruralidades estão presentes nas práticas sociais e religiosas de quem vivem no ambiente urbano? A ruralidade como definidora de mentalidades e comportamentos mesmo de quem vive em espaços urbanos, é também componente dinâmico da religiosidade popular.

Ter entendimento da influência das tradições e crenças religiosas imbricadas na ruralidade nas práticas sociais do mundo globalizado e desterritorizado em que vivemos é relevante para a compreensão da sociedade em que vive o homem urbano, constantemente bombardeado pelos valores da modernidade. É nosso

intuito compreender a relação dos valores da urbanidade com aspectos da ruralidade deixados à mostra na romaria de carro de bois para a festa de Trindade de 2010.

Qualquer ensaio de compreensão da cultura goiana, não pode negligenciar a idéia de que ainda hoje temos uma intersecção entre campo e cidade em diversas manifestações e formas. “O que chamamos de cultura popular nasce em grande medida de uma vivência prática ou de lembranças ou ainda de imagens recebida, ligadas ao cultivo da terra” (PESSOA, 2005, p. 51). A mentalidade e o imaginário dos cidadãos têm forte presença dos valores e costumes característicos da ruralidade. A religiosidade traço marcante da cultura camponesa pode ser espaço privilegiado de vinculação do urbano com o rural.

Entender a presença da ruralidade no espaço urbano, a intersecção do urbano com o rural na romaria utilizando carro de bois, prática do catolicismo popular que se mantêm há mais de um século, ao invés de se perder frente às demandas da modernidade: urbana, capitalista, com abundância de informações e tecnologias cada vez mais avançadas. E também compreender que necessidade o romeiro de carro de bois busca satisfazer com a prática da romaria são os fios condutores de toda nossa investigação.

A religiosidade do “homem da roça”, que agora vive na cidade traz a marca indelével da ruralidade. A afirmação de Pessoa (2005, p. 51) de que o termo ruralidades marca a relação com a terra de plantio e criatório é legitimada pelo depoimento de um romeiro do grupo de Inhumas, ao explicar sua relação com a terra, com os animais:

Tá doido a minha paixão é essa ai, é tá na terra, eu gosto duma terra viu, eu num tenho purquê eu num tenho condições. Peço pro Divino Pai Eterno pra um dia eu dá jeito de comprá minha terrinha e morá lá na roça, só pra mim vê as criação, purquê eu gosto de criação, é criação e ficá lá pra roça é o trem que eu mais gosto, eu gosto de tá é lá pra roça, tano pra lá, veno as criação e mexeno, é bão demais, é gostoso demais. **(19)**

O discurso acima desvenda a profunda relação que o romeiro de carro de bois tem com a ruralidade. Mas no geral essa relação não é tão visceral assim, ouvimos depoimentos de romeiros do grupo de Inhumas que tem profissões não ligadas a terra, ao criatório, como: advogado, vendedor, motorista, que em suas falas demonstram uma relação bem menos intensa com o rural:

Eu gosto né como se diz, eu sou motorista, mais também, planto tamém, mexo com a terra, capino, planto é isso. **(10)**

Quando penso em terra, penso em fartura, é assim plantações germinando, fartura. **(20)**

A melhor coisa que Deus deixou pra gente é a terra e a água, então isso ai é o sustento da gente né. **(12)**

Com mais ou menos intensidade os romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas estão marcados pela ruralidade. São os valores da ruralidade traduzidos na busca de viver em comunidade e em família que definem as relações que se estabelecem no grupo. Comunidade e família são valores ligados a cultura rural que unificam e dão sentido ao grupo de romeiros de Inhumas.

A romaria de carro de bois é uma tradição familiar que chegou a modernidade, passando de geração em geração ao longo dos mais de cem anos da romaria de Trindade. Perguntamos onde os pais dos romeiros do grupo de Inhumas moravam e se eles também participavam da romaria de carro de bois. A maioria dos pais dos romeiros morou ou mora na cidade. E a maior parte dos romeiros do grupo de Inhumas herdou dos pais a tradição de participar da romaria de carros de boi:

Todos os ano, enquanto tinha vida, eles (os pais) participava, graças a Deus. Foram embora, mais largou essa tradição bonita, que nois num pode esquecê de maneira nenhuma que era de nossos pai, mãe, então nois num pode esquecê. Enquanto vida eu tiver eu to junto com turma na estrada, na poeira do pezinho dos boi, com a benção do Pai Eterno. **(17)**

Meu pai já é falecido, eles participavam da romaria eu peguei a senha do meu pai, eu participo tem quatro anos. **(14)**

Mas a participação na romaria como uma herança, uma tradição familiar não é uma unanimidade no grupo de Inhumas. Alguns romeiros ao responder ao mesmo questionamento afirmaram que os pais não participavam da romaria. Começaram a participar influenciados pelos amigos do grupo.

Entre os valores da ruralidade que saltam aos olhos no grupo de Inhumas está a intensa relação do romeiro com o carro de bois e com os animais. A admiração que o romeiro tem pelo carro de bois é equivalente à sua inclinação pelos animais. A fala de um dos romeiros do grupo é paradigmática para explicar a relação do romeiro com o carro de bois:

Quando venho de carro de boi, é tipo assim eu me sinto como se tivesse andando num automóvel, mesma coisa deu estar andando num caminhão, eu gosto demais. **(1)**

A relação do Romeiro de carro de bois com os animais é complexa, e marcada pela contradição, de bater e ao mesmo tempo ter carinho pelo animal. Ao responderem o que vinha a cabeça quando ouviam as palavras animais, carro de bois os Romeiros de Inhumas afirmaram:

Ah! Eu sinto assim que é companheiro da gente né, agente é um ser humano eles é animal, mais agente veve junto e eles são amigo da gente a mesma coisa. **(15)**.

Uai eu penso que é uma coisa boa demais né, é bom demais agente gostá né. **(18)**.

Icha eu amo demais. **(13)**

Um Romeiro do grupo de Inhumas explicou assim sua relação com o carro de bois e com os animais:

Eu acho que o carro de boi é um instrumento muito bem feito, um instrumento muito organizado, precisa ter uma técnica muito grande pra fazer um carro de boi. O carro de boi é feito de pau e é os bois que arrasta e eles veio pra isso, pra arrastar um carro de boi. Mas não pra nós escravizar eles tanto e bater tanto. Agente tem que educar, como se educa um filho, cê educa uma criação, boi cê conversa, cê explica, porque o boi se cê conversar com ele na hora, falar com ele certinho e carinhar ele, ele é dócil. Tudo bem que cê tem que educar, mas nem toda hora o boi precisa apanhar entendeu? **(2)**

A relação do Romeiro de carro de bois do grupo de Inhumas com a terra, com os animais é intensa, é visceral. É um prazer, uma alegria para o Romeiro estar na terra, lidar com os animais, isso alimenta, fortalece sua identidade rural. Segundo Pessoa (2005, p. 51) a contribuição do rural na mentalidade dos citadinos é expressiva. Grande parte das cidades brasileiras tem alguma festa baseada na cultura rural. Segundo o autor não é mais possível falar de rural como especificidade, Daí o uso do termo ruralidades que traduz a intersecção entre campo e cidade, em diversas manifestações e formas. O que caracteriza as ruralidades é a

relação com a terra, com o plantar. Em síntese mesmo no ambiente urbano, há muitas pessoas que se identificam mais com os valores da ruralidade.

A prática da romaria de carro de bois no espaço urbano corrobora a afirmação de Pessoa (2005, p. 51) de que na mentalidade e no imaginário dos que vivem nas cidades é nítida a presença de valores e costumes característicos da cultura rural.

O foco de nossa investigação é a prática da romaria de carro de bois por um grupo de romeiros que vivem na cidade de Inhumas. Conhecer melhor a realidade do município de Inhumas é importante no processo de compreensão da intersecção do urbano com o rural na romaria de carro de bois, prática religiosa do catolicismo popular, presente no ambiente urbano.

2.2 Inhumas

O espaço geográfico onde se localiza nosso objeto de investigação é o município de Inhumas localizado ao sul de Goiás, a trinta e cinco quilômetros da capital Goiânia. Inhumas é um pequeno município de Goiás. Conta atualmente com 48 mil e 246 habitantes². Sendo que 45 mil e 103 habitantes vivem no espaço urbano e 3 (três) mil e 143 habitantes vivem na zona rural. A cidade de Inhumas possui 13 mil e 500 domicílios.

Segundo texto sobre aspectos históricos do município de Inhumas³ as primeiras incursões ao território inhumense foram realizadas por tropeiros, caixeiros viajantes e outros que se dirigiam à antiga capital (Cidade de Goiás). O povoamento de Inhumas iniciou-se com a fixação de fazendeiros que foram atraídos pela fertilidade da terra. O marco inicial da cidade se deu em 1858, quando João Antonio da Barra Ramos, comprou a Fazenda Cedro e registrou-a na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas, município que se tornou bairro de Goiânia.

A Fazenda foi registrada com o nome de Fazenda Goiabeiras, devido à grande quantidade desta fruta na região. Goiabeiras foi a primeira denominação do município. O povoado de Goiabeiras foi elevado a distrito pela lei municipal número 04, de 27 de março de 1896. Em 19 de março de 1931, acontece a emancipação político-administrativa de Inhumas.

² Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Censo 2010.

³ Texto informativo produzido pela Prefeitura Municipal de Inhumas.

Segundo Mota (2001, p. 24) a sociedade inhumense é constituída por forte presença de migrantes de várias regiões do Brasil. Principalmente de Minas Gerais e São Paulo, e também por descendentes de imigrantes vindos de fora do país como: árabes, principalmente sírio-libaneses, japoneses, italianos, espanhóis e outros.

Em termos religiosos embora seja inequívoca a supremacia numérica dos católicos entre a população inhumense de acordo com o censo 2010. A hegemonia do catolicismo na sociedade inhumense vem sendo abalada pelo avanço do pentecostalismo e principalmente do neopentecostalismo.

Grande número de moradores da cidade trabalha em Goiânia, usando Inhumas apenas como dormitório. Apesar da instalação de indústrias na cidade como a: Rio Negro, Sun Food e a Centrocouro, e do dinamismo do ramo de confecção de roupas de cama, mesa e banho na cidade, nem toda mão-de-obra é absorvida, deixando fora do mercado formal de trabalho grande contingente de trabalhadores(as). A instalação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) Campus Inhumas – antigo Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (CEFET) – em 2007 trouxe oportunidade de qualificação profissional para os moradores de Inhumas e região. O IFG oferece cursos de nível médio e superior nas áreas de informática, química e alimentos, além de cursos na modalidade EJA (Ensino de Jovens e Adultos).

A economia do município de Inhumas gira em torno do comércio, dos serviços e da agropecuária praticada em fazendas e terras no entorno do município. Em termos de ocupação do espaço, a sociedade inhumense é bastante estratificada, a classe média e alta mora no centro da cidade e as classes populares na periferia. Resquícios da velha sociedade oligárquica goiana ou do chamado “coronelismo” resistem às mudanças em Inhumas. Os Balestra, família de longa tradição política, centralizam o poder, e permanecem há anos influenciando o comando da política inhumense e região (MOTA, 2001, p. 25).

Wanderley (2010, p. 13) afirma que duas constatações chamam sua atenção em relação à população rural em pequenos municípios: por um lado, a maioria da população rural do país vive nas zonas rurais dos pequenos municípios e, pelo menos em algumas regiões, a população rural é majoritária nos municípios com até 20 mil habitantes (em certos casos, até 50 mil habitantes), por outro lado, as

pequenas cidades, consideradas urbanas pelo IBGE, conhecem uma experiência urbana, que é, freqüentemente, frágil e precária.

Mendras (1984, p. 371) afirma que a sociedade das pequenas cidades está na mesma trama dos povoados e do meio rural. Esta trama na perspectiva de Wanderley (2010, p. 18) é tecida pelo entrelaçamento de cinco dimensões complementares, a saber:

- a) o exercício das funções propriamente urbanas atribuído a toda aglomeração, sede municipal, qualquer que seja o seu tamanho. Neste sentido, a pequena cidade é também o espaço central do poder municipal, que concentra as atividades administrativas, ao mesmo tempo em que organiza e centraliza as atividades econômicas e sócio-políticas do conjunto do município e expressa a referência à identidade espacial local.
- b) a intensidade do processo de urbanização; na grande maioria dos pequenos municípios brasileiros é frágil, em consequência, sobretudo, da ainda persistente concentração das atividades econômicas e da oferta de serviços nos grandes e médios centros urbanos e da ainda insuficiente rede de comunicações entre aglomerações de todos os tamanhos. Pode-se dizer que, no Brasil, o fato de ser pequeno freqüentemente significa ser precário do ponto de vista dos recursos disponíveis.
- c) a presença do mundo rural. Esta influência pode ser percebida, por um lado, através de diversos indicadores sócio-econômicos e demográficos, dentre os quais merecem especial menção: o peso da população rural no conjunto da população municipal; a proporção das pessoas que, vivendo nas áreas urbanas, trabalha no meio rural, especialmente agricultores e suas famílias, o que estabelece uma via de duas mãos na circulação entre a população rural e urbana no espaço municipal - e a proporção das pessoas ocupadas nas atividades agropecuárias sobre o conjunto das pessoas ocupadas no município. Por outro lado, ela se expressa no fato de que o espaço municipal pode ser impregnado pelas “qualidades” do meio rural, diante das quais a pequena e carente cidade dificilmente consegue se impor como alteridade. Estas qualidades dizem respeito, sobretudo ao povoamento reduzido e à predominância das paisagens “naturais” e das relações sociais de interconhecimento.

d) o modo de vida dominante, percebido tanto através de suas manifestações “concretas”, como das representações que dele faz a população local. A análise do modo de vida supõe, por um lado, a avaliação da disponibilidade de recursos: materiais, sociais e culturais locais, mas também, das representações referentes à necessidade e ao acesso a estes recursos; por outro lado, a compreensão das estratégias desenvolvidas, entendidas aqui como a organização deliberada do sistema de atividades que, refletem os modelos de vida adotados pelos sujeitos e alimentam a construção das suas identidades sociais.

Seguindo a pista de Wanderley (2010, p. 18) constatamos que o romeiro de carro de bois, sujeito que investigamos, tem no seu modo de vida as referências da ruralidade mesmo morando no espaço urbano. E são essas referências que alimentam a construção de sua identidade que é palco da complexa intersecção do urbano com o rural.

A análise das trajetórias de desenvolvimento dos municípios segundo Wanderley (2010, p. 20) permite distinguir os municípios preponderantemente urbanos, preponderantemente rurais ou aqueles que correspondem a situações intermediárias.

O município de Inhumas transita entre o urbano e o rural, que nas palavras de Wanderley (2010, p. 20) corresponde a uma situação intermediária entre aspectos rurais e urbanos. O romeiro de carro de bois embora visceralmente atado a cultura rural, ao viver no espaço urbano, está impregnado, em menor ou maior grau pela cultura urbana.

Frúgoli Júnior (2005, p. 6) destaca que de autores como Simmel (1987) derivou uma concepção de cultura urbana que trata a cidade como uma "variável independente" assentada em distintas versões de polaridade entre: tradicional/moderno, solidariedade mecânica/orgânica (Durkheim), tradicional/racional (Weber) e comunidade/sociedade (Tönnies), que seria sintetizada nas seguintes características:

Predominância dos papéis secundários formalizados, contratuais ou institucionais sobre os primários. Isolamento, superficialidade, anonimato, relações sociais transitórias e com fins instrumentais, inexistência de um controle social direto, diversidade e fugacidade dos envolvimento sociais, afrouxamento dos laços familiares e competição individualista (OLIVEN, 1985, p. 14).

O romeiro de carro de bois, sujeito de nossa investigação vive num pequeno município, e tem uma experiência limitada de alguns aspectos do urbano. Wanderley (2010, p. 08) ressalta a importância de entender as funções que os municípios exercem no chamado “sistema urbano”. É importante não minimizar o seu significado, enquanto expressão de um “*ethos* urbano”, que organiza, administra e integra a sociedade local, urbana e rural. Mas, por outro lado, estas cidades, pela sua própria dimensão, impõem limites a uma verdadeira experiência da vida urbana.

Interessa-nos o sujeito que vive no espaço urbano marcado por uma grande complexidade nas relações interpessoais, centradas no indivíduo.

Raminelli (1997, p. 194) a partir do pensamento de Simmel (1987) ressalta que nas grandes cidades os homens são reduzidos a números, a máquinas valorizadas pela capacidade produtiva. O dinheiro exprime toda diferença qualitativa, sendo o grande nivelador da vida social. A diversidade urbana complexifica as relações humanas que passam a ser frágeis e problemáticas, passam a obedecer a regras rígidas e são marcadas por uma pontualidade exata, do contrário transformam-se em caos.

Quando se fala em processo de urbanização e desenvolvimento urbano, na ótica de Wanderley (2010, p. 16), a imagem que vem à mente, é a das cidades metropolitanas vistas como pólos do progresso e da civilização. Estes grandes centros concentram as atividades econômicas dinâmicas e as oportunidades de acesso a bens e serviços de toda ordem, que atraem a população dos pequenos centros e das áreas rurais. No Brasil, o processo de “metropolização” assumiu uma grande dimensão nas últimas décadas. Esse crescimento populacional vem apontando para um outro processo de concentração demográfica, desta vez centrado no desenvolvimento das chamadas cidades médias situadas no interior do país.

Para compreendermos a cultura urbana recorreremos a autores clássicos da sociologia da passagem do século XIX para o XX, como Durkheim, Weber, Tönnies e Simmel, voltados, por caminhos distintos, dedicaram-se à compreensão das especificidades das sociedades modernas, cujo pano de fundo foram as metrópoles industriais, com intensas mudanças no plano urbanístico, populacional, e nos modos de vida, dado ao desenraizamento rural. (FRÚGOLI JÚNIOR, 2005, p. 3)

Numa análise do pensamento simmeliano, Frúgoli Júnior (2005, p. 4) afirma que Simmel (1987) em sua teoria sobre a sociedade urbano-industrial, assinalou a

configuração do anonimato e da impessoalização nas sociedades urbanas, sendo o contato cotidiano entre estranhos nos espaços públicos marcado pela combinação entre proximidade física e distância social. Ambiguidade para o autor, constitutiva do moderno ocasionando a criação de “estilos de vida caracterizados pela personalidade *blasé*, marcada por atitudes de reserva perante um mundo hostil, e em rápida mudança” (SIMMEL, 1987, p. 32).

Ao analisar o processo de urbanização Sposito (2010, p. 64) destaca que a cidade é o lugar onde se concentra a força de trabalho e os meios necessários à produção em larga escala, portanto é o lugar da gestão, das decisões que orientam o próprio modo de produção, comandando a divisão territorial do trabalho e articulando a ligação entre as cidades da rede urbana e entre as cidades e o campo. Determina o papel do campo neste processo e estimula a constituição da rede urbana. A acentuada especialização funcional que a indústria provocou, estendeu-se para o campo. Prova disso é a monotonia imposta à paisagem rural por quilômetros e quilômetros de soja ou cana ou de espaços para a criação de gado em grandes áreas. A paisagem descrita é comum no Estado de Goiás. As grandes propriedades monocultoras voltadas à produção em larga escala dominam a paisagem rural, ocupando os espaços da produção alimentar, a paisagem homogênea de grandes áreas rurais é um reflexo dos interesses do capitalismo.

Quando pensamos o processo de urbanização e modernização recorreremos à afirmação de Berger (1999, p. 99) de que historicamente as instituições modernizantes por excelência foram o moderno capitalismo industrial e o moderno Estado burocrático. E continuam sendo em grande parte, embora atualmente haja de se levar em conta uma série de evoluções bastante importantes. E a mais importante delas é que, a partir da revolução industrial, a produção tecnológica adquiriu sua dinâmica própria, (e força racionalizadora) autônoma, que já não está ligada a concretos programas econômicos do capitalismo. O capitalismo reorganiza as relações sociais, o individualismo característico da modernidade é uma necessidade orgânica do capitalismo.

Segundo Wood (2003, p. 219) a característica essencial do mundo capitalista contemporâneo não é a força totalizadora e homogênea do capitalismo, mas a heterogeneidade única da sociedade “pós-moderna”, com seu grau sem precedentes de diversidade, até mesmo de fragmentação, que exige princípios novos, mais complexos e pluralistas.

A sociedade contemporânea se caracteriza por fragmentação crescente, diversificação de relações e experiências sociais, pluralidade de estilos de vida, multiplicação de identidades pessoais. “Vivemos num mundo em que a diversidade e as diferenças dissolveram todas as antigas certezas e todas as antigas universalidades” (WOOD, 2003, p. 220)

As antigas solidariedades de classe aos olhos de Wood (2003, p. 221) deram lugar a movimentos sociais baseados em outras identidades e contra outras opressões, movimentos relacionados à raça, ao gênero, à etnicidade, à sexualidade, à inclusão, etc.

O pluralismo pressupõe uma sociedade democrática que reconheça todo tipo de diferença, de gênero, cultura, sexualidade, e outras e que incentive e celebre essas diferenças, sem permitir que se tornem relações de dominação ou opressão. Mas a política de igualdade respeitando as diferenças esbarra na tentativa de situar as diferenças de classe numa visão democrática. É impossível imaginar as diferenças de classe sem dominação ou exploração.

Wood (2003, p. 224) afirma que o capitalismo é constituído pela exploração de classe, mas é mais que um mero sistema de classe. É um processo totalizador cruel que dá forma a nossa vida em todos os aspectos imagináveis, submetendo-nos as exigências abstratas do mercado por meio da mercantilização da vida em todos os seus aspectos.

Diante desse quadro de grande pluralismo e mercantilização da vida, para que serve a religião? A religião reforça aquilo que o grupo social quer que seja reforçado e legitima práticas sociais que para aquele grupo são difíceis de viver.

Para oromeiro de carro de bois do grupo de Inhumas habitante do espaço urbano, viver sua identidade rural é um desafio. A romaria de carro de bois prática secular do catolicismo popular praticada na cidade se torna palco da densa convivência e intersecção do urbano com o rural.

2.3 Romaria: Inhumas-Trindade

É no espaço urbano, marcado pela ruralidade que vivem os romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas, os sujeitos por nós pesquisados. Como esses sujeitos marcados pela ruralidade, lidam com os valores característicos do espaço urbano e porque investem tempo e recursos (um carro de boi completo, com 6 a 14 bois pode custar de 12 a 20 mil reais) numa prática religiosa que se concretiza uma vez por ano, no final de junho, início de julho?

A romaria de carro de bois é uma prática religiosa que requer preparo físico dos praticantes, isso além do ânimo para enfrentar poeira, sol ardente e eventuais problemas com os animais. Tem que se estar preparado para se alimentar na estrada no meio da poeira. Some-se a isso dormir em local improvisado, sem o mínimo de estrutura ou conforto. Diante de tantos desafios, questionamos o que leva os romeiros grupo de Inhumas a se sentirem felizardos quando estão participando da romaria de carros de boi para a festa de Trindade.

Entender o significado dado pelo romeiro do grupo de Inhumas á romaria de carro bois para Trindade é um passo imprescindível em direção a compreensão dos porquês da opção do romeiro do grupo de Inhumas pela prática da romaria de carro de bois mesmo ante a todos os desafios citados acima. O romeiro de carro de bois de Inhumas aderiu a uma prática típica do catolicismo popular rural praticado em Goiás.

Em Goiás, festas tradicionais promovendo romarias de carros de bois, não acontecem somente em Trindade, mas também em cidades como: Mossâmedes, Anicuns, Damolândia. A maioria dos habitantes da zona rural de Mossâmedes, por exemplo, só vinha á cidade na época das festividades. Eram as únicas ocasiões de encontro com parentes, compadres e amigos da cidade: de compra de objetos e participação em formas de lazer “da cidade”. (DEUS, SILVA, 2003, p. 30).

A festa religiosa de Trindade arrasta multidões todos os anos. A festa de 2010 bateu todos os recordes de participação. Segundo dados da Polícia Militar do Estado de Goiás durante toda a festa e celebração final uma multidão calculada em dois milhões e meio de pessoas esteve na cidade de Trindade.

Ao explicar o que significa a romaria de Trindade em sua vida, um romeiro de carro de bois a localizou como uma prática religiosa, um ato de fé:

A romaria de Trindade pra mim é uma ato religioso, todos vem pela imagem, pela fé que tem no Divino Pai Eterno e indiferente da maneira que vem se é de carro de boi, se é de carro próprio, de carona ou de a pé, ou seja, lá o que for. Então pra mim é um ato de religião. Às vezes agente pula as igreja que tem perto da gente e vem pra igreja do Divino Pai Eterno, então eu acho que a igreja, a imagem do Divino Pai Eterno conduz, arrebanha seus romeiro, mais fácil, pra mim é isso ai. **(3)**

A procura de desvendar o *ethos* do romeiro de carro de bois vamos conhecer em detalhes o universo de sua prática religiosa a romaria para Trindade, prática religiosa secular do povo goiano. A história da romaria de Trindade teve início em 1840, quando um casal de agricultores, Ana e Constantino Xavier encontrou em um pasto ao lado de um córrego, um medalhão de barro que representava a Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria. Constantino e seus familiares começaram a rezar o terço diante do medalhão, e logo foi erguida uma capelinha coberta com folhas de buriti. Mais e mais gente começou a chegar ao pequeno povoado que ali se formava. Outra capela maior foi erguida, e a imagem do medalhão foi esculpida em madeira pelo artista goiano José Joaquim Veiga Vale.

Segundo Deus e Silva (2003, p. 17) a romaria do Divino Pai Eterno é conhecida como Festa de Trindade. Trindade é o nome do antigo arraial de Barro Preto, que estava ligado à Campininha de Goiás e conseguiu sua emancipação política no dia 16 de julho de 1920, passando a se chamar Trindade. Esse nome vem de Santíssima Trindade, a imagem cultuada no santuário que representa as figuras divinas do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Mas não se sabe por que os romeiros escolheram para devoção somente o nome Divino Pai Eterno, a primeira pessoa sagrada.

Os romeiros têm uma relação muito intensa e próxima com seu santo de devoção. Com os romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas não poderia ser diferente. A relação que o romeiro de carro de bois estabelece com o Sagrado, com o santo é muito íntima e afetiva. Ao responder o que pedia ao Divino Pai Eterno durante a romaria de carro de bois para Trindade, um romeiro respondeu:

Ah! eu peço pra Ele me sigui cada passo que eu dê né, tá junto cumigo e me ajudano e eu aquerdito que Ele me ajuda. Então eu tenho muita fé nele eu gosto dele é o meu Pai protetor. **(19)**

A romaria de Trindade iniciou-se por volta de 1850. Durante os seus 170 anos de existência, completados no ano de 2010, tem sido bastante freqüentada pelos habitantes da zona rural. Os romeiros iam para a Festa de Trindade de carro de bois, porque esse era o único meio de transporte que tinham. Segundo Deus e Silva (2003, p. 21) desde o início da romaria foi grande a utilização dos carros de bois como transporte rumo à festa de Trindade. A longa viagem parecia não cansar os/as romeiros(as). Enfrentavam poeira, forte sol ou inesperada chuva. Duravam dias e noites. Durante a viagem acampavam nas estradas para os pousos. Chegando à cidade, os carreiros tratavam de se alojar em quintais alugados para o período da festa. Os romeiros iam para a festa de Trindade de carro de bois, porque esse era o único meio de transporte que tinham. Segundo Nascimento (2009, p. 2) a festa de Trindade detêm o recorde do “Maior desfile de carro de bois” do mundo, quando da homologação do recorde em 2007, desfilaram 212 carros, puxados por mais de mil e setecentos bois.

Perguntamos aos romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas porque iam para Trindade de carro de bois e obtivemos como respostas:

Porque é a tradição de muitos ano, que nois tem. Tudo no caminho pra nois é abençoado e nois tá indo pros pé do Divino Pai Eterno, é um coisa muito boa, desde criança sempre nois gostou, bão demais né. **(1)**

Falam pra mim porque que cê não vai de caminhão? Tudo bem, eu tenho caminhão, tenho carro, tenho tudo, mais a festa do Divino Pai Eterno foi começada com carro de boi, então eu gosto de seguir muito exemplo dos antigos os antigo vinha no sofrimento de carro de boi. **(2)**

Ah! eu vi uns colega, meu vindo, resolvi vim um ano e já tem 14 ano que agente vem, e ai a emoção parece que é melhor eu acho. **(6)**

Mais foi os amigo, eu sou romeiro do Pai Eterno desde menino, desde da idade de 12 ano até hoje. Mais aí de carro de boi, foi os companheiro, as amizade, os amigo que puxou nois. **(8)**

É uma tradição que nois... Desde o meu pai, nois costumou vim de carro, ai nois pegou a tradição e envem. **(9)**

Fé no Pai Eterno. **(10)**

Porque eu gosto, é tipo a vez um sacrifício pra gente, uma penitência, uma coisa assim, mais ou menos né, se agente quisesse um conforto, por exemplo, agente pegava o carro ia lá na missa, mais agente gosta da romaria, da companhia dos amigo, então é isso mais ou menos. **(12)**

Nasceu no passado, época de criança eu acompanhava meus avô, e ai após uma interrupção de vários anos eu quis resgatar a memória. **(16)**

Agente gosta né da romaria e segundo é a religião que nois tem né, eu gosto dela né, então incluiu duas coisa que num tem jeito da gente largá né. **(19)**

Porque gosto, aprendi a gostá com as pessoas que eu fui pela primeira vez, aprendi a gostá, vou e pretendo continuar indo enquanto puder. **(20)**

Nas entrelinhas do discurso dos romeiros do grupo de Inhumas, ao expor as motivações que os levam a participar da romaria para a festa de Trindade indo de carro de bois, está clara a ruralidade expressa no apego à tradição, na fé herdada da família. Esse perfil que levantamos é típico de qualquer romeiro de carro de bois, more ele na cidade ou não.

A característica exclusiva, típica do romeiro de carro de bois que vive no espaço urbano é começar a participar da romaria, não, ou não só, por influência da família, mas por influência dos amigos do grupo de romeiros de carro de bois, daí a comprovação de que o grupo é um fator explicativo importante na busca de entender a prática da romaria de carro de bois no ambiente urbano.

A romaria de carro de bois, prática do catolicismo popular, se adequou ao ambiente urbano (cidade de Inhumas) com ânimo. Em 2010, ao todo 17 carros de bois partiram de Inhumas em romaria até Trindade. Para o romeiro de carro de bois do grupo de Inhumas a romaria é uma prática de fé que estreita sua relação com o Sagrado:

A romaria de Trindade significa pra nois é uma fé muito grande com o Divino Pai Eterno, agente tem Ele no coração e é isso ai. **(15)**

Eu tenho muita fé no Divino Pai Eterno, pra mim Ele é o Pai nosso né, então é um trem que num tem nem como agente explicá mais, purquê minha fé tá tudo nele e tudo que eu peço pra Ele, Ele me ajuda, então tenho muita fé nele. **(19)**

Fé e confiança inabaláveis marcam a relação do romeiro de carro de bois do grupo de Inhumas com o Sagrado. Além de um espaço de vivência intensa dessa relação de fé, de pedidos e agradecimentos ao Sagrado, ao santo na figura do Divino Pai Eterno, a romaria de carro de bois, a convivência no grupo dá ao romeiro e sua família um escudo contra o individualismo, a angústia, a anomia da modernidade.

Ao exorcizar a angústia, o medo da anomia que os romeiros sentem diante da complexidade do espaço urbano, no qual não encontram ressonância para o seu ethos vinculado a ruralidade, a romaria de carro de bois torna-se um espaço privilegiado de vivência do *ethos* rural do romeiro de carro de bois. O catolicismo praticado pelo romeiro de carro de bois traz a marca da ruralidade expressa no apego à tradição, à família, à comunidade, à terra e aos animais. Para verificar a validade dessa hipótese participamos da romaria de carro bois de Inhumas a Trindade no ano de 2010. Desde a saída dos romeiros de Inhumas até sua volta ao término da festa de Trindade.

Acompanhamos o carro de bois de uma família do grupo de Inhumas. Saímos com os bois do pasto no dia 23 de junho às 14 horas e 40 minutos. O primeiro trajeto dos carros de bois foi pela rodovia estadual GO-070, que passa pelo setor Alfa Ville, periferia da cidade de Inhumas. Seguimos para a Avenida Bernardo Sayão, que na verdade é a rodovia GO-070 que passa por dentro da cidade de Inhumas. O carro de bois da família que eu acompanhava se encontrou com uma pequena parte do grupo, que dá um total de cinco famílias com seus carros de bois, compostas por adultos, jovens, adolescentes e crianças. É interessante observar que todos do grupo inclusive mulheres, adolescentes e crianças usam uma espécie de uniforme, símbolo do grupo, uma camisa de manga comprida azul escura com uma estampa da figura da Trindade, com os dizeres: “os carreiros de Inhumas” nas costas da camisa e a imagem de Nossa Senhora Aparecida no bolso da frente da camisa.

Chamou atenção a quase total ausência de ritos do catolicismo oficial (missa, por exemplo) durante a romaria de carro de bois de Inhumas à Trindade. Perguntamos ao romeiro de carro de bois o que ele pede ao Divino Pai Eterno quando participa da romaria de carro de bois, as respostas foram:

Hoje pra voltá no próximo ano e agradecê também o ano que tá passando porque, todo ano agente vem e volta com saúde e saúde que agente pede. **(6)**

Muita fé e tê muito amor assim e que agente vem sempre de carro de boi pra Trindade. **(13)**

Uai eu peço a benção né, eu peço a benção do Pai Eterno né. **(18)**

As rezas dos romeiros de carro de bois têm um tom de agradecimento e de pedido de saúde para voltar no próximo ano. A romaria é vista pelo romeiro como um dos acontecimentos mais importantes, mais esperados durante todo o ano. Participar da romaria de carro de bois é um sacrifício e uma alegria vivida com muita intensidade pelos romeiros do grupo de Inhumas.

Antes da saída da romaria de carro de bois da cidade de Inhumas, o pouso do grupo de romeiros foi numa chácara, na saída para Goiânia. Lá os bois foram soltos no pasto. Uma curiosidade é que os bois não se misturam no pasto, ficam juntos como estavam puxando o carro de bois. Foi servido um jantar, o clima era de alegria, camaradagem. Os grupos de famílias ficaram todos juntos no mesmo espaço, foi um momento de conversas, brincadeiras, descontração. Muitos visitantes participam do clima de confraternização do grupo. Fez-se uma roda de viola com muita cantoria e animação. Os romeiros que moram em Inhumas, que são maioria no grupo, foram dormir em casa. Dormiram na chácara as três famílias do grupo que moram na zona rural do município de Inhumas.

Segundo Azzi (1978, p. 53) a romaria tem por finalidade exprimir a fé, pedir e agradecer favores, enfim homenagear o santo cultuado. As romarias se dirigem a centros de peregrinação popular, os santuários. Um dos romeiros ao ser perguntado o que significava para ele a romaria de Trindade, nos respondeu:

Bem significa é a fé que agente tem né. Eu, por exemplo, tem 15 ano que eu participo e cada vez parece que tem mais fé sabe. **(12)**

Ao falar da ordem social do sagrado no catolicismo popular rural, Brandão (2007, p. 335) afirma que este criou um sistema simbólico universal e concreto de seres sobrenaturais com dotes humanos capaz de abarcar toda a pluralidade de trocas concretas que se dão nas vidas, famílias e comunidades. Essa atribuição de dotes humanos à divindade se comprova no discurso de um dos entrevistados.

Perguntamos aos romeiros de carro de bois como se sentiam quando ouviam a palavra Divino Pai Eterno, um dos romeiros respondeu:

Divino Padeterno é uma pessoa, um santo que ajuda todo mundo e vai ajudar muito mais, se Deus quiser, vai cê bão pra nois tudo os carreiro. **(4)**

O Divino Pai Eterno, para cujo santuário, “lugar sagrado” os romeiros e seus carros de bois seguem em romaria, como ressalta Higuete (2009, p. 3) é mais um

santo do repertório do catolicismo popular, só que mais poderoso que os outros santos.

Todo percurso árduo que os romeiros e seus carros de bois enfrentam todos os anos se faz a título de um encontro com o Sagrado que não se dá somente no santuário onde o santo de devoção é cultuado, mas em toda a trajetória da romaria, espaço de irrupção do Sagrado que se manifesta nas relações de respeito, afeto, camaradagem que se estabelecem no grupo durante todo curso percorrido pelos romeiros de carro de bois e suas famílias.

Antes da saída de Inhumas rumo à Trindade, um dos romeiros do grupo, agradeceu a colaboração de todos com a limpeza da chácara e chamou atenção para o cuidado com o lixo na estrada, durante a romaria até Trindade. Observou que todo o lixo produzido pelo grupo deveria ser colocado em sacos plásticos, para depois ser depositado no lugar adequado.

A preocupação dos romeiros do grupo de Inhumas com a poluição do meio ambiente, com o manejo adequado do lixo produzido pelo grupo é uma demonstração de que estão atentos com uma das grandes questões da agenda mundial que é a preservação do meio ambiente.

Pouco antes de sairmos houve um desentendimento entre dois adolescentes da família que acompanhei, marcado por ofensas e palavrões. A presença da família durante a romaria é uma fonte de alegria para o romeiro de carro de bois, ressaltada no depoimento a seguir:

Minha família ir junto eu acho bão demais, quero trazer sempre todo mundo desse jeito. (1)

Mas pode também ser fonte de inquietação provocada pelos conflitos entre as crianças e adolescentes no interno das famílias do grupo. A saída da romaria de Inhumas mostrou que a prática da romaria de carro de bois necessita de toda uma organização prévia tanto dos animais, como do carro de bois e dos apetechos que a família leva no carro.

Sáimos em romaria de Inhumas no dia 24 de junho de 2010, às 9 horas e 15 minutos da manhã, em direção ao Bugre⁴, onde será nosso pouso a noite. Mas logo

⁴Bugre é um vilarejo a poucos quilômetros da cidade de Trindade. É ponto de parada e descanso para os romeiros de carro de bois e suas famílias e também para os animais.

paramos um bom tempo para colocar faixas nos carros de boi identificando as famílias e o grupo de Inhumas.

Steil (2003, p. 27) ressalta que nas línguas francesa e inglesa, não existem as palavras romaria e romeiro. Usam-se apenas os termos peregrinação e peregrino. Peregrino, é o estrangeiro que percorre caminhos desconhecidos e inóspitos. A palavra peregrinação é originária do latim *peregrinus* e significa estrangeiro, itinerante, aquele que viaja ou anda por terras distantes.

O peregrino ou romeiro caminha sempre em direção a um lugar sagrado e lugares sagrados existem por todo mundo, são locais onde se cultiva a religiosidade popular. Temos como exemplos de lugares sagrados: Meca que é o centro de peregrinação do Islamismo; Benares, do Hinduísmo; Mandala, do Budismo; Kyoto, do Xintoísmo (ROSENDAHL, 2002, p. 15).

Percorrer caminhos inóspitos em direção ao lugar sagrado é uma propriedade da romaria de carro de bois. A Figura 3 mostra a dificuldade do longo trajeto da romaria de carro de bois de Inhumas ao Bugre, marcado por caminhos ermos, muita poeira e sol forte.

Figura 3: Romaria de carro de bois indo em direção ao Bugre



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora jun./jul. 2010

A organização dos apetrechos que seguem no carro de bois fica a cargo dos romeiros adultos e jovens. No carro de bois vai parte da bagagem da família, a outra parte segue de automóvel. No carro de bois vai a alimentação não perecível, para passar os dias da festa: carne de porco mergulhada na gordura, almôndegas de carne de vaca também mergulhadas na gordura de vaca, que são chamadas de “pelotas”. Tudo dentro de latões de plástico, muito bem vedados. Nas paradas e na cidade de Trindade cozinha-se o arroz, o feijão, se na cidade compra-se verdura fresca. Mas nos pousos pela estrada esquentam-se a carne de porco ou a almôndega, faz-se o arroz e o feijão e está pronta a refeição. A preparação da comida fica a cargo das mulheres do grupo.

A descrição detalhada de todo percurso da romaria de carro de bois para a festa de Trindade dá uma ideia de toda preparação prévia que esta necessita e ao mesmo tempo da descontração da informalidade que a caracteriza. No carro de bois leva-se muita água em garrafas pet e garrafas térmicas que conservam a água gelada e frutas, principalmente mexerica. A parte mais penosa da romaria é o percurso de Inhumas até o Bugre. É o trajeto mais longo, anda-se pouco tempo no asfalto, a maior parte do trajeto tem muita poeira e sol muito quente. Para o romeiro de carro de bois todo sacrifício feito durante a romaria, a poeira, o cansaço é compensado pela intensa convivência com a família e com o grupo de amigos, e pela fé no santo de devoção, um romeiro explica o significado da romaria de carro de bois:

Significa pra mim fé, pra participá dessa romaria tem que tê fé, por causa da dificuldade que é, tem que tê muita fé no Divino Pai Eterno, pra seguir essa viagem, senão agente não consegue não. **(14)**

A fé do romeiro de carro de bois é revigorada com a prática da romaria. À medida que vamos caminhando principalmente na parte da tarde, o cansaço vai aumentando, e o canto (som característico) dos carros de bois vai entrando pelo ouvido, a ponto de ensurdecer. Durante a romaria é que se percebe o quão preciosas são as garrafas com água e as frutas que nos hidratam e alimentam pelo caminho. Pernoitamos no Bugre e fomos acordados às 5 horas da manhã pelo toque do berrante.

As mulheres prepararam o café, enquanto isso os romeiros adultos, e também os jovens e algumas crianças vão ao pasto recolher os bois e cangar. A canga é um

instrumento de madeira colocado no pescoço dos bois para prendê-los uns aos outros e ao carro que vão puxar. Os bois cangados, estamos prontos para partirmos.

A romaria de carro de bois dá um sentido de harmonia, de solidariedade que fortalece o grupo de romeiros de Inhumas. Durkheim afirma que ao assumirem inclusive no próprio corpo, o totem ao qual pertencem, os homens adultos do clã testemunham mutuamente que são membros da mesma comunidade moral e tomam consciência do parentesco que os une. (DURKHEIM, 1989, p. 431). Nas relações estabelecidas no grupo de romeiros de Inhumas está muito presente essa coesão, esse sentido de solidariedade, de se sentir comunidade, de sentir-se em casa, de se sentir acolhido, de poder se expressar, falar o que sente chorar, sem medo ser criticado. O depoimento a seguir dá a dimensão dessa afirmação:

Eu sinto, é igual quando agente fala... Até ruim agente fala mais é preciso da gente falá, eu me emociono muito fácil com as coisa. Até o ano passado, num me lembro muito se foi no começo, se foi na vinda ou na volta, eu tava na hora da reza da saída de Inhumas, na hora da gente sair de carro de boi eu chorei muito, sabe por que, essa festa me lembra demais meu vô entendeu, e eu era muito apegado com ele, fui o primeiro neto, o mais velho e ele tinha muito apego em mim e com isso eu era muito apegado com ele e ele assim faleceu né, e faz muita falta pra mim até hoje, mais agente consegue como se diz dá continuidade, mas nunca vai ser a mesma coisa, mais agente vai empurrando. (7)

Na romaria de carro de bois se misturam a força da tradição familiar e o desejo de perpetuar a memória afetiva dos membros da família que participavam da romaria, e que faleceram. Por outro aspecto a convivência no grupo, dá ao romeiro e sua família um escudo contra o individualismo característico da modernidade. A prática da romaria de carro de bois traz segurança para o romeiro do grupo de Inhumas, estreita os laços comunitários e familiares e dá um sentido de coesão social, e bem-estar aos participantes do grupo.

Todo o percurso dos carros de bois do Bugre até Trindade é feito por estradas de terra, extremamente empoeiradas, somando-se a isso o calor e o sol escaldante é igual a desgaste físico para os romeiros e suas famílias e muito mais para os animais. O cansaço, as dores nos pés e nas pernas aumentam à medida que nos aproximamos de Trindade. Em alguns momentos parece que a exaustão vai superar a força de vontade. Qualquer sombra na estrada é saboreada como um “oásis”. Em alguns momentos, nós mulheres, vamos mais rápido e ficamos bem à

frente do carro de bois que estamos acompanhando, sentamos à sombra de alguma árvore, por uns minutos para descansar, enquanto o carro que estamos acompanhando não chega até nós.

A presença da família, das mulheres (esposas, irmãs, filhas, cunhadas, noras, etc.) e dos filhos, é uma alegria para o romeiro do grupo de Inhumas, é uma motivação para sua participação na romaria de carro de bois. Estar com a família durante a romaria dá ao romeiro de carro de bois uma oportunidade de viver momentos felizes, memoráveis. Perguntamos aos romeiros do grupo de Inhumas se a família ia junto à romaria de carro de bois e o que eles achavam da família ir junto:

Vai, a família vai junto purquê todo mundo gosta de participá e todo mundo gosta da divução, vai todo mundo. (O que o sr. pensa sobre a família toda ir junto ?) Isso eu penso que é bão demais né (risos). **(9)**

Vai, nois vai e vorta junto, todo mundo. Porque gosta, nois gosta de tá tudo junto, pra ir, pra vim né, então tudo gosta, num desaprega não (risos). (E o que o sr. pensa da sua família ir junto ?) Uai eu penso que eu acho bão demais né, porque nois tá todo mundo junto, purque se fô pra as veiz um ficá pra trais e o otro ir na frente nois num gosta, nois gosta de ir junto, ir e voltá todo mundo. **(19)**

O trajeto do Bugre até Trindade é marcado pelo contato com a natureza, com a mata virgem. A preocupação do grupo de romeiros de Inhumas com o lixo produzido durante a romaria, não é compartilhada por todos que fazem a romaria de carro de bois por aquele trajeto. Há principalmente latinhas de cerveja, refrigerante e sacolas plásticas espalhadas pela estrada. A lentidão é uma característica da romaria de carro de bois, é grande o número de vezes que a romaria pára. Às vezes por problema em algum carro de bois, ou pela lentidão dos bois de alguns carros.

Como andamos em fila indiana, um problema em qualquer um dos carros afeta todos os outros, possivelmente este seja mais um aspecto de unificação do grupo, pois um problema num carro de bois afeta todo o grupo, todos os outros carros.

O caminhar lento, o barulho ritmado do carro de bois, pode fazer da romaria um espaço de meditação para o romeiro. Ao ser perguntado o que pedia ao Divino Pai Eterno durante a romaria de carro de bois, um romeiro do grupo de Inhumas disse:

Eu num peço quase nada, eu simplesmente agradeço, porque tudo que eu tenho foi Deus que me deu. Agradeço pelos meus amigos, e agradeço os bens materiais e espirituais que generosamente Deus me concedeu, então eu só agradeço. Não deixo de pedir pela minha viagem, eu quero que a viagem corre bem, quero ter o prazer de ir de voltar. Mais eu sei que Ele já me deu força pra vir. **(3)**

Durante todo curso da romaria, chama atenção o consumo de bebidas alcoólicas, principalmente cerveja e pinga por parte dos romeiros adultos e jovens. O depoimento de um dos romeiros que não toma álcool durante a romaria revela a ambígua convivência do sagrado com o profano na romaria de carro de bois. O romeiro nos relatou que veio a romaria para cumprir uma promessa. Pediu ao Divino Pai Eterno que o curasse de uma doença grave e ficou curado. Então veio agradecer, afirmou que o trajeto da romaria para ele é sagrado. Identificar, separar o que é sagrado e o que é profano durante a romaria de carro de bois não é uma preocupação do romeiro e sim do(a) pesquisador(a) da religião. Todo o percurso da romaria para o romeiro é sagrado.

Chegamos a Trindade por volta das 16 horas, do dia 24 de junho de 2010. Nossa chegada atrapalha o trânsito da cidade de Trindade, o que incomoda, irrita alguns motoristas, mas para a maioria das pessoas que estão nas ruas, os carros de bois provocam olhares de admiração, muitos que estão nas ruas e dentro dos veículos, tiram fotos. Alguns poucos transeuntes ignoram a chegada da romaria de carro de bois. Na cidade de Trindade, como todas as outras famílias do grupo, a família que estamos acompanhando foi para um local previamente alugado para passar o período da festa. Quando chega à Trindade o grupo de romeiros de Inhumas se dispersa, cada família se dirige para um local.

Os locais de permanência dos romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas em Trindade durante a festa vão desde casas bastante amplas e confortáveis, como é a casa da família que eu acompanhei, a barracas de lona em quintais alugados.

Os motivos para o romeiro optar por ficar em barracas de lona, oscila entre motivos financeiros e a tradição. Quando chegam a Trindade os romeiros levam os bois para um pasto previamente alugado, lá eles permanecem todos os dias da festa.

Entre os pedidos dos romeiros ao Divino Pai Eterno, estão pedidos de proteção para os animais:

Peço pra proteger nois todos, os animais, nois, todos da família inteira, os amigo tudo (9).

A relação do romeiro de carro de bois com os animais, como já mencionamos é complexa e ambígua, se por um lado o romeiro violenta os animais, com o uso da “vara de ferrão” ferindo o animal para que ele ande mais rápido. Por outro lado percebe-se um grande cuidado e zelo com os animais. Um dos bois, do carro que nos acompanhamos ficou “estropiado”, (machucou o casco por baixo) durante a romaria no trajeto do Bugre à Trindade. O romeiro responsável pelo carro de bois chama o boi pelo nome (cada boi tem um nome) joga gasolina no casco e diz que aquilo vai ajudar a sarar.

A prática da romaria de carro de bois no ambiente urbano, além de todos os aspectos já mencionados, tem um forte componente de diversão, de hobby, e também um espaço de socialização. Na chegada da romaria de carro de bois à Trindade, enquanto estávamos parados, esperando pela polícia que viria organizar o trânsito para a passagem dos carros de bois, o comentário de um romeiro, chamou atenção, ele afirmou: - “Tem motorista que não gosta de carro de boi, eu sei que atrapalha o trânsito, mais eles tem que respeitar é um hobby nosso”. A partir dessa afirmação a constatação que fazemos é: a romaria de carro de bois para os romeiros do grupo de Inhumas é uma prática religiosa, e também um entretenimento, um hobby.

Embora aspectos como “hobby” e “entretenimento” não possam ser ignorados, quando se quer compreender as nuances da prática da romaria de carro de bois no ambiente urbano. Não se pode perder de vista outro grande catalisador das energias, das ações do romeiro no grupo, que é a busca de estar em harmonia com a família, com os amigos, com o Sagrado e poder viver intensamente o *ethos* rural que o caracteriza.

A romaria de carro de bois é um espaço privilegiado para a vivência dos valores da ruralidade que permeiam o *ethos* do romeiro de carro de bois. Além de suas ocupações produtivas cotidianas o romeiro se ocupa dos cuidados com o carro e os bois durante todo ano. Ter um carro bem equipado, que “cante bonito” e bois

fortes, treinados para a longa caminhada é um “sonho de consumo” de todo romeiro. A romaria de carro de bois é uma pratica religiosa periódica que ocorre uma vez ao ano. Mas que repercute na vida do romeiro durante todo o ano.

Perguntamos aos romeiros do grupo de Inhumas o que significa a romaria de Trindade em suas vidas. Ouvimos respostas como essa:

Pra mim significa muito, primeiro que vem a tradição dos antigo e a fé e a devoção no Divino Pai Eterno que agente tem, então já tem seis anos que eu participo da romaria, sou muito grato muitos amigo que me convidou pra participar. Primeiro tem a fé, segundo além de gostar da festa, gosto muito de carro de boi sou apaixonado em carro de boi e eu fui adquirindo meus bezeros, meus boi e hoje graças a Deus e ao Divino Pai Eterno eu tenho minha riata completinha, boi, arrumadinho, graças a Deus sou muito orgulhoso disso (2)

É um orgulho para o romeiro participar da romaria e mostrar seu carro de bois grande, bem equipado que “canta bonito”, seus bois fortes, e dóceis. Durante o ano o romeiro se ocupa periodicamente do carro e dos bois, ou seja, a preocupação, os preparativos para a romaria não se resumem somente aos dias da festa. No período que antecede uma romaria e também depois dela, o romeiro de carro de bois se ocupa dos cuidados principalmente com os animais, se preocupa em mantê-los, em forma, treinados para puxar o carro de bois e também mantê-los em um pasto que lhes garanta boa alimentação. Os animais são alvo da vigilância por parte do romeiro durante todo o ano. Esporadicamente os bois fazem trabalhos forçados, com puxar milho, lenha, etc. Isso para que os mesmos não engordem demasiadamente e estejam preparados para a longa e penosa caminhada da romaria.

Em Trindade já há vários anos acontece um desfile de carro de bois, durante a festa, que mobiliza a maioria dos romeiros de carro de bois presentes. Em 2010, o desfile aconteceu no dia 1º de julho, no “carreiródromo”, o que já está se tornando uma tradição. Observamos uma grande manipulação política do evento, autoridades do executivo e legislativo, usam o desfile para se promover politicamente. É alardeado a todo o momento pelo locutor oficial do desfile, que se trata do maior desfile de carro de bois do mundo. No primeiro carro de bois a desfilar vem um padre redentorista segurando a imagem da Trindade, marcando a presença do catolicismo oficial no evento. No segundo carro chama a atenção uma criança vestida de anjo. Vestir as crianças de anjo para pagar promessas, é uma tradição do

catolicismo popular tradicional ainda presente na festa de Trindade. O locutor do evento vai nomeando as famílias que passam com seus carros de bois vindos de todos os cantos de Goiás. Alguns estão participando da romaria e do desfile pela primeira vez, isso demonstra a vitalidade dessa prática religiosa do catolicismo popular.

A rotina das famílias é totalmente quebrada durante os dias da festa em Trindade. O sábado é o dia mais agitado, pois antecede o dia da festa. Para se ter uma idéia, na casa em que eu estava, de sábado para domingo aproximadamente 50 pessoas dormiram numa casa de quatro quartos.

No domingo dia 04 de julho de 2010, dia da festa, ao sairmos às ruas de Trindade nos deparamos com uma multidão incontável. Todas as ruas da cidade próximas à antiga matriz e ao santuário estão abarrotadas de gente. Nas ruas em que se concentra o comércio popular, as famosas “barraquinhas” é impossível andar sem esbarrar em alguém. À medida que as horas avançavam para o término da festa a multidão se multiplica. Na celebração final da festa de 2010, na Praça do Santuário, calculou-se⁵ a presença de mais de um milhão de pessoas.

Na convivência com a família que nos acolheu observamos que a maior parte do tempo de permanência dos membros da família em Trindade para a festa é dedicado a convivência familiar, a socialização. Estar em família, apesar dos conflitos intra-familiares, parece ser o maior motivo de estar em Trindade para a festa para a família que acompanhamos. Vir à Trindade participar da festa é algo esperado peloromeiro de carro de bois e pela sua família durante todo o ano. Voltar para casa também é um momento forte da romaria de carro de bois. O clima da volta é um misto de saudade do que passou, a festa acabou, e alegria por estar voltando para casa.

No dia 05 de julho de 2010, o dia seguinte ao término da festa, já iniciam-se os preparativos da volta para casa. A organização dos utensílios domésticos e da casa fica a cargo das mulheres. Mas nem todas as mulheres da família cooperam praticamente todo o trabalho fica a cargo da matriarca e de uma das noras. As filhas não compartilham dos preparativos da volta para casa, nem do trabalho doméstico durante a estada em Trindade. A preparação das refeições, a lavagem das louças e o cuidado com as crianças e adolescentes, quase sempre sobra ou para a mãe da

⁵Dados da Polícia Militar do Estado de Goiás

família ou para uma das noras. Observamos uma total omissão das filhas e filhos em relação à colaboração nos trabalhos domésticos e inclusive no cuidado com os próprios filhos, deixando a mãe, a matriarca da casa sobrecarregada.

No dia-a-dia da estada em Trindade a colaboração masculina se resume aos trabalhos pesados e a compra de utensílios e comida, raramente os homens contribuem na organização e limpeza da casa. Houve exagero no consumo de bebidas alcoólicas por parte de homens e mulheres, membros da família, e visitantes, principalmente no sábado que antecedeu a celebração do último dia da festa religiosa.

A festa é uma oportunidade para a família estar junta, jogar, beber. O principal interesse da maioria dos membros da família que nós acompanhamos não é participar dos “ritos da festa” (missas, novenas), e sim ficar juntos, se divertir, fazer compras, receber os amigos, os visitantes que aparecem nos dias da festa.

Dando seguimento aos preparativos para a volta no dia 6 de julho pela manhã os homens colocaram a “tralha” no carro de bois, o que inclui fogão, galões de plásticos com gordura e as carnes que sobraram, a roupa suja, o lanche para comermos no caminho, água e frutas para a viagem. Saímos de Trindade às 8 horas 15 minutos da manhã. Na saída de Trindade, um motorista de táxi fez gestos de impaciência com a presença dos carros de bois atrapalhando sua passagem, um grupo que estava ao meu lado comentou: “Deve ser crente”. Nesse discurso percebe-se a disputa velada por espaço entres as confissões religiosas. Se não gosta da romaria de carro de bois é porque é evangélico, é porque tem outra confissão religiosa. Dois romeiros do grupo de Inhumas não voltaram com o grupo, porque não foram liberados de seus empregos. A questão da empregabilidade é mais um aspecto da problemática urbana, da modernidade capitalista a mostra na prática da romaria de carro de bois.

Na volta os bois andam bem mais rápido, segundo um dos romeiros é porque estão descansados e porque sabem que estão voltando para a casa. As estradas na volta estão mais empoeiradas. Nem todos os carros de bois voltaram junto com o grupo, por motivos pessoais quatro carreiros voltaram com seus carros de bois, na segunda-feira.

Durante o retorno da romaria, o carro de bois que estava a nossa frente teve problemas para prosseguir várias vezes, os bois de guia, que comandam os outros bois, foram comprados em Trindade durante a festa e não queriam andar. São

comuns os negócios, as trocas de animais entre os romeiros de diferentes cidades goianas durante a festa. Os bois que foram adquiridos pelo dono do carro a nossa frente não eram “treinados” e não queriam seguir em frente, deitavam no chão e não tinha quem os levantasse, parando assim todos os carros de bois que vinham atrás.

Nesse momento percebe-se a solidariedade, o companheirismo entre os romeiros de carro de bois. De carros à frente e atrás vários romeiros vieram correndo, em socorro ao romeiro com problema, espetavam as guias nos bois, gritavam palavras de ordem como: “ôa”, “firma”, chamando os bois pelo nome na tentativa de fazê-los andar.

É nessas ocasiões que se alcança a força, a persistência dos romeiros de carro de bois e de suas famílias diante das dificuldades inerentes a rusticidade dessa prática do mundo rural. Depois de muito esforço dos romeiros, os bois e nós nos pusemos a caminho. Andamos bem mais rápido do que na ida, além de os bois estarem descansados, não fizemos nenhuma parada até chegar ao Bugre por volta das 15 horas. Ao chegarmos os bois são soltos, os carros de bois são enfileirados, aproveitando os próprios carros de bois improvisam-se tendas, onde as mulheres preparam comida, conversam, descansam. Os homens se reúnem em grupos para conversar e beber. No interno do grupo de famílias de romeiros percebe-se a formação de pequenos grupos de famílias por afinidade e parentesco.

A presença da família é um alento para o romeiro de carro de bois se dispor a fazer um percurso tão longo e penoso de ida e volta para Trindade todos os anos. O romeiro do grupo de Inhumas tem no grupo e na família as grandes motivações para a prática da romaria de carro de bois. Chama atenção a alegria, e a algazarra das crianças, que sentem o clima bom daquele momento de volta para casa. O grupo de romeiros de carro de bois chegou a Inhumas na tarde do dia 7 de julho, e se instalou na mesma chácara de onde a romaria partiu para Trindade.

Somente duas famílias do grupo de Inhumas que moram na zona rural, pernovernaram na chácara. Os romeiros que moram na cidade de Inhumas, ao chegarem não levam o carro e os bois para casa, em solidariedade aos romeiros que moram no campo, soltam os bois no pasto, vão em casa tomam banho e voltam a noite, quando acontece um churrasco, com muita música e alegria, como sempre, com a presença de muitos convidados.

Ao amanhecer os bois são novamente cangados e cada romeiro, parte com seu carro de bois, agora em definitivo para casa. E assim termina a romaria de 2010

para os romeiros do grupo de Inhumas. Todos voltam para casa, mas a romaria não é uma experiência que passou e será esquecida pelo romeiro de carro de bois, pelo contrário, já se iniciam os preparativos do romeiro para a romaria do próximo ano.

Esses preparativos são internos, relacionam-se aos sentimentos, a saudade, a vontade de estar com o grupo e fazer a romaria outra vez. E são também práticos como conduzir os bois ao pasto que ficaram durante o ano e guardar o carro para a próxima romaria e quem sabe comprar bois “melhores” mais fortes, mais treinados para a longa caminhada e um carro mais bonito que “cante” o mais perfeito possível.

A prática da romaria de carro de bois além dos aspectos religiosos inerentes a mesma é também uma experiência libertadora das tensões do cotidiano que inspira segurança ao romeiro de carro de bois e sua família. A romaria de carro de bois é um espaço para romeiro que vive na cidade dar vazão ao seu *ethos* rural e mostrar socialmente sua identificação com o rural. A Figura 4 a seguir, mostra a romaria de carro de bois, passando pelo centro da cidade de Inhumas e quebrando a rotina, o cotidiano não só das famílias dos romeiros, mas também do espaço urbano por onde passa.

Figura 4: Romaria de carro de bois passando pela cidade de Inhumas



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora jun/jul. 2010

No percurso da romaria de carro de bois de Inhumas a Trindade, se misturam festa e sacrifício, sagrado e profano. Eliade (1992, p. 18) afirma que até a existência mais profana não consegue existir em estado puro e guarda em si traços do homem religioso, que tem uma sede ontológica de ser e sente terror diante do desconhecido, do caos. Que sede o romeiro do grupo de Inhumas busca debelar quando pratica ano após ano a romaria de carro de bois para a festa de Trindade?

2.4 Romaria: a saudade da terra e dos animais

Como partícipe da cultura urbana, marcada por tons de ruralidade, o romeiro de carro de bois da cidade de Inhumas vivência no grupo de romeiros a coexistência, a intersecção do urbano com o rural. Cabe-nos enquanto pesquisadora da religião analisar porque uma prática religiosa visceralmente conectada à cultura rural, ao mundo rural se adequou ao espaço urbano com eficácia. Entres as questões que nos movem, está responder: porque utilizar um meio de transporte rústico e desconfortável, podendo se chegar aonde se quer com rapidez e conforto utilizando um meio de transporte moderno? Que necessidades o romeiro que vive na cidade busca satisfazer quando pratica a romaria de carro de bois para a festa de Trindade todos os anos?

De que modo um grupo de famílias do meio urbano (cidade de Inhumas) que participam da romaria de carro de bois para a festa de Trindade está marcado pela ruralidade? Que valores prevalecem no grupo de romeiros de carro de bois de Inhumas? O que justifica a adequação de uma prática religiosa secular enlaçada a ruralidade, como a romaria de carro de bois, no espaço urbano caracterizado por um vertiginoso avanço tecnológico e marcado pelo individualismo, pela globalização e por grande pluralidade de escolhas no campo religioso.

Estudar a caminhada do grupo de romeiros de Inhumas e seus carros de bois até Trindade requer conhecer aspectos do seu cotidiano antes e durante a romaria para a festa de Trindade. Conhecer as práticas sociais e religiosas cotidianas do grupo de romeiros de carro de bois e sua família é essencial na busca de compreendermos a opção de cidadãos por uma prática religiosa tradicional e profundamente ligada a ruralidade. Ao pesquisador que trabalha com religião cabe a busca da compreensão da vida habitual. “O fenômeno religioso é um mecanismo

utilizado pelos homens no seu mundo real e imaginário, mesclando-o nos seus mitos e preconceitos, crenças e práticas” (BACKZO, 1985, p. 12).

Para compreendermos a prática religiosa de um grupo precisamos chegar ao *ethos* desse grupo. A experiência religiosa está fortemente marcada pelo *ethos*. Geertz (1989, p. 144) afirma que o *ethos* é a demonstração de uma relação significativa entre os valores que o povo conserva e a ordem geral da existência dentro da qual ele se encontra é um elemento essencial em todas as religiões.

A devoção dos romeiros de carro de bois parece ser atemporal, as gerações se sucedem e o canto primitivo dos carros de bois, do Goiás colonial continua ecoando nas estradas empoeiradas que levam à Trindade. Os meios de transporte modernos com seu conforto e velocidade, que na sociedade capitalista e urbanizada são objeto de desejo, contrastam com a lentidão e desconforto da viagem num carro de bois por vários dias.

Segundo Pessoa (2005, p. 61) o ofício de carreiro, já foi de grande importância no mundo rural brasileiro, e a cada ano, na festa do Divino Pai Eterno em Trindade, são revividos por um número sempre maior de personagens, alguns inclusive nem chegaram a conviver com os carreiros que viveram como trabalho o que hoje vivem como lazer, “curtição”. Essa afirmação de Pessoa vai de encontro a nossa constatação de que a romaria de carro de bois para o romeiro de carro de bois urbano é além de uma prática religiosa, um entretenimento, “uma curtição”, um hobby.

O carro de bois tem uma trajetória ímpar no processo histórico goiano. Sua participação não se restringe ao transporte de cargas, ele ultrapassou essa função utilitária e se transformou num símbolo do catolicismo popular e rural com forte presença na festa de Trindade, há mais de um século.

Um jovem romeiro de carro de bois nos disse algumas curiosidades sobre o candieiro e o carreiro responsáveis pela condução do carro de bois:

Quem fica a frente do carro de bois é o candieiro e quem caminha dos lados é chamado de carreiro. Um carro de boi pode ser conduzido por 6, 8, 12 ou até 14 bois. Os dois bois que ficam a frente são chamados de guia, a outra dupla que vem logo atrás é a contra-guia, em seguida vem a próxima dupla que se chama chaveia e finalmente o cabeçalho que é a dupla de bois que segura o carro.

Destacamos que os romeiros de carro de bois de Inhumas revitalizaram uma prática religiosa rural no espaço urbano em que vivem, e as motivações para tal

opção envolvem diferentes aspectos, desde um hobby, até uma identidade imbricada na ruralidade. Quando questionados sobre sua relação com a terra, com a cultura rural, ouvimos os seguintes relatos dos romeiros entrevistados:

Ah! praticamente minha vida toda foi na lavoura, na roça, então é uma emoção muito grande, agente sente orgulho em falá: - sou da roça. **(6)**.

Olha eu sou muito apegado (a terra) porque eu moro na cidade mais o meu sonho mesmo era morar numa fazenda né, eu gosto demais dessa vida do campo de animais, cavalo, boi. **(7)**

As falas acima atestam o apego do romeiro de carro de bois a terra, a plantação, aos animais. E o desejo de viver no campo, na roça, embora trabalhando e residindo no espaço urbano. A romaria de carros de boi está visceralmente atada à cultura rural, ao mundo rural. O romeiro de carro de bois que vive no espaço urbano convive diariamente com os aspetos positivos e negativos que o caracterizam.

Wanderley (2010, p. 4) ressalta que quando se fala em processo de urbanização e desenvolvimento urbano, a imagem que vem à mente da maioria das pessoas é a das cidades metropolitanas, vistas como pólos do progresso e da civilização, estes grandes centros concentram as atividades econômicas dinâmicas e as oportunidades de acesso a bens e serviços de toda ordem, que atraem a população dos pequenos centros e das áreas rurais.

Participar da romaria de carro de bois para a festa de Trindade é uma tradição familiar. Os pais da maioria dos romeiros de carro de bois viviam em áreas rurais e migraram para a cidade, trazendo os valores e tradições rurais como a prática da romaria de carro de bois, por exemplo, para a cidade.

A prática da romaria de carro de bois é também uma opção de fé e de vida do romeiro de carro de bois de Inhumas. É não só uma opção, mas uma obrigação para o romeiro participar da romaria como forma de agradecer à Divindade, as graças, os favores recebidos. É o que atesta o romeiro abaixo ao ser questionado porque participa da romaria de Trindade todos os anos, indo de carro de boi:

É uma tradição, é divução, e mais agora ainda, porque eu cai numa enfermidade. O dia que eu acordei lá na OTI, eu gritei pro Divino Pai Eterno, se me abençoa que eu andá com essas perna minha. O único serviço que eu quero fazê na vida é pegá minha vara de ferão e vim com os menino tocano os boi pra Trindade. Sarei, tô bom, aprumei, tô feliz, muito feliz, graças a Deus, graças ao Pai Eterno, se eu era devoto muito devoto do Pai Eterno, agora eu sou mais ainda. **(17)**

O depoimento acima atesta a força da relação de confiança e gratidão do romeiro de carro de bois à Divindade. Além das demandas comuns por saúde, felicidade junto à Divindade, o romeiro de carro de bois busca no grupo uma maneira de lidar com problemáticas específicas da sociedade urbana e capitalista em que vive. Wood (2003, p. 211) ressalta que a sociedade moderna vive sob a égide determinante e totalizadora do capitalismo com seu sistema de relações de propriedade, seus imperativos expansionistas, seu impulso de acumulação, e a transformação de toda vida social em mercadoria e a criação do mercado como uma necessidade, um compulsivo mecanismo de competição e de “crescimento” auto-sustentado. O capitalismo cria uma forma nova de coerção, o mercado, não como uma esfera de oportunidade, liberdade e escolha, mas como compulsão e necessidade, disciplina social capaz de submeter todas as atividades e relações humanas às suas exigências.

O processo de urbanização e modernização da sociedade brasileira alterou os antigos suportes sociais e culturais que ancoravam as práticas católicas como as romarias, por exemplo, (MICHELOTO, 2008, p. 105). Mas as romarias de carros de bois para a festa de Trindade persistem.

Manter as tradições é algo que interessa a Igreja enquanto instituição, na medida em que as tradições são um elemento de agregação social e reforçam a própria estrutura religiosa. Mas tanto as instâncias clericais quanto a massa de leigos que praticam o ritual da romaria sabem da inevitabilidade da mudança e das adaptações.

Depoimentos como o do romeiro de carro de bois abaixo demonstram a força e a longevidade do catolicismo popular posto a mostra na romaria de carro de bois praticada pelos romeiros do grupo de Inhumas.

Ao responder o que significa a romaria de Trindade para ele um romeiro disse:

Significa uma coisa muito boa na vida da gente né, porque eu desde de criancinha eu, inclusive eu fui batizado na Trindade, depois agente foi crescenho e cumecemos na romaria, eu continuei nessa festa grande, só nessa romaria de Trindade tá com 42 ano. **(18)**

A prática da romaria de carro de bois está inserida num “processo ativo de produção de significados e de recomposição de forças internas por qual passa o campo religioso brasileiro” (STEIL, 2001, p. 126). Entre as motivações do romeiro do grupo de Inhumas ao escolher a prática da romaria de carro de bois está seu anseio de fugir do individualismo, aderindo a uma prática religiosa que tem a comunidade e a família como centro.

As ruralidades que Pessoa (2005, p. 51) define como a relação com a terra de cultivo e o criatório está latente na prática da romaria de carro de bois. A romaria praticada pelo grupo de romeiros de carro de bois de Inhumas traz as referências das ruralidades.

É um desafio para o romeiro de carro de bois viver a complexidade da vida urbana, pois este traz em sua mentalidade, em seu modo de vida, em seu *ethos* os códigos da ruralidade.

Essa vivência do urbano que o romeiro de carro de bois é levado a realizar visto que é um cidadão e convive cotidianamente com o urbano e suas exigências é fonte de conflitos e nostalgia para o mesmo.

O romeiro de carro de bois não quer viver o individualismo capitalista, a racionalidade urbana. Sente falta, saudade dos valores da ruralidade, que lhe são mais caros, quer viver em comunidade, quer ter a família unida e sempre por perto.

3 ROMARIA: A SAUDADE DA COMUNIDADE E DE LAÇOS FAMILIARES PROFUNDOS

Os aspectos típicos da cultura urbana, como: a centralidade do indivíduo, a secularização, a racionalização burocrática, o afrouxamento dos laços familiares, a fragilidade da comunidade convivem de forma complexa com aspectos típicos das ruralidades. Neste capítulo apresentaremos algumas das características da cultura urbana que, a nosso ver, apresentam-se aos sujeitos como desafiantes, fazendo com que os mesmos recorram à busca da manutenção de traços da cultura rural; destacamos, então, entre os traços da cultura rural os que, a nosso ver, permanecem como algo positivo no imaginário das pessoas, quando estas se deparam com a complexidade da cultura urbana. Trata-se do ideário da comunidade e também do ideário da família.

3.1 O urbano e seus desafios

O espaço urbano traz a marca da complexidade nas relações sociais e econômicas moldadas pelo capitalismo e impactadas pelo turbilhão sem fim de mudanças tecnológico-científicas que repercutem na cultura. As ruralidades resistem a esse contexto?

Para Lefebvre (2001, p. 73) ao longo do processo histórico o urbano foi lentamente modelando o rural. A paisagem rural originalmente ligada aos grupos que a ocuparam sacralizando-a vai aos poucos sendo profanada pela vida urbana que dissolveu essa sacralização no transcorrer das épocas, absorvendo-a na racionalidade.

Lefebvre destaca que o fenômeno da urbanização é um desafio teórico e prático e afirma que:

Durante longos séculos, a Terra foi o grande laboratório do homem; Só há pouco tempo é que a cidade assumiu esse papel. O fenômeno urbano manifesta hoje sua enormidade, desconcertante para a reflexão teórica, para a ação prática e mesmo para a imaginação (LEFEBVRE, 2001, p. 3).

Segundo Rolnik (1995, p. 8) a cidade nasce historicamente do processo de sedentarização. E imbricada com a natureza mesma da cidade está a organização

da vida social. Desde sua origem como local cerimonial e lugar dos templos é na cidade que moram os deuses. A cidade é a sede do poder, da administração, lugar da produção de mitos e símbolos. A autora questiona:

Não estariam estas características ainda presentes nas metrópoles contemporâneas? Cidades da era eletrônica, não seriam suas torres brilhantes de vidro e metal os centros de decisão dos destinos do Estado, país ou planeta? Não seriam seus *out-doors*, vitrinas e telas de TV os templos dos novos deuses? (ROLNIK, 1995, p. 8).

O próprio espaço urbano na perspectiva de Rolnik (1995, p. 9) se encarrega de contar parte de sua história. A arquitetura “essa natureza fabricada na perenidade de seus materiais tem o dom de durar”. Além de lócus privilegiado da experiência humana a cidade é também um registro, uma escrita, a materialização de sua própria história.

Rolnik (1995, p. 12) afirma que o espaço urbano tende a dominar todo o espaço, transformando em urbana a sociedade como um todo. Na cidade capitalista a força poderosa que dá ritmo e intensidade ao espaço urbano é a produção industrial. É difícil pensar um aspecto da vida urbana hoje que não seja de alguma forma caracterizado pela indústria. Ela está presente em milhares de objetos desde a velocidade dos carros e aviões até ao relógio que nos escraviza ao tempo útil e produtivo.

A relação urbano-rural, segundo as épocas e modos de produção: ora foi profundamente conflitante, ora mais pacífica. Na feudalidade ocidental, o senhor territorial ameaçava a cidade renascente, onde os mercadores tinham seu ponto de encontro. A cidade em expansão se tornou um centro de decisão e de acumulação de capital e ataca o campo, corrói-o, dissolve-o. A vida urbana penetra na vida camponesa despojando-a de elementos tradicionais: artesanato, pequenos ofícios definham em proveito dos centros urbanos (LEFEBVRE, 2001, p. 74).

O processo de urbanização na ótica de Sposito (2010, p. 64) confere à cidade lugar de destaque na concentração da força de trabalho e dos meios necessários à produção em larga escala, portanto é o lugar da gestão, das decisões que orientam o próprio modo de produção, comanda a divisão territorial do trabalho e articula a ligação entre as cidades da rede urbana e entre as cidades e o campo. Determina o papel do campo neste processo e estimula a constituição da rede urbana.

A acentuada especialização funcional que o capitalismo provocou, estendeu-se para o campo na ótica de Sposito (2010, p. 65). Como já ressaltado a monotonia imposta à paisagem rural por quilômetros de soja, cana ou criação de gado em grandes áreas, dominam a paisagem rural, ocupando espaços da produção de alimentos, esse cenário homogêneo um reflexo dos negócios capitalistas.

Esse mesmo capitalismo tem o poder de reorganizar as relações sociais, o individualismo característico da modernidade é uma necessidade orgânica do capitalismo. Wood (2003, p. 211) resalta que a sociedade moderna vive sob o escudo determinante e totalizador do capitalismo com seu compulsivo impulso de acumulação que transforma todas as instancias da vida social em mercadoria.

O romeiro de carro de bois sujeito por nós pesquisado vive no espaço urbano, espaço marcado pela heterogeneidade e pela complexidade. Ao analisar a sociedade urbana Lefebvre utiliza o termo “tecido urbano” e afirma que:

O tecido urbano prolifera, estende-se, corrói os resíduos de vida agrária. Estas palavras, o tecido urbano: não designam, de maneira restrita, o domínio edificado das cidades, mas o conjunto das manifestações de predomínio da cidade sobre o campo. Nessa acepção, uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo, fazem parte do tecido urbano (LEFEBVRE, 1999, p. 17)

Monte-Mór (2006, p. 11) afirma que à medida que o tecido urbano se estendeu sobre o território, levou com ele o germe da *pólis*, da *civitas*, da práxis política que era restrita ao espaço da cidade. A questão urbana se transformou na questão espacial em si mesma e a urbanização passou a constituir-se numa metáfora para a produção do espaço social contemporâneo como um todo, cobrindo potencialmente todo o território nacional em bases urbano-industriais.

Num sentido amplo podemos falar de uma urbanização extensiva que se impõe ao território brasileiro para muito além das cidades, integrando espaços rurais e regionais ao espaço urbano-industrial através da expansão da base material requerida pela sociedade e economia moderna e pelas relações de produção que são reproduzidas pela própria produção do espaço. A urbanização extensiva caminha ao longo de vários eixos e redes de comunicação e de serviços impondo a lógica urbano-industrial ao espaço social contemporâneo, no urbano dos nossos dias (MONTE-MÓR, 2006, p. 12).

O romeiro de carro de bois não tem intimidade com o espaço urbano este lhe é pouco familiar, e às vezes incompreensível. E o simples mencionar da palavra carro de bois, leva-o a uma “viagem” ao grupo de romeiros, à romaria de carro de bois para Trindade, espaço onde se sente acolhido e pode ser ele mesmo. E se lamenta da romaria acontecer só uma vez no ano:

Ah! carro de boi, ai pode ser no mês de novembro, no mês de chuva se eu escutá (a palavra carro de boi) eu já penso em carro de boi, já quero seguir viagem e ai como se diz, festa só uma vez no ano né. **(10)**

É na cultura rural, nas ruralidades que o romeiro de carro de bois se encontra, se identifica entra em harmonia com seu “eu”, com sua identidade rural. O sujeito que vive no espaço urbano vive uma grande complexidade nas relações interpessoais, centradas no individuo. Raminelli (1997, p. 194) a partir do pensamento de Simmel (1987) ressalta que nas grandes cidades os homens são reduzidos a números, a máquinas valorizadas pela capacidade produtiva. O dinheiro exprime toda diferença qualitativa, sendo o grande nivelador da vida social. A diversidade urbana complexifica as relações humanas que passam a ser frágeis e problemáticas, obedecem a regras rígidas e são marcadas por uma pontualidade exata, do contrário transformam-se em caos.

O sujeito de nossa pesquisa tem uma experiência visceral da ruralidade e do Sagrado. A ruralidade é um componente vital no universo do romeiro de carro de bois. O depoimento de um romeiro de carro de bois quando perguntado o que sentia ao ouvir as palavras: terra, roça, plantação é revelador:

Ah! ai é uma coisa que agente sente tudo né, principalmente inguale eu que sou da roça, lavrador, eu acho que sem a roça agente num é nada né. **(11)**

Esse romeiro de carro de bois cujo universo é rural tem uma relação intensa, vital com o Sagrado. O Sagrado para o romeiro de Inhumas é saturado de significado. Ele “sente” muito mais que sabe. Saber na experiência religiosa passa pelo sentir. “Um Deus compreendido não é um Deus” (Rudolf Otto) - informação verbal.⁶ Para o homem religioso Deus não é um conceito, uma noção abstrata é um sentimento de dependência de se sentir criatura. Desperta amor que atrai e temor

⁶Frase proferida pela professora Carolina Teles Lemos e creditada a Otto, durante aula do curso de Mestrado em Ciências da Religião no ano 2009.

que leva a reverência. O ser humano vive a experiência do Sagrado, mas não é fácil, dizer, comunicar essa experiência. Um dos romeiros do grupo de Inhumas define assim a sua experiência com o Sagrado:

Quando eu escuto a palavra Divino Pai Eterno eu penso... Talvez eu nem sei o significado, mais primeiro é a fé, Divino Pai Eterno é um Espírito Santo que ilumina nosso caminho, Divino Pai Eterno é... Eu vejo o Divino Pai Eterno, como um punhado de raios de luz iluminando meu caminho, sempre eu vejo assim, eu vejo ele me lummando, posso tá na maior escuridão que eu vejo ele me lummando, Divino Pai Eterno mesma coisa dum farol muito alto, vem lá do alto, me dá a luz, mostra a luz, cê tá entendendo? (2)

Lemos (2005, p. 126) afirma que a experiência religiosa é o encontro com o *numinoso* com o *misterium tremendum*. Quando o ser humano se põe em contato com o sentimento de ser criatura. Sentimento que está à sombra do medo, porque o *numinoso* é algo que está fora da pessoa e dele emana uma superioridade esmagadora de poder. O *numinoso* é de tal natureza que cativa e emudece quem o experimenta.

Os romeiros do grupo de Inhumas ficaram sem palavras quando questionados sobre o que sentiam, pensavam quando ouviam a palavra Divino Pai Eterno. As falas traduzem a experiência dos romeiros de carro de bois com o *numinoso*, o Divino Pai Eterno, o “santo de devoção”:

Chega arrupeio (arrepio), de coração. (1)

É uma emoção muito grande né, nois é devoto dele né. (5)

Meu oio chega enche d água. (13).

Ah! Tá doido né, agente num sabe nem explicá viu, parece que o trem é lá de dentro, o Divino Pai Eterno pra minha vida tá doido, sai de dentro da gente, é um trem bão demais. (19)

O romeiro do grupo de Inhumas “sente” o Sagrado, mas não dá conta de explicar seu sentimento diante do *misterium tremendum*, do *numinoso* que cativa, empodera ou fragiliza quem o experimenta.

É um desafio para o romeiro de carro de bois assumir sua identidade, seu *ethos* visceralmente rural no espaço urbano que carrega toda uma complexidade nas relações sociais, impregnadas de individualismo, de racionalismo. O urbano

está marcado pela perplexidade ante a assustadora velocidade das mudanças científicas e tecnológica que se refletem tanto em termos sociais, quanto culturais.

Outro componente dessa complexa realidade é a liberdade para escolher dentre a variada gama de opções disponíveis no campo religioso, que vão do neopentecostalismo ao espiritismo. Toda essa complexidade leva oromeiro de carro de bois de Inhumas a buscar um espaço onde se sinta seguro. A opção doromeiro de Inhumas pela prática da romaria de carro de bois tem como pano de fundo a necessidade de um espaço para assumir sua identidade rural e viver os valores da ruralidade, mesmo morando na cidade.

No Brasil a criação de cidades como espaços de produção mono-industrial por grandes indústrias reúne as condições exigidas pelo capitalismo industrial, onde o Estado regula as relações entre trabalho e capital, faz investimentos em infraestrutura, garantindo os meios de consumo coletivo, enfim cria as condições gerais de produção para a indústria (MONTE-MÓR, 2006, p. 11). Essas condições de produção estão restritas ao que Milton Santos (1994, p. 37) chamou de arquipélago urbano, evidenciando o caráter fragmentário e desarticulado da sociedade urbana brasileira. Nas cidades e apenas nelas, se concentram as possibilidades de acesso às facilidades da vida moderna, à cidadania, à urbanidade e à modernidade. (MONTE-MÓR, 2006, p. 11).

A estruturação do espaço urbano brasileiro segundo Wanderley possui uma dupla característica:

Por um lado, concentra grandes contingentes populacionais – em termos de tamanho absoluto – em um número reduzido de áreas metropolitanas e grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, e outras áreas metropolitanas e capitais regionais e sub-regionais; por outro, alimenta o crescimento da população urbana de um número grande – e crescente – de cidades de diferentes tamanhos que se integram num complexo padrão de divisão territorial do trabalho social tanto entre o campo e a cidade como entre as cidades (WANDERLEY, 2010, p. 10)

O resultado deste processo na ótica de Wanderley (2010, p. 11) é a constituição de um sistema urbano dinâmico e crescentemente integrado, sob o comando funcional das grandes áreas metropolitanas nacionais São Paulo e Rio de Janeiro. A divulgação dos dados do Censo Demográfico, realizado em 2010, confirmou a tendência já observada a várias décadas, de urbanização da sociedade

brasileira. Atualmente 84,4% da população⁷ do país residem em domicílios definidos oficialmente como urbanos.

Como se define um pequeno município? Três critérios são definidores da população urbana: o critério censitário; o critério de mais de 20.000 habitantes vivendo em áreas urbanas do município e o critério de mais de 20.000 habitantes na sede urbana do município.

O IBGE distingue as situações urbana e rural, tais como são legalmente definidas em cada município. Na situação urbana consideram-se as pessoas e os domicílios recenseados nas áreas urbanizadas ou não, correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou às áreas urbanas isoladas. A situação rural abrange a população e os domicílios recenseados em toda a área situada fora dos limites urbanos, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos (WANDERLEY, 2010, p. 11)

Para compreender mais profundamente esta realidade, Wanderley (2010, p.12) afirma ser necessário considerar a trama social e espacial específica e as trajetórias de desenvolvimento, que geram, simultaneamente, a dinâmica interna e externa de cada município, como é o caso de Inhumas.

Discutir os desafios inerentes ao espaço urbano entre eles a problemática das relações sociais, marcadas pelo individualismo, valor intrínseco ao capitalismo, é relevante na tarefa de compreender a sociedade brasileira, que como já foi destacado pelos dados do IBGE é majoritariamente urbana. O individualismo está no cerne do urbano, a romaria de carro de bois faz oposição ao individualismo, pois têm na sua essência os valores da comunidade.

3.2 Comunidade

Os valores da comunidade que predominam na prática da romaria de carro de bois dizem respeito à solidariedade, ao prazer de usufruir da companhia dos amigos, de estar junto à família. Comunidade e família muitas vezes se fundem no imaginário dos romeiros de carro de bois. Perguntamos aos romeiros do grupo de Inhumas o que pensavam ao ouvir a palavra comunidade? As respostas foram:

⁷Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010

Comunidade é um grupo de pessoas amigas, bõo demais, que nem esse grupo nosso aqui é uma turma de gente, mesma coisa de uma família, esse grupo nosso é uma família **(1)**

Comunidade é isso aqui exatamente o que nós estamos fazendo isso aqui pra mim é uma comunidade, a comunidade de carreiros. É uma reunião, é um bate papo, é uma missa, isso é uma comunidade, a reunião de todos os carreiros é uma comunidade cê tá entendendo, cê vai num salão de festa é uma comunidade, comunidade que eu entendo é uma reunião de gente que interessa por alguma coisa **(2)**

Comunidade é uma confraternização entre amigos, forma comunidade, ali reza, ali participa, ali confraterniza, ali doa, ali faz de tudo que a pessoa... Acho que é fundamental uma comunidade **(3)**

Para o romeiro de carro de bois do grupo de Inhumas a comunidade é um espaço de união dos amigos, e da família e presença do Sagrado. Um romeiro definiu assim a sua idéia de comunidade:

Comunidade todo mundo na paz, na paz de Deus. **(13)**

No geral todas as falas dos romeiros de carro de bois sobre comunidade remetem a uma idéia de um encontro de pessoas que tem objetivos comuns:

Comunidade é a união de todos né. Comunidade a palavra já indica, comunidade agente tá em comunhão com todo mundo, então a comunidade pra mim, certo, comunidade é a união de todos. **(20)**

O objetivo comum, o traço unificador do grupo de romeiros de carro de bois de Inhumas são os valores da ruralidade expressos na vida comunitária no estreitamento dos laços de solidariedade. A experiência comunitária, os vínculos de solidariedade são traços fortes da cultura rural em Goiás, traços deixados a mostra nas festas do divino, nas folias de reis e nos centros de peregrinação (santuários) onde se nota outra compreensão de tempo, espaço, e relações sociais que objetivam o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Atualmente o conceito e o espaço da comunidade estão abertos a uma série de possibilidades. Fazemos comunidade com quem pensa igual ou parecido a nós, e os laços comunitários tendem a ser cada vez mais frágeis. Vivemos tempos de vertiginosas transformações, provocadas pelas revoluções principalmente na área da comunicação, da informática, da robótica, nanotecnologia etc. "O fenômeno da

globalização que coloca em xeque as fronteiras culturais, e o conceito sociológico de comunidade se torna cada vez mais complexo, pois não é formado por uma única vertente cultural” (LEMOS, 2009, p. 215).

O grupo de romeiros é um espaço em que o romeiro de carro de bois busca viver os valores da cultura rural posto a vista em dois aspectos: na centralidade da família e na busca de viver os valores da comunidade. Para os romeiros de carro de bois de Inhumas o grupo se constitui num espaço de experiência de comunidade. Mas afinal o que é comunidade?

Para Bauman (2003, p. 7-15) no imaginário das pessoas a comunidade aparece como um “círculo aconchegante”, que sugere coisa boa, lugar confortável, onde estamos seguros e protegidos. O entendimento no qual a comunidade se baseia, é sem palavras, é um “sentimento recíproco e vinculante”. Há uma “naturalidade” no entendimento comunitário. Mas esse entendimento natural, não existe mais na modernidade, a relação do indivíduo moderno com a comunidade segue uma lógica diferente da relação que os indivíduos das comunidades tradicionais mantinham com sua comunidade de pertencimento com a qual mantinham uma relação de adesão irrestrita.

O indivíduo moderno tem várias ofertas de comunidade e escolhe a que responde mais as suas necessidades de momento, faz comunidade com quem comunga algum tipo de afinidade. Bauman afirma que:

Agora a unidade (da comunidade) precisa ser “construída”: o acordo “artificial” é a única forma disponível de unidade [...] Mesmo alcançado esse entendimento comum será sempre frágil e vulnerável, precisando sempre de vigilância, reforço e defesa (BAUMAN, 2003, p. 18-19).

A partir do século XIX na ótica de Frúgoli Júnior (2005, p. 97) com o desenvolvimento econômico e social que se assentava marcadamente no crescente processo de industrialização e urbanização, passou-se a pensar a organização comunitária como um obstáculo à modernização. Esforços foram empreendidos para a superação desse modo de vida baseado no sistema de produção primária, na troca de mercadorias, em uma estrutura de sobrevivência fundada nas relações de solidariedade e na defesa do espaço coletivo, favorecendo a afirmação e

fortalecimento de um modo de vida que deveria sucumbir frente à sociabilidade do homem moderno e civilizado.

A tensão entre comunidade como reconstrução simbólica de um suposto passado perdido e a sociedade moderna tem de certa forma se mantido recorrente até o presente, obviamente sob distintas sínteses e ressignificações, tanto no campo das representações sociais, como nas formas concretas com que certos grupos sociais buscam se situar e se organizar dentro da cidade. Ou seja, a noção de comunidade persiste como uma espécie de referência simbólica – desejada ou imaginada (FRÚGOLI JÚNIOR, 2005, p. 108).

O romeiro de carro de bois de Inhumas percebe o grupo de romeiros como uma comunidade, mas uma comunidade que também é uma extensão da família:

Comunidade... nós estamos numa comunidade aqui ó, isso aqui é uma comunidade pra nois, comunidade é uma coisa muito boa, isso é uma família, isso aqui é uma comunidade não é verdade? **(14)**

Comunidade é umas pessoa igual nois assim tudo unido, bom demais, todo respeito um ao outro, é uma amizade né. **(5)**

Numa leitura do mundo atual Frúgoli Júnior (2005, p. 126) ressalta que hoje os indivíduos não estão mais facilmente sensibilizados para as antigas motivações das comunidades, aos projetos de vizinhos, às dificuldades de amigos e à solidariedade para os colegas, ocupando-se mais das relações abstratas, impessoais, com desconhecidos. Os comportamentos são motivados pelo fenômeno da fluidez, da virtualização, um dos efeitos da tecnologia informacional. Nesse contexto a comunidade foi lançada ao lugar de utopia, de um habitat paradisíaco.

Bauman (2003, p. 9) enfatiza que a comunidade é hoje outro nome que se dá ao paraíso perdido, ao qual esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos avidamente os caminhos que podem levar-nos até lá: Bauman é enfático ao falar desse paraíso sinônimo de comunidade:

Paraíso perdido ou paraíso ainda esperado: de uma maneira ou de outra, não se trata de um paraíso que habitemos e nem um paraíso que conheçamos a partir de nossa experiência. Talvez seja um paraíso precisamente por essa razão. (...) a realidade declaradamente “não comunitária” ou até mesmo hostil à comunidade àquela comunidade imaginada que produz uma “sensação de aconchego”. Essa diferença apenas estimula a nossa imaginação e torna a comunidade imaginada (sonhada) ainda mais atraente (BAUMAN, 2003, p. 9).

Segundo Bauman (2003, p. 16) por ser tão evidente o entendimento que cria a comunidade passa despercebido, ele é tácito e intuitivo por sua própria natureza. E não pode ser exposto, determinado, compreendido, só sentido.

Em torno das comunidades existentes historicamente, cujo catalisador era a tradição, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais bastantes poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida, de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações, de saber, comunicações, luz. Também construíram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (FRÚGOLI JÚNIOR, 2005, p. 127).

Bauman (2003) em sua obra “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual” identifica como a revolução industrial transformou trabalhadores, outrora “comunidade”, em “massa” e indica que a modernidade precisou destruir as comunidades para se instituir. Segundo o autor, as certezas dos elos que uniam as pessoas em comunidades simbólicas foram perdidas e o que restou foram incertezas cada vez mais catalisadas pelos sentimentos de individualismo e insegurança que se alimentam mutuamente no bojo de uma modernidade fortemente marcada pelas relações de produção. (WILLEMAN, 2006, p. 2).

Para Willeman (2006, p. 2) os grupamentos humanos, uma vez entrando em um consenso sobre o que é importante para o grupo tendem a sistematicamente forjar espaços de relativa segurança; não propriamente a utópica “comunidade” original de Bauman. Mas “territórios”, onde os laços não são tácitos, mas negociados em busca de objetivos comuns, num processo democrático e de afirmação das liberdades individuais e coletivas.

Partindo deste cenário, a autora trabalha com o conceito de território a partir da abordagem de que território não se limita a espaços físicos determinados, mas é definido pelas práticas que nele se dão e que, em alguma medida, influenciarão e terão impacto na construção, resgate, e ressignificação de um conjunto simbólico baseado nas identidades individuais e coletivas que engendram a noção de pertencimento. Embora a modernidade esteja marcada por um movimento de individualismo exacerbado, há paradoxalmente, um movimento de busca de “raízes” e de pertencimentos (WILLEMAN, 2006, p. 3).

A prática social e religiosa do indivíduo que vive no espaço urbano é o que nos interessa compreender. Em seu texto: “A sociedade dos indivíduos”, Norbert

Elias (1994) enfatiza que as pessoas são ao mesmo tempo constituídas pelas suas características individuais, bem como pelos padrões sociais. Cada indivíduo já nasce inserido em uma determinada sociedade e sua convivência com os outros determina suas relações sociais, incluindo seus modos, sentimentos, gostos, bem como sua função na mesma. É evidente que cada ser humano é singular dentro de um grupo, possui uma personalidade por meio da qual interage com os demais (MACHADO, 2010, p.17).

Nosso intuito é entender como o indivíduo moderno lida com os valores comunitários no espaço urbano. Lemos (2004, p. 130) afirma que o indivíduo pode entender-se a si mesmo comparando-se com os outros, com valores, instituições e significados presentes na sociedade. Se não consegue se localizar em relação ao lugar que ocupa na sociedade, o indivíduo se sente ameaçado de perder os laços que o satisfazem emocionalmente, de perder sua orientação na experiência da vida, sente-se ameaçado de anomia.

Na ótica de Berger (1985, p.15) o homem estabelece uma relação dialética com a sociedade. A sociedade é produto do homem e o homem é produto da sociedade. Esse processo dialético entre homem e sociedade consiste em três momentos: a 'exteriorização' que é uma necessidade antropológica do homem, é uma demonstração viva de seus sentimentos sobre o mundo em atividades físicas e mentais. A 'objetivação' é a conquista por parte dos produtos da atividade física e mental de uma realidade que se defronta com seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. E a interiorização que é a reapropriação dessa mesma realidade.

Weber (1991, p. 279) ressalta que a ação humana é racional, mas dotada de um significado subjetivo dado por quem a executa e que orienta o comportamento e ordena as crenças e valores do indivíduo visando lhe garantir estabilidade tanto psicológica, quanto social:

São os últimos e supremos juízos de valor que determinam a ação e conferem sentido e significado à vida e que são percebidos como objetivamente válidos. É preciso dar atenção aos condicionamentos internos da ação dos homens para tratar dos problemas trazidos por sua inserção em constelações sociais que podem desenvolver suas capacidades ou deformar, fragmentando, suas almas (WEBER, 1991, p. 314).

A sociabilidade está carregada de padrões de aversão e simpatia. Para Silva (1997, p. 19) as relações com o próximo são determinadas por duas direções

contrárias da impressão sensível. A primeira nos afasta dele: a presença sensível do outro o coloca completamente fora de nós. O simples estar aí do outro provoca em nós os mais variados sentimentos de prazer, dor, elevação, humilhação, excitação, sossego.

A forma básica de socialização na cidade é a dissociação. Mas existem compensações: o aumento da liberdade pessoal, conseguida pela reserva com seu tom exagerado de aversão oculta. É mais fácil enganar o ouvido do homem do que sua vista: o cego, para quem o próximo só existe quando se expressa, considera tudo amistosamente, por estar privado da simultaneidade inquietante que se expressa no rosto dos homens:

O rosto é o lugar por excelência da teoria, não faz, apenas fala. Desde o primeiro olhar, sabemos com quem lidamos, e mesmo que estejamos errados na avaliação, ela continua operante. O olhar não é apenas investigativo, é também expressivo. O encontro dos olhos é reciprocidade absoluta: sujeito e objeto em explícita interação (SIMMEL, 1939, p. 241).

O crescimento das cidades e o afluxo de populações do interior, das regiões mais pobres do país, populações essas marcadas pela vida camponesa, estruturada a partir dos ritmos da natureza, tributária da religiosidade sincrética e das formas de dominação tradicionais se inserem num mundo simbólico de vertente urbana, letrada, racionalizada (SILVA, 1997, p. 22).

A realidade complexa e instável do espaço urbano marcado pelo individualismo, pela competição, pelo avanço científico-tecnológico, levou um grupo de romeiros de carro de bois moradores da cidade de Inhumas - Goiás, a fazerem da prática da romaria de carro de bois um momento forte de suas vidas, momento esperado durante todo o ano e vivido com muita intensidade e alegria. Durante todo trajeto da romaria de carro de bois de Inhumas a Trindade em 2010, em nenhum momento percebemos um clima de desânimo, de tristeza. Apesar dos desafios físicos a romaria é uma experiência única, intensa e feliz para o romeiro de carro de bois e sua família.

Na lógica da sociedade capitalista e consumista, em que vivemos a prática da romaria de carro de bois, beira a irracionalidade, mas Weber (1991, p. 280) afirma que a ação religiosa é sempre racional e está voltada para este mundo e é orientada por meios e fins. A relação concreta e historicamente construída do ser humano com

as forças “supra-sensíveis”, na perspectiva de Weber (1991, p. 282) influi sobre a vida e a economia da sociedade. O reino das almas, demônios e deuses que levam uma existência extraterrestre, não palpável, que só é acessível através de símbolos e significados, se esconde por trás de processos reais e de ações simbólicas. Todas as ações simbólicas da prática da romaria de carro de bois remetem ao universo rural.

O indivíduo oriundo da ruralidade ao chegar à cidade depara-se com um mundo carente de sentido único. “No cosmo, ser e valor estavam misturados e o aspecto das coisas ficava escondido pelo seu significado sagrado. O homem da era moderna tem de se movimentar em um espaço e tempo vazios” (KRACAUER, *apud* SILVA, 1997, p. 23). A relação com os animais, com o carro de bois com toda sua carga de ruralidade, o apoio mútuo, a amizade, o respeito encontrados pelos carreiros e suas famílias no grupo, livra-os da angústia de não encontrar ressonância para seu *ethos* rural no espaço urbano.

No mundo da modernidade (que é um mundo urbano), o indivíduo não encontra mais formas exemplares para traduzir valores essenciais. Todo o passado pode ser assumido. Todas as conexões conceituais entre problemas podem ser feitas. Mas a inquietude interna continua. Os rostos, unidade e variabilidade simultâneas, expressam a inquietude. Mas dela não se fala. A ponte entre formas culturais fácil de manter no mundo da tradição e que tinha garantido a sobrevivência dos sentidos últimos foi quebrada de modo que a vida sem forma parece permanecer suspensa em vazio (SILVA, 1997, p. 29).

“A nossa época provou da árvore do conhecimento” (SILVA, 1997, p. 31). Os laços de união garantidos pela tradição se foram. Ao analisarmos o pensamento de Weber, percebemos que mais que um diagnóstico da perda, a visão weberiana sobre o mundo moderno indica uma possibilidade: a de homem forjar seu próprio caminho. Entretanto há um tom de denuncia, da perda dos laços comunitários na sociedade moderna, exemplificado no texto a seguir:

O destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo “desencantamento do mundo” levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes. Tais valores encontram refúgio na transcendência da vida mística ou na fraternidade das relações diretas e recíprocas entre indivíduos isolados. Nada há de fortuito no fato de que a arte mais eminente de nosso tempo é íntima e não monumental, nem no fato de hoje em dia, só nos pequenos círculos comunitários, no contato homem a homem, em *pianíssimo*, se encontra algo que poderia corresponder ao pneuma profético que abrasava comunidades antigas e as mantinha solidárias (WEBER, 1987, p. 51).

O individualismo que impera no universo urbano teria banido os valores comunitários de cena? Ou práticas religiosas da ruralidade, como as romarias de carros de bois são uma evidência da presença de valores da comunidade no ambiente urbano.

A partir de Bauman, Lemos (2009, p. 208) destaca que o conceito de “lugar” em relação à comunidade, que era onde se esperava estar seguro, e passar toda a vida, sofreu grandes mudanças. No “lugar” da comunidade nada se mantém igual por muito tempo, a ponto de criar familiaridade. A maioria dos pontos firmes e sólidos que sugeriam uma situação social duradoura se foi, e com eles vai-se também o sentimento de comunidade, ou a “experiência de comunidade”. Não há mais relações bem tecidas entre as pessoas, traço marcante da comunidade e há cada vez menos estímulos para procurar meios de unir o que foi rompido.

Segundo Neto (2005, p 19) os sentimentos e práticas de solidariedade, cooperação, mutualismo e reciprocidade enquanto fortalecedores de nomia ao indivíduo e eliminadores do egoísmo individualista não conseguem sustentação duradoura na sociedade moderna. Mesmo nesse contexto de extrema fragilidade da comunidade real, o ideário coletivista e comunitário, continua sendo pensado e concretizado em diferentes esferas da sociedade. Este ideário comunitário pode estar presente nas práticas religiosas, como a romaria de carro de bois, que se tornam espaços fomentadores de experiências onde prevalece o ideário comunitário em detrimento do individualismo característico da modernidade.

As relações entre os romeiros de carro de bois “não são um mar de rosas”. Há certo grau de complexidade nas relações, que são marcadas pela amizade e solidariedade, mas também pelo egoísmo e individualismo. Mas durante os dias da romaria, que nós presenciamos, a prática que predominou no grupo de romeiros de Inhumas foi a solidariedade e não o individualismo.

A romaria de carro de bois para a festa de Trindade é um espaço de fuga do individualismo, mas é também um compromisso do romeiro de carro de bois com a Divindade. As demandas do romeiro de carro de bois junto à Divindade são as mais comuns e triviais, são pedidos de: saúde, felicidade, proteção.

Olha eu peço que Ele dê muita saúde pra gente né e união, porque sem união num vem, não adianta porque junta todo mundo, com isso agente

vem e que dê muita saúde, proteção pra gente, que não machuque, porque negócio de carro de boi é muito bom, mais é perigoso né, que não machuque ninguém, que não machuque os animais e que venham e vão embora todo mundo unido e com saúde. (7)

Grande parte dos romeiros do grupo de Inhumas participa da romaria desde criança, a romaria de carro de bois é uma tradição familiar. A família tem grande peso na vida dos romeiros de carro de bois, eles se referem à família como seu “porto seguro”:

Família ah! é isso ai que anima agente, dá mais incentivo pra gente a trabalhá, a buscá a Deus, é tudo, vê os filho da gente bem no caso né. (12)

Família é a coisa mais sagrada que existe pra se viver é a família, hoje família é a união, é uma paz, é um segmento de vida, pra mim família é a coisa mais sagrada que eu tenho. (3)

As relações familiares no interno do grupo de romeiros de carro de bois carregam as contradições e a complexidade vida moderna e urbana. São relações marcadas por conflitos, desrespeito, palavrões entre as crianças e adolescentes. A busca de viver o mito da família rural onde impera grande respeito entre os filhos e dos filhos pelos pais, e mais união no interno da família, seria uma motivação interna dos romeiros de carro de bois ao procurar o grupo e participar da romaria de carro de bois? Modelo de família rural e de família urbana seriam dois modelos de família em disputa no grupo de romeiros de carro de bois de Inhumas? A participação no grupo de romeiros de carros de bois de Inhumas teria com uma das grandes motivações a fuga do individualismo característico da modernidade presente no meio urbano, buscando aconchego, felicidade, socialização no grupo que representa a comunidade tradicional rural, e utópica.

Na situação pluralista do contexto religioso atual nosso intuito é analisar as intersecções entre urbano e rural no seio do catolicismo popular através da prática da romaria de carro de bois no ambiente urbano. Queremos entender porque num universo “ou mercado” com grande oferta de práticas religiosas e liberdade para escolher entre todas elas, a romaria de carro de bois é uma oferta tão atraente para romeiros que vivem no ambiente urbano? A oferta de comunidade no mercado religioso da modernidade interessa a pequenos grupos. Por que essa oferta de comunidade interessa aos romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas?

A confraternização das famílias durante a romaria de carro de bois e na festa em Trindade é uma tradição passada de geração para geração. Essa importância dada à reunião familiar é um traço característico do camponês goiano. Brandão (1992, p. 102) afirma que a experiência de vida e do trabalho do camponês é regida pela convivência. “A companhia, o estar junto, viver em família, estar sempre com alguém é a situação culturalmente natural de ser e estar.” A solidão não é uma característica da cultura rural. Como já mencionado, na cultura rural o solitário é considerado um “triste”, um “infeliz”, um “coitado”. A vida camponesa transcorre num ciclo interminável de formas de interação pessoal em unidades familiares e círculos de parentesco e vizinhança.

A convivência social do camponês goiano reforça seu espírito de solidariedade que vai se cristalizar no seu prazer de estar junto à família e na sua hospitalidade (MOREIRA, 2001 p. 300). Essa prática comunitária impregnada de ruralidades continua viva no ambiente urbano? O individualismo característico da modernidade incomoda o romeiro de carro de bois que busca refúgio, segurança, solidariedade no grupo de famílias?

Os romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas buscam no grupo viver os valores da comunidade. O *ethos* comum “comunidade” dos participantes do grupo de romeiros de Inhumas está ligado ao “mito” da comunidade ideal, de paraíso da visão de Bauman (2003, p. 9).

Eliade (2000, p.11-12) afirma que “o mito é uma realidade extremamente complexa [...] Ele (o mito) relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial o tempo fabuloso do ‘principio’ [...] É sempre, portanto, a narrativa de uma criação: ele relata como algo foi produzido e começou a ser [...] É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o mundo e o converte no que é hoje.” Esse mito de comunidade usurpado pelo capitalismo, pela modernidade cuja marca é o individualismo e a desintegração da comunidade, estaria vivo no grupo de carreiros de Inhumas e seria a motivação subjacente para continuarem fazendo a mesma romaria todos os anos e sentirem satisfação e orgulho quando afirmam não ter faltado à romaria um ano sequer.

O romeiro de carro de bois de Inhumas vê o grupo de romeiros como um espaço de confraternização das famílias:

Eu penso que é uma fraternidade, um companheirismo grande demais, uma família unindo a outra. (8).

Estaria em curso no grupo de romeiros de carro de boi de Inhumas a busca da construção de uma comunidade artificial cujo entendimento comum seria além da nostalgia da comunidade idealizada, rural, a busca de uma experiência religiosa que vai de encontro ao *ethos* rural do romeiro de carro de bois do grupo de Inhumas. A prática religiosa do romeiro de carro de bois dá a ele tranqüilidade, livra-o das angústias que afligem o ser humano moderno. A religião dá aos seres humanos a consciência da insuficiência humana, há coisas que não podemos fazer e coisas que não podemos compreender. Bauman (1998, p. 227) afirma que a grande angústia da experiência humana atual é a experiência da liberdade, composta de escolhas arriscadas, que sempre significa aproveitar algumas oportunidades e perder outras é o imprevisto torturante das conseqüências das próprias escolhas.

O apoio mútuo, a amizade, o respeito encontrados pelos romeiros de carro de bois e suas famílias no grupo, livra-os das angústias, do caos da anomia. Berger (1985, p. 15) afirma que a construção social do mundo pelo homem é uma ordenação significativa, uma nomia da experiência humana. A ordenação de sua experiência é ontológica a espécie humana. Fazer parte de uma sociedade é co-habitar seu nomos. Viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa. O afastamento radical do mundo social é uma séria ameaça ao indivíduo, que perde não apenas os laços que o satisfazem emocionalmente, mas também perde sua orientação e em casos extremos sua identidade e o senso de realidade, torna-se anômico, no sentido de tornar-se sem mundo. Podemos falar em estados de anomia coletivos e individuais. Em ambos os casos a ordem fundamental que dá sentido à vida e a própria identidade entram em processo de desintegração. O nomos socialmente estabelecido pode ser entendido com um escudo contra o terror da anomia.

O romeiro de Inhumas ao participar da romaria de carro de bois busca aconchego, felicidade no grupo de romeiros de carro de bois, que representa a comunidade tradicional rural. Dentre uma série de ofertas no interno e fora do catolicismo, ele (o romeiro de carro de bois) escolhe a romaria, pela afinidade que tem com as ruralidades, com a lida com a terra e os animais.

As relações familiares no grupo de romeiros de carro de bois de Inhumas são aparentemente harmoniosas, embora tenhamos notado a presença de conflitos no interno das famílias. Num olhar superficial sobre o lugar da mulher na prática

religiosa da romaria de carro de bois, notamos que as mulheres são coadjuvantes nessa prática. Estão incumbidas dos serviços domésticos, enquanto os homens são os protagonistas da realização da prática religiosa. A romaria de carro de bois é uma prática masculina, com uma clara divisão de atribuições entre homens e mulheres.

A romaria de carro de bois aconteceria perfeitamente, sem a presença feminina, se os homens assumissem as tarefas tradicionalmente reservadas às mulheres, como organização dos pertences, das malas da família para a viagem, a organização do ambiente nas paradas da romaria e durante a estada em Trindade nos dias da festa e naturalmente o preparo das refeições.

Em relação às questões de gênero, na romaria de 2010, chamou atenção a presença de duas moças no grupo de Inhumas: são duas irmãs, uma é candieira (vem à frente dos bois controlando-os e conduzindo-os) e a outra carreira (fica ao lado dos bois ajudando a conduzi-los). A família das moças mora na zona rural de Inhumas. Mas uma delas, a “carreira” está morando em Goiânia para estudar, faz o curso de direito. Além de ajudarem a mãe nas atividades de preparo da comida, que no grupo são atividades realizadas só pelas mulheres. Elas participam das atividades de lida com os animais e o carro de bois, prestezas típicas do masculino no grupo de romeiros de carro de bois de Inhumas. As moças realizam trabalhos como juntar, cangar, e conduzir os bois durante a romaria, atividades que comumente não são realizadas pelas mulheres do grupo.

A prática da romaria de carro de bois estreita os laços familiares e comunitários e dá um sentido de vinculação social, de segurança aos participantes do grupo de romeiros de Inhumas. A fala de um dos romeiros resume a força que a romaria de carro de bois tem na vida dos romeiros do grupo de Inhumas:

A festa maior pra nois, pra mim é a estrada é tocano os boizinho com a minha turma de cumpanheiro, tá tudo riunido, aqueles que num era cumpanheiro, agente passa a sê amigo daquela hora pra diante. É um grupo de amigo que se forma na estrada, que é difícil até falá pro cê que situação que fica. Fica gostoso demais aquela convivência indo pro lado do Pai Eterno é o trem mais bão, parece que Deus me pois na minha cabeça de gostá e é bão demais. (17)

A ruralidade característica do grupo de romeiros de carro de bois de Inhumas tem a comunidade como centro e está na contramão da modernidade que tem o indivíduo como centro.

Como Pierre Bourdieu não se cansou de observar, o estado de permanente *precarité*, insegurança quanto à posição social, incerteza sobre o futuro e uma opressiva sensação de não segurar o presente gera uma intranquilidade, uma incapacidade de fazer planos e segui-los (BAUMAN, 2003, p.42).

A partir do pensamento de Bourdieu e Bauman (2003) podemos afirmar que o medo e a angústia da liberdade são hoje as características marcantes do indivíduo moderno. Diante de tamanha abundância de escolhas o indivíduo moderno se angustia e tem medo de escolher, pois sabe que é o único responsável por suas escolhas e que terá que arcar com as consequências das mesmas.

A romaria de carro de bois se caracteriza pelo comunitarismo, pela centralidade da família e pela ruralidade. Valores que continuam latentes no ambiente urbano embora caracterizado pelo individualismo.

Nos grupos de famílias que participam da romaria de carro de bois percebe-se a presença de pessoas urbanizadas que moram na cidade de Inhumas e que aparentemente, no modo de se vestir, falar, se comportar sofrem influência de uma mentalidade urbana, mas ao mesmo tempo principalmente entre os romeiros adultos há uma forte influência da ruralidade traduzida inclusive no modo de falar e na relação com a terra e os animais.

Estar com o grupo de famílias, fazer parte da romaria é para o romeiro de carro de bois do grupo de Inhumas, uma experiência ímpar, carregada de emoções, de prazer em fazer parte do grupo. O grupo é um espaço onde o romeiro de carro de bois se sente apoiado, onde ele pode ser ele mesmo sem cobranças. A fala que se segue traduz esse sentimento:

Eu sinto muita emoção, vixe, hora que nois reza, pra nois saí, eu oio no rosto dos nosso carrero, me dá muita emoção, dá vontade até de chorar, agente num chora da moda do outro... A emoção é boa demais, participar do grupo, que nois é muita gente, da moda outro, os mais velho tá vindo e nois entrou na companhia, graças a Deus eu sou muito conhecido, eles apoiaram, acharam bão eu ir mais eles. (4)

A participação no grupo é uma experiência de comunidade, para os romeiros de carro de bois que se reúnem nos encontros programados e na romaria para a festa de Trindade. A reunião do grupo de famílias de romeiros de carro de bois se constitui como espaço de proteção, de alívio, de bem-estar, um “círculo aconchegante” nas palavras de Bauman (2003, p. 16).

A convivência no grupo, o estar junto, a partilha do tempo sem nenhuma outra motivação do que o simples prazer e alegria de estar juntos, além de uma experiência de comunidade, tornam o grupo de famílias para os romeiros de carros de bois um espaço de afirmação de sua identidade inegavelmente atada à ruralidade, mesmo vivendo na cidade.

A ruralidade está subjacente nos valores morais e estéticos, no conteúdo da crença dos romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas. Dentre os valores da cultura rural, como já destacado está o mito da comunidade rural perfeita. Onde impera a solidariedade, a partilha inclusive de bens, a harmonia.

Ouvimos o relato de um fato acontecido na romaria de 2009 que ilustra essa partilha inclusive dos bens. Esse amparo em todos os sentidos. Um dos romeiros do grupo de Inhumas estava com problemas financeiros e não ia participar da romaria naquele ano. Alguns romeiros do grupo de romeiros de Inhumas ficaram sabendo, foram à propriedade do romeiro com problemas, buscaram os bois em comboio e viabilizaram inclusive financeiramente sua participação na romaria daquele ano.

O mito da comunidade rural solidária, fraterna, parece estar de alguma forma ainda vivo no grupo de romeiros de carros de bois de Inhumas, sendo uma das motivações subjacentes para continuarem fazendo a mesma romaria todos os anos e sentirem orgulho e prazer de estar com o grupo:

Eu me sinto muito orgulhoso, de tá com o grupo, eu tô sempre na reunião com a turma é porque eles me prestigiam [...] graças a Deus todo mundo me trata bem. (2)

Nossa é uma alegria imensa, tudo amigo né, quando encontra é uma festa. (10)

Os romeiros de carro de bois de Inhumas buscam o grupo para vivenciar os valores da comunidade rural, a comunidade sinônima de paraíso de Bauman (2003, p. 9) que se traduz na convivência gratuita, na solidariedade, no aconchego. Outro aspecto que destacamos nas relações no interno do grupo de romeiros é a busca da comunhão com o outro e com o Sagrado expressa no sentimento de alegria e paz consigo mesmo que o romeiro de carro de bois encontra na convivência com o grupo:

Pra mim é uma alegria tá junto com eles, fazer novas amizade, inclusive esse grupo aqui agente tava comentando hoje, então vira uma família pra nois. **(14)**.

Agente sente muito bem, uma alegria enorme, satisfação grande demais. **(8)**

O episódio que segue, demonstra a complexidade das relações entre os romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas. E que o grupo de romeiros de carro de bois não está imune a conflitos. Enquanto o grupo estava reunido para uma oração antes da saída do Bugre, um romeiro fez uma crítica aos companheiros do grupo que seguem com seu carro sem olhar para trás. Ele afirmou: “Tem carreiro que se algum carro de boi de um cumpanheiro tá com problema, não param pra dar socorro, só pensam em si”. E continuou contando de um problema sério que aconteceu num córrego, próximo ao Bugre, quando da chegada da romaria. O boi de um dos carros quase se afogou, quando foi atravessar o córrego, só não aconteceu um problema mais grave, graças ao socorro, a solidariedade de vários romeiros que uniram forças e impediram que o boi se afogasse.

A relação entre os romeiros do grupo de Inhumas, como já constatamos não é um “mar de rosas”. E não leva a marca somente da amizade e da solidariedade, mas também do egoísmo e do individualismo. O romeiro quer viver o ideário comunitário no grupo de romeiros de carro de bois, na prática da romaria. No imaginário do romeiro de carro de bois o grupo é uma comunidade:

Comunidade é isso aqui exatamente o que nós estamos fazendo isso aqui pra mim é uma comunidade, a comunidade de carreiros, é uma comunidade, é uma reunião, é um bate papo, é uma missa, isso é uma comunidade. **(2)**.

Tudo unido, comunidade é umas pessoa igual nois assim tudo unido, bom demais, todo respeito um ao outro, é uma amizade né. **(5)**

O ideário comunitário dos romeiros de carro de bois de Inhumas tem dois aspectos essenciais: a busca de comunhão com o outro e também de alguma forma de comunhão com o Sagrado. O romeiro do grupo de Inhumas ao praticar a romaria de carro de bois busca viver os valores da comunidade rural acolhedora, solidária, espaço onde se cultiva o prazer de conviver, de estar junto, de usufruir da companhia do outro, sem nenhum outro interesse do que o simples prazer de estar

juntos, em harmonia uns com os outros. A romaria de carro de bois se apresenta mais como uma forma de socialização do que um acontecimento religioso.

Os pedidos dos romeiros de carro de bois ao Divino Pai Eterno demonstram que a relação do ser humano com o Sagrado, passa pelas questões que o incomodam na realidade da vida. Quando perguntados sobre o que pediam ao Divino Pai Eterno durante a romaria de carro de bois, os romeiros do grupo de Inhumas responderam:

Eu peço ao Divino Padeterno pra dá saúde pra todo mundo, da moda do outro, oiá nois tudo e evitá muitas coisa, o roubo tá dimais hoje **(4)**

Ah eu peço o nosso Pai, Divino Pai Eterno que governa tudo, que ajuda eu, minha famia e continua ajudando agente todos os dias da nossa vida né. **(11)**

A relação do indivíduo com o Sagrado, a prática religiosa do ser humano diz muito do tipo de sociedade em que o mesmo vive e em que tipo de sociedade gostaria de viver. Os romeiros do grupo de Inhumas buscam na prática da romaria de carros de boi viver numa sociedade menos individualista e mais solidária em que prevaleça o ideário comunitário do conceito de Bauman (2003, p. 10) de que comunidade é um lugar confortável e aconchegante, onde estamos seguros protegidos e felizes.

A romaria de carro de bois no espaço urbano é uma prática religiosa marcada pela complexidade das relações sociais da modernidade. É um dos principais aspectos da sociedade em que vivemos que se destaca na prática da romaria de carro de bois no espaço urbano é a relação indivíduo-comunidade.

Responder como o ser humano moderno, desencantado, livre, individualista lida com os valores comunitários nos centros urbanos é entender melhor o mundo em que vivemos. O indivíduo moderno parece estar constantemente em luta contra o terror da anomia e a angustia da liberdade. A emancipação trazida pelo processo de secularização que criou condições para criar uma sociedade sem religião, não fez o ser humano mais feliz. Onde buscar sentido, nomia para a vida em tempos de secularização, desencanto e individualismo? Os romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas buscam no grupo, que para eles é uma experiência de comunidade.

As práticas de solidariedade, cooperação e harmonia enquanto fortalecedores de nomia ao indivíduo moderno não conseguem resistir por muito tempo na sociedade capitalista, tecnológica e globalizada em que vivemos. Mas mesmo nesse contexto de extrema fragilidade da comunidade real, o ideário comunitário, continua sendo pensado, e concretizado em diferentes esferas da sociedade. A prática da romaria de carro de bois pelo grupo de Inhumas é uma prova dessa persistência da busca de viver o ideário comunitário no ambiente urbano.

A convivência social dos romeiros de carro de bois no grupo reforça seu espírito de solidariedade que vai se cristalizar no seu prazer de estar junto e na camaradagem. Essa prática social comunitária impregnada de ruralidades continua viva no ambiente urbano, na cidade de Inhumas. Além do aconchego, do bem-estar, participar do grupo confere ao romeiro de carro de bois uma sensação de força, de amparo. Ao responderem como se sentiam no grupo, os romeiros descreveram uma experiência de comunidade como um “circulo aconchegante” aos moldes de Bauman (2003):

Eu simplesmente sinto mais forte, eu não sinto sozinho [...] eu sinto mais forte, com mais fé, eu sinto amparado pelos meus amigo **(3)**

Me sinto feliz, muito feliz. **(1)**

É muito bom, é muito companheiro, é isso amizade, companheirismo. **(5)**

Agente sente muito bem, uma alegria enorme, satisfação grande demais. **(8)**

Ah! muita homidade, (humildade) muito amor, todo mundo unido, os carreiro tudo homilde, tudo assim bricanhão, tudo unido né, tudo unido. **(13)**

Aqui nois somo é igual o povo fala, uma família né?. Com os carreiro, que vamos todos unidos, todos muito amigo, todos carreiro de fé, eu acho isso que estamos todos aqui uma comunidade. **(15)**

Eu sinto muita liberdade, sinto a vontade certo. E vê a consideração que esse grupo tem conosco, esse grupo, é um grupo que faz eu me aproximar mais das coisas de Deus. **(16)**

Eh! trem bão no mundo meu Deus do céu, assim que Deus me dê vida e saúde muitos ano que eu quero participá aumentá mais ainda os amigo da festa da Trindade. **(17)**

Na perspectiva de Lemos (2009, p. 215), duas vertentes ou tradições culturais se destacam no conceito de comunidade: a tradição cristã ocidental, marcada pelas idéias de paraíso, que perdeu intensidade, mas continua povoando o imaginário das

peçoas, e a outra vertente é a salvação pelas obras, pela prática da caridade, do serviço aos outros.

A prática da romaria de carro de bois é uma prática do catolicismo tradicional presente no espaço urbano. E expressa o *ethos* do romeiro de carro de bois se constituindo para os romeiros do grupo de Inhumas num espaço de nomia. Além da afirmação de sua identidade vinculada a terra e ao criatório, a prática da romaria de carro de bois é para os romeiros do grupo de Inhumas é um espaço em que a família e a comunidade estão em foco, em detrimento do individualismo que caracteriza o espaço urbano em que vivem.

A prática religiosa contém e expressa o *ethos* de uma determinada comunidade. O conteúdo da religião é o *ethos* da comunidade. A ruralidade, que se manifesta no apego à tradição, à terra, à família, á comunidade constitui o *ethos* do romeiro do grupo de Inhumas . Além da ruralidade e da comunidade, a família é outro valor que mobiliza o romeiro do grupo de Inhumas na prática romaria de carro de bois.

3.3 Família: um espaço de concretização dos laços comunitários por excelência

A romaria de carro de bois é uma prática religiosa em que laços comunitários e familiares se fundem. Para o romeiro de carro de bois, além de uma comunidade, o grupo de romeiros é uma grande família. O romeiro de carro de bois dá grande importância às relações familiares, tem na família um valor absoluto. A família no imaginário do romeiro de carro de bois é uma pequena comunidade, que devia ser sempre fonte de ânimo, alegria, harmonia, aconchego:

Quando agente ouve a palavra família agente pensa só nas coisa boa né, porque família é o trem mió que tem né, é um trem muito abençoado pra gente né. (19)

Giddens (2005, p. 151) define a família como um grupo de pessoas diretamente unidas por conexões parentais, cujos membros adultos assumem o cuidado das crianças. Os laços de parentesco podem ser estabelecidos tanto por

casamento, como por linhas de descendência que conectam parentes consanguíneos (mães, pais, irmãos, prole).

Para compreendermos o lugar ocupado pela família na vida do romeiro de carro de bois, perguntamos o que pensavam quando ouviam a palavra família:

É tudo na vida da gente, penso que cê casa, cê qué construí uma família e a família eu acho que é uma das coisa mais abençoada que agente tem chama-se família né, é filho, é neto, é nora, é genro é a nossa família. **(11)**

Coisa boa é a família né. **(18)**

Jamais encontramos através da história na ótica de Prado (1984, p. 8) uma sociedade que tenha vivido à margem de alguma noção de família. De alguma forma de relação institucional entre pessoas do mesmo sangue. A família não é um fenômeno natural. É uma instituição social, variando através da história apresentando formas e finalidades diversas de acordo com o lugar, época, e grupo social que esteja sendo observado.

O romeiro de carro de bois vê a família unida como a melhor coisa da vida, na sua percepção a família foi criada por Deus:

A família é uma coisa boa demais né que Deus, pois no mundo, a mió coisa é a família. Família unida é a mió coisa que tem. **(4)**

Giddens (2005, p. 150) destaca que não foi somente a família e o núcleo doméstico que mudaram os relacionamentos entre as pessoas também mudou. Cada vez mais os relacionamentos dependem da colaboração e da comunicação entre seus participantes. A comunicação emocional tornou-se central não apenas para relacionamentos de amor sexual, mas para amizades e interações entre pais e filhos.

Um romeiro do grupo de Inhumas dá uma explicação sucinta do que significa a família para ele:

A família é como se diz, é o esteio né, sem a família agente não é nada. **(7)**

É esse conceito de família como um valor central da vida que predomina no grupo de romeiros de carro de bois de Inhumas. A família nas sociedades tradicionais era parte de uma rede mais ampla de parentesco de algum tipo. Quando parentes próximos além do casal e de seus filhos vivem juntos no mesmo ambiente familiar ou em um relacionamento próximo e contínuo uns com os outros, falamos de uma família ampliada. Uma família ampliada pode incluir avós, irmãos e suas esposas, irmãs e seus maridos, tias e sobrinhos. As relações familiares são sempre reconhecidas dentro de grupos de parentesco mais abrangentes. Em praticamente todas as sociedades podemos identificar a chamada família nuclear, dois adultos vivendo juntos num núcleo doméstico com sua prole. Nas sociedades ocidentais o casamento e a família, estão associados à monogamia (GIDDENS, 2005, p. 152).

Prado (1984, p. 13) ressalta que a família tem um papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem estar físico dos indivíduos, sobretudo durante a infância e adolescência. Os laços de sangue (ou adoção) permanecem como uma referência fundamental na vida do indivíduo moderno.

Um dos romeiros do grupo de Inhumas faz um breve relato do significado da família em sua vida:

Família é muito importante, é o básico de toda... Eu imagino que uma pessoa sem família, ela não é nada, mesma coisa de uma andorinha não voa sozinha, uma andorinha sozinha não faz verão. Eu sozinho não seria nada, por exemplo, eu sozinho aqui tem 17 carro de boi, eu sozinho aqui só tem boi, tem sentido? Então a família é muito importante, eu digo que os romeiro é uma família, como eu tenho a minha família, como eu tenho os meus filhos e meu lar é uma família, ai eu tenho os colega de romaria é uma família. (2)

Peixoto (2007, p. 5) afirma que muito se discute sobre a chamada “crise da família” atribuída à baixa taxa de fecundidade, ao aumento de esperança de vida, e ao declínio da instituição casamento com a aceitação social do divórcio.

A autora ressalta que de fato houve um enfraquecimento da instituição família, mas ao mesmo tempo surgiram novos modelos familiares derivados desses fenômenos sociais e, sobretudo das relações de gênero, que se expressam no maior controle da natalidade, na inserção da mulher no mercado de trabalho e nas mudanças ocorridas na esfera da sexualidade. O casal legalmente constituído tendo

o pai como provedor e a mãe como dona-de-casa e responsável pela educação dos filhos declina à medida que as mulheres se inserem no mercado de trabalho. Outro fator decisivo nesse processo de mudança foi o controle da natalidade por meio da contracepção levando a um aumento das uniões livres, dos divórcios e de recomposições familiares (PEIXOTO, 2007, p.11).

Na perspectiva de Singly (2007, p. 31) a relação que os indivíduos que fundam uma família de procriação têm com sua parentela se transformou e tem agora a lógica da escolha, da eleição, da liberdade, da gratuidade que governa oficialmente as relações afetivas internas entre homem e mulher, e essa lógica se amplia para outras relações familiares.

A dinâmica social impulsionou uma grande transformação relativamente recente no campo público dos valores em jogo na sociedade brasileira em relação à família. Trata-se da efetiva ruptura da hegemonia do catolicismo sobre a massa dos segmentos populares. A proliferação de alternativas evangélicas (ao estilo weberiano das “seitas”) tornou palpável para a maior parte da população brasileira a idéia de escolha religiosa, que se materializa num conjunto complexo de variáveis de adesão, pertencimento e *ethos* (DUARTE, 2009, p. 20).

A tendência dos segmentos intelectuais letrados, das camadas médias é de acolhimento de um *ethos* “liberal” em relação aos valores familiares. Ser moderno para esses segmentos é ser favorável:

À experimentação sexual pré-conjugal, à indiferença ética quanto ao gênero do/a parceiro/a, à não estagnação da vida sexual nos limites da vida conjugal, à exploração das múltiplas vias do prazer sensorial para além do conúbio reprodutivo; é ainda considerar os processos de reprodução como desentranhados da moralidade interna do casal heterossexual e subordinar a geração de novos seres ao desejo, liberdade e conveniência de seus pais/genitores (DUARTE, 2009, p. 21).

As posições opostas “tradicionais” segundo Duarte (2009, p. 21) estão associadas ao constrangimento da liberdade individual e da diversidade, portanto se vinculam ao passado, à ignorância. A indagação sobre mudar/permanecer continua pulsante no universo das relações microsociais, com a prevalência de um mundo de valores e práticas cada vez mais complexificado.

Ao ser questionado o que pensava quando ouvia a palavra família umromeiro de carro de bois nos disse:

Família é a coisa mais gostosa que tem no mundo. Pai, mãe, filho, primo irmão, trem mais bão do mundo né. **(1)**

As relações familiares no grupo de romeiros de Inhumas seguem o modelo descrito por Singly (2007, p. 31), a família do romeiro de carro de bois é um espaço onde o interesse maior é o de estar juntos, compartilhar intimidade. As relações familiares dos romeiros de carro de bois têm a lógica da escolha, da liberdade, da gratuidade e é essa lógica que conduz as relações afetivas internas entre o romeiro de carro de bois e sua mulher e sua prole. Todas as ações do romeiro de carro de bois levam em conta o bem estar da sua família:

Família é tudo né, se você não tem sua família em torno de você nada justifica. **(20)**.

Esse romeiro de carro de bois que tem a família como valor central e que busca viver os valores comunitários no grupo de romeiros, vivencia mais intensamente uma vez por ano na romaria de carro de bois para a festa de Trindade a densa interação do urbano com o rural na prática da romaria de carro de bois.

Até onde foi o nosso olhar, o que conta para o grupo de romeiros de carro de bois de Inhumas, é a família e a busca de viver os valores da comunidade, como fuga do individualismo urbano. O ser humano primitivo pesquisado por Durkheim não está preocupado com as forças sobrenaturais, as divindades, mas com a tribo.

O que preocupa os romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas é o individualismo, o egoísmo das relações sociais urbanas e o risco de esfacelamento da família na modernidade. O romeiro de carro de bois oriundo da ruralidade convive no ambiente urbano com aspectos da modernidade que se expressam num sujeito individualista, racional. O individualismo importuna o romeiro de carro de bois de Inhumas.

A religião, a prática religiosa pode ser uma experiência fortalecedora de laços familiares e comunitários. A religião é buscada pelo ser humano para administrar coisas que este não consegue administrar. Mesmo tendo informação, há coisas que o ser humano não consegue dominar. O romeiro de carro de bois motivado pela

ruralidade se depara no ambiente urbano com aspectos da modernidade que se expressam num sujeito individualista e angustiado pela liberdade de poder escolher entre várias opções, mas com o ônus de arcar com as próprias escolhas.

Ao questionáramos se a família do romeiro de carro de bois acompanhava-o na romaria de carro de bois, nem todos os romeiros responderam afirmativamente. Os depoimentos abaixo são um testemunho de que nem todos os romeiros de carro de bois vão acompanhados pelas famílias ou por todos os membros da família que gostariam que estivessem presentes. Senão no ano de 2010, mas durante um bom tempo alguns romeiros do grupo de Inhumas participaram e ainda participam da romaria de carro de bois sem a companhia da família, o que reforça ainda mais a importância do grupo para o romeiro do Inhumas:

Ah! Eu penso que pra mim é um orgulho, minha família junto eu comecei a ir sozinho né e aí eles tomaram gosto e vai comigo, cada ano aumentou mais. **(10)**

Sempre num vai assim todo mundo porque é difícil, sempre num pode ir todo mundo, sempre tem uns pra traiz. (E o que o senhor pensa da sua família vir junto ?) Ah! é beleza, sendo que o pai e a mãe vai, os fio tem que ir atrás. **(11)**

Não, minha família não vai. Eu tenho uma esposa e uma filha não vai. Elas não gosta, elas vai na festa de Trindade, inclusive minha esposa é muito católica, vai mais igual agente vai não, não gosta. **(14)**

A relação ser humano com a divindade passa pela concretude da vida. As demandas do ser humano junto à divindade, na maioria das vezes, não se relacionam à salvação da alma, a vida após a morte, mas sim a pedidos muito humanos, triviais, corriqueiros de uma vida equilibrada, longa e feliz, pedidos que necessitam de condições sociais e materiais para se concretizar. A relação do indivíduo com o Sagrado, a prática religiosa do indivíduo urbano, diz muito da sociedade em que o mesmo vive ou gostaria de viver.

A romaria de carro de bois praticada por um grupo urbano sofreu inevitavelmente adaptações e mudanças. Entretanto o romeiro de carro de bois mantém como referencia de vida a tradição e a ruralidade expressa no valor incondicional dado à família:

Família é uma coisa muito importante na vida da gente cê tê uma pessoa uns companheiro na vida da gente, eu tenho minha mulher e meus fio, nossa senhora pra mim é tudo, o que eu tenho na minha vida é isso **(8)**.

A prática da romaria se adequou ao espaço urbano, sem perder suas principais características que são: ser um espaço de vivência da ruralidade que traz no seu bojo laços familiares mais profundos, mais respeito entre os membros da família, relações conjugais que duram pela vida toda e que tem nos filhos o centro de todas as atenções afetivas e materiais.

Perguntamos ao romeiro de carro de bois do grupo de Inhumas o que pensava da família acompanhá-lo na romaria de carro de bois. O depoimento abaixo mostra a peculiaridade da relação do romeiro de carro de bois com a família e com a romaria e a importância tanto de uma quanto de outra em sua vida:

Vai, (na romaria) minha esposa, meus dois filho, vai todo mundo, minha família inteira, meu irmão, minha mãe, eu já tenho 15 ano de romaria. O meu filho mais velho tem 8 ano, minha filha mais nova 5 (anos). Os dois praticamente nasceu dentro da romaria. Todo mundo da família são católico né, e somos uma família né. (E o que senhor pensa sobre sua família ir junto?). Eu penso que eles gosta também né. Eu penso assim que eu vou ficá na romaria até eu morré né. **(13)**

A fala acima dá a dimensão do valor da prática da romaria de carro de bois na vida do romeiro. O romeiro deseja que a romaria de carro de bois seja um compromisso, “uma aliança” para a vida toda. O romeiro de carro de bois do grupo de Inhumas é signatário de uma prática religiosa rural e secular e mesmo morando no ambiente urbano, mantêm viva essa prática, que na fala dos próprios romeiros é uma tradição familiar. Ao ser questionado porque ia romaria de Trindade de carro de boi, um carreiro respondeu:

Porque é uma tradição que agente acha bão né, carro da moda do outro, vem do lado, da parte do meu avô, meu avô já morreu e nois tá na tradição dele. Eu tinha 9 (nove) anos, quando comecei ajudar ele com carro de boi. **(4)**

Voltamos a destacar que a devoção dos romeiros de carro de bois e suas famílias parece ser atemporal. É uma tradição que se transforma, mas não se esgota. Como todo e qualquer ser humano, o romeiro de carro de bois do grupo de Inhumas busca a prática religiosa para satisfazer alguma necessidade ou necessidades. Como já mencionamos essas necessidades são fugir do

individualismo característico da modernidade e viver no grupo os valores da comunidade e da família tradicional.

O indivíduo moderno é racional e livre, mas toda essa racionalidade e liberdade não dão conta de responder a grande demanda humana que é viver muito bem e se possível não morrer nunca. É por isso que segundo Weber (1991, p. 279) as pessoas praticam religião para responder questões com as quais elas não conseguem lidar satisfatoriamente.

A participação no grupo é um momento de deleite e contentamento para o romeiro do grupo de Inhumas. Um romeiro deu a seguinte resposta ao ser questionado sobre como se sentia participando da romaria de carro de bois:

Tá doido é só alegria né, (risos) o trem é bão demais, agente tando cum os amigo e cum os bozinho na canga, pra imhora assim, (para Trindade) tá doido, agente esquece de tudo. (19).

Essa alegria esse “trem bão” descrito pelo romeiro faz da prática da romaria de carro de bois um dos principais acontecimentos do ano para o romeiro de carro de bois. Ao analisarmos a romaria de carro de bois, prática religiosa do catolicismo popular, pensarmos urbano e rural num contexto de interações e sobreposições, vivenciadas em experiências pessoais e coletivas que ultrapassam a possibilidade de controle das instituições religiosas.

O romeiro de carro de bois de Inhumas vive no espaço urbano com toda a carga de complexidade que marca a vida urbana como: a competitividade concretizada no lema “cada um por si”, a violência, os problemas de atendimento na saúde e de qualidade da educação. Ressaltamos que é um desafio para o romeiro de carro de bois lidar com toda essa gama de problemas típicos do urbano, pois este tem sua filosofia de vida e seu comportamento ligado ao mundo rural.

A romaria de carro de bois é um espaço onde o romeiro de carro de bois pode ser ele mesmo, pode assumir sua identidade e onde se sente bem, feliz. Ao se identificar com a cultura rural presente na prática da romaria de carro de bois, o romeiro de carro de bois torna a romaria e o grupo de romeiros um espaço de proteção contra as angústias e a complexidade do espaço urbano.

Voltamos a ressaltar que a relação ser humano com a divindade passa pela concretude da vida. As demandas do ser humano junto à divindade, na maioria das

vezes, não se relacionam à salvação da alma. O romeiro de carro de bois quer viver numa sociedade mais solidária, menos egoísta, individualista. Visto que não encontra condições concretas para realizar esse desejo no espaço urbano em que vive, recorre à prática da romaria de carro de bois, espaço onde encontra ressonância para seu *ethos* intrinsecamente vinculado a cultura rural.

Moreira (2001, p. 305) constata ao término de seu trabalho de pesquisa, sobre a romaria de carro de bois de Damolândia, que o uso do carro de bois na romaria possibilita um estreitamento dos laços familiares. Tal constatação vai de encontro a nossa perspectiva de que o romeiro de carro de bois de Inhumas busca viver na romaria, no grupo de romeiros, relações familiares intensas, acolhedoras.

Já para Nascimento (2009, p. 3) outra autora que trabalhou o tema romaria de carro de bois, só que em Mossamedes, a romaria de carro de bois está aberta a mudanças, mas sem deixar de ter como parâmetro a tradição proveniente do rural.

Na nossa perspectiva além de estar aberta a mudanças, embora fortemente influenciada pela tradição, a romaria de carro de bois é também um espaço de intersecção, de arranjos e rearranjos do urbano com o rural

Os valores da ruralidade postos a mostra durante a romaria de carro de bois na centralidade da família e na busca de viver o ideário comunitário estão enraizados em mais de um século de história goiana e impulsionam os romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas a fazerem a mesma romaria todos os anos.

As ruralidades são a motivação para que os romeiros de carro de bois de um grupo urbano, moradores do município de Inhumas, empreendam uma longa e desconfortável viagem ano após ano, utilizando um meio de transporte arcaico, se sujeitando ao sol, a poeira e ao frio. Sendo assim, a forma como se configura a romaria de carro de bois de Inhumas a Trindade evidencia a convivência dialética, a intersecção do urbano com o rural nessa prática secular do povo goiano.

CONCLUSÃO

O tema romaria de carro de bois para a festa de Trindade foi focado na pesquisa de modo à por a mostra a intersecção do urbano com o rural nessa prática secular do povo goiano.

Defendemos a hipótese de que a romaria de carro de bois para a festa de Trindade–Goiás é impulsionada pelas ruralidades intrínsecas ao *ethos* do romeiro de carro de bois. Para provar tal hipótese, levantamos dados bibliográficos e de campo que consideramos importantes no processo de desvendamento das intencionalidades implícitas na prática da romaria de carro de bois no espaço urbano.

Discutimos brevemente os conceitos de cultura, religião popular, festa religiosa, romaria, ruralidade e urbanização. Entre os temas debatidos, destacamos o de catolicismo popular, situado em um contexto de mudanças no campo religioso atual, que se coloca em acordo com outras mudanças na cultura, como a urbanização.

A romaria utilizando carro de bois, praticada no espaço urbano, deixa à mostra a interação do urbano com o rural nessa prática religiosa típica das ruralidades que se mantém viva a mais de um século, quando poderia se perder frente aos processos da vida urbana, individualista, com fartura de informações e tecnologias cada vez mais desenvolvidas.

O romeiro de carro de bois comprova que é possível ser rural no espaço urbano. E conviver com expressões religiosas como as religiões afro-brasileiras, pentecostais, neopentecostais, espíritas, etc. E não perder os laços comunitários e solidários próprios das ruralidades em Goiás.

Tratamos o conceito de ruralidade e sua influência na vida de romeiros de carro de bois de um grupo urbano. Oferecemos uma visão geral do município de Inhumas ponto de saída e chegada, do grupo de romeiros de carro de bois objeto de nossa pesquisa,

As ruralidades marcam em maior ou menor grau a cultura, a religiosidade, o *ethos* dos moradores das cidades. Como já destacado a sociedade brasileira é eminentemente urbana. Dados do IBGE, colhidos no censo 2010, afirmam que um total de 84,4% da população brasileira vive nas cidades. Analisar as nuances da

intersecção do urbano com o rural nas cidades é indispensável para compreendermos como vivem os cidadãos.

A sociedade goiana é predominantemente urbana. Porém tem grande influência da cultura rural não só nas festas e tradições religiosas. Essa influência pode ser percebida na economia. Não podemos esquecer que as atividades econômicas em Goiás se baseiam, sobretudo, nas atividades agropastoris. O sucesso das feiras agropecuárias em quase todas as cidades goianas é uma amostra da influência da cultura rural no espaço urbano em Goiás.

Na sequência dessa discussão apresentamos algumas das peculiaridades da cultura urbana que, ao nosso olhar, testam os sujeitos, fazendo com que os mesmos recorram à busca da conservação de traços da cultura rural. Entre os traços da cultura rural os que permanecem como algo positivo no imaginário das pessoas em geral e também dos romeiros de carro de bois, quando se encontram em face da complexidade da cultura urbana, são os ideários de comunidade e de família.

Abordamos o ideário de comunidade enquanto espaço onde o romeiro de carro de bois encontra aconchego e harmonia e o ideário de família como espaço de relações afetivas calorosas e benéficas. A vivência de valores comunitários e familiares no grupo serve como sustentáculo para a identidade rural do romeiro de carro de bois que vive na cidade.

Uma peculiaridade da romaria de carro de bois praticada no espaço urbano que merece nota é sua dupla conotação, além de uma prática religiosa, a romaria de carro de bois é também um hobby e um espaço de socialização para os romeiros de carro de bois do grupo de Inhumas.

Ao cabo de nossa análise a respeito da romaria de carro de bois praticada no espaço urbano constatamos que são as ruralidades materializadas no apego, na saudade da lida com a terra com os animais, e a necessidade da comunidade e de um modelo de família tradicional onde reinam a união e a harmonia as motivações que impulsionam os romeiros de carro de bois de um grupo urbano a empreender uma longa e desconfortável viagem anos a fio, utilizando um meio de transporte obsoleto.

Discutir os arranjos, as intersecções do urbano com o rural contribuem para lançar luzes de juízo sobre a sociedade predominantemente urbana em que vivemos e fornece subsídios na descoberta dos mecanismos a que o cidadão recorre para lidar com a complexidade urbana.

A análise do papel da mulher na prática da romaria de carro de bois é outro tema que merece uma discussão mais aprofundada e pode ser uma questão para um próximo trabalho de pesquisa.

Sabedoras que somos do importante papel do(a) pesquisador(a) na quebra de preconceitos, trazendo novos olhares para problemas da realidade cotidiana. Esperamos que essa pesquisa possa contribuir no processo de compreensão dos valores do indivíduo moderno e urbano que vive diuturnamente a comunicação/intersecção dos valores urbanos com as ruralidades e possa também lançar luzes sobre os impactos desse processo na vida social dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

- AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BACZKO, Bronislau. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução Plínio Dentzin. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão. *Os deuses do povo*. 2. ed. Campinas: Brasiliense, 1986.
- _____. *A cultura na rua*. Campinas: Papyrus, 1989.
- _____. A partilha do tempo. In: SANCHIS, Pierre (Org.) *Catolicismo: cotidiano e movimento*. Rio de Janeiro: ISEER, 1992.
- _____. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. 3. ed. ampl. Uberlândia, EDUFU: 2007.
- _____. *A educação como cultura*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2007.
- DEUS, Maria do Socorro. A ação redentorista e as mudanças no comportamento religioso em Goiás pela romaria de Trindade (1894-1930). *Fragments de cultura*. Goiânia, v. 11, n. 2, p. 259-268, mar./abr. 2001.
- DEUS, Maria do Socorro de; SILVA, Mônica Martins da. *História das festas religiosas em Goiás*. Goiânia: Editora Alternativa, 2003. 74 p. il. (Coleção Histórias de Goiás).
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Família, moralidade e religião: tensões contrastivas contemporâneas em busca de um modelo. In: VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Orgs.). *Gerações, família, sexualidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- DURKHEIM, Émile. *Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Aspectos do mito*. Portugal: Ed. Almedina, 2000.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n. 1, jan./jun. 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIDDENS, Antony. *Sociologia*. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, Antônio Carlos; LICHT, René Henrique Götz; SANTOS, Brigitte Rieckman Martins dos. Por que fazer pesquisa qualitativa em saúde? *Caderno de Saúde*, São Caetano do Sul, v.1, n.2, p. 5-19, jul./dez. 2006.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HIGUET, Etienne. *Devoção e romaria à Santíssima Trindade: um olhar simpático na perspectiva de Paul Tillich*. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio05/devoção-e-romaria-a-santi>>. Acesso em: 23 set. 2009.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Trad. S. Martins. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

_____. *O direito à cidade*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEMONS, Carolina Teles. Religião e sociedade: a eterna busca de sentido. In: LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da (Orgs.). *O sagrado e as construções de mundo*. Goiânia: Ed. da UCG; Ed. da Universa, 2004. (Cadernos de Área: 20).

_____. A religião como espaço de conexão entre o rural e o urbano: os valores do indivíduo e comunidade em interação. *Caminhos*, Goiânia, v.2, p.71-86 n.1 jan./jun. 2004.

_____. *Religião, gênero e sexualidade: o lugar da mulher na família camponesa*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005.

_____. A (re)construção do conceito de comunidade como um desafio à sociologia da religião. In: *Estudos de religião*, v.23, n. 36, p.201-216, jan./jun. 2009.

MACHADO, Maximiniano Lopes. *A relação entre indivíduo e sociedade em Louis Dumont e Norbert Elias*. Disponível em: <www.anpuhpb.org/.../ST%2014%20-%20Maximiniano%20Lopes%20Machado%20TC.PDF>. Acesso em 15/07/2010.

MARTINS, J. Otávio. *Os peregrinos do Divino Pai Eterno: os carreiros e reprodução social da tradição*. Goiânia, 2001. 169 p. Dissertação (Mestrado) - Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás.

MARX, Karl. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. v. 1.

_____. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MENDRAS, Henri. *Sociedades camponesas*. São Paulo: Jorge Zahar Ed., 1984.

MICHELOTO, Antônio Ricardo. Realidade e perspectivas das tradições religiosas na pós-modernidade. *Interações – Cultura e comunidade*. v. 3, n. 3, p. 97-112, 2008.

MINAYO, Maria Cecília. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11. ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2007.

MOTA, Ireni Soares da et al. *A atuação do movimento carismático na Igreja Católica de Inhumas: (1980-2000)*. Cidade de Goiás, 2001 - Universidade Estadual de Goiás. Unidade: Cora Coralina. (TCC)

MONTE-MÓR, Roberto Luiz. Urbanização e modernidade na Amazônia contemporânea. In: LIMONAD, R. et al (Eds). *Brasil do século XXI por uma nova regionalização?* São Paulo: Max Limonad, 2006.

MOREIRA, Alberto da Silva. A religião no mundo globalizado: breve panorama de discussão. In: OLIVEIRA, Irene Dias (Org.). *Religião no centro-oeste: impacto sócio-cultural*. Goiânia: Ed. PUC-GO, 2007, p. 11-22

MOREIRA, Benedito. Das origens e da compreensão da romaria. *Fragmentos de cultura*, Goiânia, v.11, p. 239-310, n. 2, mar./abr. 2001.

NASCIMENTO, Silvana S. *Em busca da Trindade um estudo antropológico sobre uma romaria goiana*. Disponível em: <<http://members.tripod.com/bmgil/ns.html>>. Acesso em: 24 mar. 2009.

NETO, Belarmino Mariano. Geografia cultural e a construção do indivíduo liberal. *Olhares Geográficos*, dez. 2005. Disponível em: <<http://olharesgeograficos.blogs.sapo.pt/2005/12/>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de. O catolicismo do povo. In: SANTOS, B. Beni dos; MEIHY, C. Sebe Bom; ROLIM, F. Cartaxo et. al. *A religião do povo*. São Paulo: Paulinas, 1978.

_____. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. Adeus à sociologia da religião. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 18, n. 2. p. 43-62, 1997.

OLIVEIRA, Pedro. A. Ribeiro de; ARAÚJO, M. G. F. Pequenos Santos. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, vol. 2, p. 80-100 n. 1, 2011.

OLIVEN, R. G. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis, Vozes, 1985.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PARKER, Cristián. *Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina*. Trad. Atílio Bruneta. Petrópolis: Vozes, 1996.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: Editora da UCG; Editora Kelps, 2005.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. As transformações familiares e o olhar do sociólogo. In: *Sociologia da família contemporânea*. Trad. Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

PIERUCCI, Antonio F. Religião como solvente – uma aula. *Novos estudos. Cebrap* n.75, jul. 2006. p.111-127

PRADO, Danda. *O que é família*. São Paulo: Brasiliense-Britannica, 1984. (Col. Primeiros Passos)

RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203).

ROSENDHAL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2002.

SANCHIS, Pierre. Arraial: festa de um povo, as romarias portuguesas. São Paulo: Dom Quixote, 1992.

_____. Religiões, religião... alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org.). *Fiéis e cidadãos: recursos do sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

_____. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSUR, Edin S. *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. São Paulo: Papyrus, 2003.

_____. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. *Ciências Sociais y Religión/Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre, v. 8, n. 8, p. 85-97, outubro de 2006.

_____. Cultura brasileira e religião... passado e atualidade. *Cadernos CERU*. São Paulo, v. 19, n. 2, dez. 2008.

SANTOS, Milton. *Por uma economia da cidade*. São Paulo: Ed. Hucitec / Educ, 1994.

SILVA, Karine Monteiro da. *Catolicismo popular entre o amor e a cobiça: interrelações entre catolicismo popular, igreja católica oficial e poder público em Trindade*. Goiânia, 2005. Dissertação (Mestrado) - Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. *A construção de Brasília: modernidade e periferia*. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

SILVA, Valmor da. Lugares sagrados. In: RICHTER RAIMER, Ivoni; SOUZA, João Oliveira (Coords.). *O sagrado na vida: subsídios para aulas de Teologia*. 2009.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Gilberto O. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. *Sociologia: estudos sobre as formas de socialização (I,II)*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1939.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Trad. Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Capitalismo e urbanização*. São Paulo: Contexto, 2010 (Repensando a geografia).

STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reyes. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. *Revista Eletrônica Interface*. Sociologias, Porto Alegre, v. 12, n. 23, jan./abr. 2010.

STEIL, Carlos Alberto. *Pluralismo, modernidade e tradição: transformações no campo religioso*. *Ciências Sociais y Religión Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, out. 2001.

_____. *O sertão das romarias, um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, set./nov. 2005.

VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso*. Trad. Cyntia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. *Urbanização e ruralidade: relações entre a pequena cidade e o mundo rural e estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco*. Disponível em:

<<http://www.nead.org.br/index.php?acao=artigo&id=4>>. Acesso em: 10/10/ 2010.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 5. ed., São Paulo: Pioneira, 1987.

_____. *Economia e sociedade*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Babosa. Brasília: UNB, 1991.

WILLEMANN, Estela Martini. Elementos de identidades para a atuação do serviço social em territórios negros. *Tempo e Presença Digital*. Ecumenismo e Direitos, v. 1, n. 2. dez. 2007. (Publicação virtual de KOINONIA)

WOOD, Ellen Meiksins. *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.